

REVISTA

espirito livre

LIBERDADE E
INFORMAÇÃO

ENTREVISTA

Carlos d'Andréa,
jornalista e professor da UFV

License:
"""Abstract Base Classes """

```
f abstractmethod(funcobj):  
    """A decorator indicating abstract methods.
```

Requires that the metaclass is ABCMeta or derived from it. A class that has a metaclass derived from ABCMeta cannot be instantiated unless all of its abstract methods are overridden. The abstract methods can be called using any of the the normal 'super' call mechanisms.

```
age:
```

```
class C(metaclass=ABCMeta):  
    @abstractmethod  
    def my_abstract_method(self, ...):  
        ...
```

```
j._isabstractmethod_ = True  
funcobj
```

```
abstractmethod(property):  
    """A decorator indicating abstract properties.
```

that the metaclass is ABCMeta or derived from it. A class that has a metaclass derived from ABCMeta cannot be instantiated unless all of its abstract properties are overridden. Abstract properties can be called using any of the the normal 'super' call mechanisms.



PIRATARIA

A Internet das coisas - Pág 16

ACTA - O silêncio continua - Pág 35

O Software Livre e o genoma humano - Pág 62

Gerência de Redes com Zabbix - Pág 74

GNU LibreDWG - Pág 85



Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 3.0 Unported

Você pode:



copiar, distribuir, exibir e executar a obra

Sob as seguintes condições:



Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.



Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.



Vedada a Criação de Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.
- Nothing in this license impairs or restricts the author's moral rights.

Termo de exoneração de responsabilidade

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

Este é um sumário para leigos da Licença Jurídica (na íntegra).

Polêmicas a parte...

Pirataria. Um tema polêmico que divide opiniões, levanta questões éticas/morais, sem falar que eleva ânimos de muitos enquanto causa tumulto e prisões em certas situações. Isto tudo talvez porque os elementos necessários para a fundamentação do conceito da palavra "pirata" tenham sido distorcidos ao longo dos anos e atribuições indevidas foram feitas. Claro que, dadas as devidas proporções, e também a certos interesses, muita coisa já foi falada por entendidos (e desentendidos). Isso ajudou a disseminar uma imagem que muito provavelmente não é a que encontramos nestes "novos piratas". A Revista Espírito Livre tenta apresentar nessa edição, diversas visões, apresentadas por vários colaboradores que aproveitam este veículo de informação para fazer justamente o que ele se propõe a fazer: informar!

Muitos são levados a acreditar em significados distorcidos, julgamentos prematuros e muitas vezes inconsistentes. Fique atento.

A edição 20 também traz a seus leitores uma matéria extensa e bastante completa sobre Zabbix e seus agentes, sob a condução de Aécio Pires e André Déo. William Stauffer Telles fala sobre segurança, mas sob uma ótica não muito discutida pelos entendidos do assunto. Cezar Taurion levanta um tema bastante interessante e que inclusive foi tema de palestra na Latinoware 2010, ocorrida neste mês em Foz do Iguaçu: a Internet das Coisas, um conceito que visa mudar completamente a forma como temos acesso a certas informações.

Entrevistamos o jornalista e professor da UFV, Carlos d'Andréa, que fala sobre a influência do conceito wiki no jornalismo como conhecemos, sua vantagens e itens a serem analisados. Carlisson Galdino, além de sua coluna mensal, onde narra a Warning Zone, esta edição ainda publica dois de seus cordéis, ambos sobre pirataria. Vale a pena conferir!

Uma nova colaboração é feita por Aline Abreu, que levanta a questão do respeito dentro da comunidade, um fato nem sempre levado em consideração por certos usuários. Waney Vasconcelos fala das dificuldades de comunidades a que está inserido e como o Ubuntu - e o seu significado etimológico - pode representar uma mudança de realidade. Hailton David Lemos encontra similaridades entre o genoma humano e o conceito de software livre, relação que merece ser conhecida.

Além dos colaboradores citados, vários colunistas e diversas contribuições não somente através de artigos, mas em revisões e buscando novos materiais, são realizados por vários bravos e respeitados parceiros. A todos estes, o meu obrigado.

Nossos sorteios continuam e se você ainda não participou, esta é a chance. Quem sabe o próximo não seja você?! Além das promoções, se você tem algo a nos dizer - sugestões, relatos, casos de sucesso ou simplesmente um obrigado - não deixe de entrar em contato. A Revista Espírito Livre busca os mais diversos tipos de colaborações, onde o agradecimento, a simples leitura, a divulgação entre os amigos e muitas atitudes fáceis de serem feitas são percebidas como contribuição! Então, vamos fazer da Revista Espírito Livre um veículo de qualidade com cada vez mais participações dos leitores com o único propósito de devolver a estes, material de



João Fernando Costa Júnior
Editor



EXPEDIENTE

Diretor Geral

João Fernando Costa Júnior

Editor

João Fernando Costa Júnior

Revisão

Aécio Pires
Alexandre A. Borba
Carlos Alberto V. Loyola Júnior
Felipe Buarque de Queiroz
José Afonso da Silva Carvalho
Murilo Machado
William Stauffer Telles

Arte e Diagramação

João Fernando Costa Júnior

Jornalista Responsável

Larissa Ventorim Costa
ES00867-JP

Capa

Carlos Eduardo Mattos da Cruz

Contribuiram nesta edição

Aécio Pires
Albino Biasutti
Aline Abreu
André Gondim
André Déo
Alexandre Oliva
Carlisson Galdino
Carlos d'Andréa
Cezar Taurion
Fátima Conti
Felipe Corrêa da Silva Sanches
Gilberto Sudré
Hailton David Lemos
Jamerson Albuquerque Tiossi
João Felipe Soares Silva Neto
João Fernando Costa Júnior
José James Figueira Teixeira
Noellen Samara
Rodrigo Rodrigues da Silva
Roney Médice
Thiago Araujo
Waney Vasconcelos
Walter Capanema
Wilkins Lenon
William Stauffer Telles
Yuri Almeida

Contato

revista@espiritolivre.org

O conteúdo assinado e as imagens que o integram, são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, não representando necessariamente a opinião da Revista Espírito Livre e de seus responsáveis. Todos os direitos sobre as imagens são reservados a seus respectivos proprietários.

SUMÁRIO

CAPA

- 23** Pirataria
Alexandre Oliva
- 26** Quem são os piratas, afinal?
Waney Vasconcelos
- 31** Um só crime em vários formatos
Gilberto Sudré
- 33** SL como alternativa a pirataria
André Gondim
- 35** ACTA - O silêncio continua
Fátima Conti
- 41** Pirataria ou permissão implícita?
Jamerson Tiossi
- 44** O verdadeiro inimigo do SL
Walter Capanema
- 47** Copiar CD é Pirataria?
Roney Médice
- 50** Cordel da Pirataria
Cárlisson Galdino
- 54** Cordel Piratas & Reis
Cárlisson Galdino

**Entrevista com
Carlos d' Andréa**

PÁG. 57



COLUMNAS

- 16** A Internet das Coisas
Cezar Taurion
- 20** Warning Zone - Episódio 14
Carlisson Galdino



94 AGENDA



06 NOTÍCIAS

FORUM

62 O SL e o genoma humano

Hailton David Lemos

64 Opiniões

Jamerson Tiossi

67 Ubuntu e as comunidades

Waney Vasconcelos

71 Liberdade e Respeito

Aline Abreu

REDES

74 Zabbix: a função dos agentes

André Déo e Aécio Pires

SEGURANÇA

83 E por falar em segurança...

William Stauffer Telles



10 LEITOR



14 PROMOÇÕES

DESIGN

85 GNU LibreDWG

Rodrigo Rodrigues e Felipe Sanches

COMUNIDADE

89 Parabéns a Tux-ES

Albino Biasutti Neto

EVENTOS

90 Relato do Evento GNUTeco

Noellen Samara

QUADRINHOS

92 Por João Felipe Soares Silva Neto

e José James Figueira Teixeira

ENTRE ASPAS

94 Citação de Simone de Beauvoir

NOTÍCIAS

Por João Fernando Costa Júnior

KDE SC 4.6 beta 1 lançado



O time de desenvolvimento do KDE liberou a versão 4.6 beta1 de Espaços de Trabalho, Aplicações e Frameworks de Desenvolvimento, trazendo significantes melhorias à busca no desktop, um melhorado sistema de atividade e

um significante aumento de performance em gerenciamento de janelas e efeitos de desktop. Esforços em toda a base de código do KDE compensam ao tornar os frameworks do KDE mais adequados para uso em todos os dispositivos. Este lançamento provê uma base de teste para um lançamento estável em Janeiro de 2011. O anúncio oficial você confere [aqui](#):

Lançado Moodle 2.0



Martin Dougiamas, fundador do Moodle, anuncia que, depois de mais de dois anos de trabalho, a versão 2.0 encontra-se agora disponível para download. Quanto a melhorias, o

Moodle 2.0 apresenta um sistema de backup totalmente reescrito, suporte para comentários sobre as entradas de blog e muito mais. Para saber mais sobre todas as novidades, basta visitar o site oficial do projeto: <http://moodle.org>. É importante lembrar que o Moodle está licenciado sob termos de GPL2 e já conta com mais de 1 milhão de usuários registrados.

Microsoft ajudando OpenStreetMap



A Microsoft anunciou que contribuirá para o projeto OpenStreetMap. Steve Coast, arquiteto principal para o Bing Mobile ajudará a desenvolver melhores experiências de mapeamento para seus clientes e parceiros e liderará esforços para engajar-se ao OpenStreetMap e outros projetos de dados abertos e código aberto. Saiba mais em <http://lwn.net/Articles/416994/> e [aqui](#). Seria esta uma estratégia frente a soluções dominantes e gratuitas de mapas já disponíveis pelo Google, Yahoo, Nokia, e tantos outros?

Lançado Stoq 0.9.14



É com muita satisfação, que a equipe Stoq anuncia a versão 0.9.14 do Stoq. Entre os atrativos desta versão consta a integração dos plugins para ECF e NF-e para empresas que necessitam da emissão dos arquivos combinados. Com este recurso, além do cupom fiscal, deverá ser emitida, também, a Nota Fiscal eletrônica nos casos em que a legislação exija este documento ou quando for solicitado pelo adquirente da mercadoria. As classes de impostos foram criadas para atender as exigências da NF-e. Para maiores informações acesse o site oficial da solução: <http://www.stoq.com.br>.

Disponibilizado framework Jaguar no Portal do Software Público



A Powerlogic lançou, no primeiro dia da Lationware 2010, o JAGUAR, uma contribuição

à comunidade de software livre que agora passa a ter um framework de integração gratuito na versão GPL2 e GPL3, criado a partir do software jCompany Developer Suite. Durante os três dias do evento os participantes puderam conhecer o mais novo Software Público Brasileiro no estande da Powerlogic, patrocinadora do evento. O JAGUAR traz uma arquitetura de software de alto nível, reutilizável e extensível, baseada na integração de dezenas de frameworks de base Open Source, que são líderes em seus segmentos, aplicando generalizações de Orientação a Objeto em uma arquitetura MVC2. O resultado é uma solução com alto nível de abstração, pouco código Java que utiliza recursos como IoC, DI e AOP, de forma natural e padronizada. Além disso, o JAGUAR produz aplicações Java EE 5 Full-Compliant, incluindo interfaces Web 2.0 com alta usabilidade e aderente aos padrões de mercado. Saiba mais em: http://www.softwarepublico.gov.br/ver-comunidade?community_id=25913900.

Crie plantas com o Sweet Home 3D



O Sweet Home 3D possibilita que usuários que não têm habilidade com softwares específicos para a arquitetura e engenharia possam fazer quase que infinitos modelos de design de interiores em duas e três dimensões dos mais diversos tipos de imóveis. Além de vir com uma vasta biblioteca de itens como janelas, portas e móveis, é possível também importar outros arquivos desejáveis criados por usuários, através de sites como

Google 3D Warehouse, do Sketchup. Saiba mais: <http://www.sweethome3d.com>.

Pesquisadores do MIT adaptam Kinect para navegar na web com gestos



Um grupo de quatro pesquisadores do MIT criaram o DepthJS, uma extensão para o navegador Chrome, que permite ao internauta acessar sites e interagir com o conteúdo da web utilizando as mãos. Aaron Zinman e outros três colegas, todos pesquisadores do Media Lab, adaptaram o Kinect, novo sistema que, acoplado ao XBOX 360, permite que o jogador utilize o console apenas com movimentos do corpo, para trabalhar com uma extensão de software instalada no navegador Chrome, desenvolvida pelo Google. Como resultado, o internauta interage com os sites na internet por meio de gestos simples. Veja o vídeo e surpreenda-se: <http://vimeo.com/17180651>.

Canonical migra 85.000 computadores da Polícia Francesa para Ubuntu



Recentemente, a Polícia francesa revisou suas políticas de TI e teve como resultado um mega projeto de migração, executado pela Canonical, empresa desenvolvedora do Ubuntu. Tal medida livrou a Polícia francesa

das licenças que a vinculavam à Microsoft. A mudança para GNU/Linux e OpenOffice gerará uma economia de aproximadamente 2 milhões de euros ao ano. A Polícia afirma que acha o Ubuntu muito mais simples para administrar e manter que o Windows. O case completo você encontra no site da Canonical: <http://www.canonical.com/sites/default/files/active/Casestudy-GendarmerieNationale.pdf>.

ACATE e SOFTEX promovem curso gratuito de capacitação em Java para estudantes



A Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia e a V.Office promovem curso gratuito de Programação em Java direcionado para alunos que cursam o último ano do ensino médio e técnico na área de TI, alunos de cursos de Graduação em informática ou

áreas afins e alunos formados a menos de um ano em cursos de nível médio e técnico na área de TI. O objetivo do projeto é proporcionar ao participante a possibilidade de implementação dos conceitos de orientação a objetos na linguagem Java, apresentando aspectos desta linguagem e as classes mais utilizadas no processo de desenvolvimento, bem como boas práticas de programação e consulta de documentação de ambientes P.O.O. Informações no site <http://www.capacitacaojava.tangu.com.br>.

Aceleração de Hardware para Moonlight



Moonlight, a parte do MO-NO responsável especialmente pela reprodução de conteúdo Silverlight para plataforma Linux, pode agora utilizar o hardware das placas gráficas para renderizar efeitos 3D e fazer reprodução de vídeos. Quem afirma é o chefe de desenvolvimento de produtos para Mono, Miguel de Icaza, que também informa que o Moonlight aparentemente, acelera todos os pixel shaders, enquanto Microsoft Silverlight só acelera algumas delas. Os usuários interessados em experimentar o driver podem encontrar o código na plataforma de hospedagem GitHub. Mais informações no blog de Miguel de Icaza: <http://tirania.org/blog/archive/2010/Nov-23.html>.

KDE Project lança OwnCloud 1.1



O projeto KDE informa o lançamento da versão 1.1 do ownCloud, um sistema de código aberto, com base na web, que roda no servidor pessoal de um usuário. Diferentemente de outras soluções baseadas em nuvem como o Google Docs, o Dropbox, ou Ubuntu One, os usuários não precisam carregar os seus dados privados de um sistema centralizado. Com ownCloud, os usuários têm controle total sobre seus dados e podem acessar suas informações pela web a partir de uma variedade de dispositivos. A versão 1.1 do ownCloud já está disponível para download no site do projeto: <http://owncloud.org>.

NVIDIA CUDA Toolkit 3.2 já está disponível



A NVIDIA, gigante conhecida por seus processadores gráficos (GPUs) e chip-sets, lançou recentemente a nova versão de seu software CUDA (Compute Unified Device Architecture). Esta versão 3.2 do Toolkit

CUDA apresenta novas bibliotecas matemáticas e revisões de desempenho, entre outros. Para aqueles que ainda não conhecem, o CUDA é um modelo de programação e ambiente de desenvolvimento, que permite a desenvolvedores fazer uso do poder de processamento das GPUs NVIDIA. O conjunto de ferramentas CUDA 3.2 está disponível para download para Windows, Mac OS X e Linux a partir de NVIDIA Developer Zone. O uso do Toolkit CUDA é regido por uma NVIDIA End User Licence Agreement. Para o download, visite: http://developer.nvidia.com/object/cuda_3_2_downloads.html.

Lançado Beta 1 do framework Demoiselle 2.0



Demoiselle FRAMEWORK

O Demoiselle Framework é uma integração de várias tecnologias de software e uma arquitetura de referência. A versão 2.0 da ferramenta implementa diversas

mudanças na forma como o framework lida com persistência, transação, injeção de dependência, estereótipos, configuração, tratamento de exceções, inicializadores e a própria estrutura do projeto. A próxima versão será um Release Candidate, que é o último passo para uma versão estável. Mais informações [aqui](#).

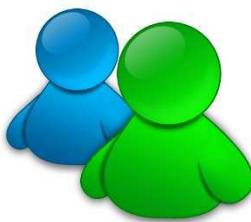
Fusion: AMD lança drivers open-source para o Ontario



AMD

Aí vai uma boa notícia para aqueles que estavam preocupados com a compatibilidade da plataforma AMD Fusion no Linux: embora a AMD ainda esteja devendo drivers para a família Radeon HD 6xxx, ela acabou de disponibilizar a versão inicial dos drivers open-source para a plataforma Ontario (a versão de baixo consumo, destinada a netbooks e tablets). Mesmo na versão inicial, os drivers já estão bastante completos, oferecendo suporte a 2D, X-Video (aceleração de vídeos) e 3D/OpenGL (com tanto suporte ao Mesa quanto ao Gallium3D). Saiba mais no [Phoronix](#).

Projeto Emesene pede ajuda



Um dos projetos mais promissores de comunicador instantâneo no desktop livre é o Emesene, porém está enfrentando dificuldades para concluir a versão 2.0. Um post

no Blog do Emesene está pedindo por ajuda de desenvolvedores, empacota-

dores e testadores. Ou seja estão precisando praticamente de todo tipo de ajuda. O programa é escrito em Python e possui suporte para as redes MSN, Gtalk e Facebook. Vamos contribuir! <http://emesene.org>.

Lançada nova versão de verificador ortográfico para Firefox



A versão do verificador ortográfico para português do Brasil para Firefox está disponível com atualizações na base de dados e suporte para Thunderbird, SeaMonkey, Sunbird e Fennec (aka Firefox Mobile). Para mais informações, visite este link: <http://ateliadematematica.blogspot.com/2010/11/verificador-ortografico-para-portugues>.

MonaOS 0.3.1 lançado

O micro kernel Mona 0.3.1 foi lançado. O tamanho do Kernel impressiona: são apenas 132KB. O lançamento agora conta com BSD Socket, navegador web baseado em texto w3m, KVM virtio-net, block driver, FAT32, interpretador Mosh Scheme. Para mais informações, visite o site oficial: <http://www.monaos.org>.

BrOffice.org e Itaipu Binacional anunciam criação do Centro de Excelência em Software Livre



Iniciativa visa preparar profissionais para contribuir no desenvolvimento de código do BrOffice e, futuramente, de outros projetos de software livre. As atividades devem iniciar já no primeiro trimestre de 2011. O anúncio foi feito durante solenidade de abertura da Latinoware 2010, no último dia 10 em Foz do Iguaçu/PR. Para mais informações visite <http://www.broffice.org>.

EMAILS, SUGESTÕES E COMENTÁRIOS



Ayhan YILDIZ - sxc.hu

Olá caro leitor! Esta é a Coluna do Leitor, o seu espaço. Aproveite-o para relatar alguma sugestão, proposta ou dica de como podemos melhorar ainda mais a Revista Espírito Livre. Diga o que pensa a respeito das matérias, entrevistas e artigos que são publicados a cada mês por aqui. Mas não fique com vergonha: Se algo não ficou legal e precisa ser mudado? Avise-nos! Ajude-nos a melhorar a publicação, tornando-a ainda melhor. Contribua, manifeste-se e mostre a nós e aos demais leitores o quanto importante é ter o "espírito livre". Abaixo listamos alguns comentários que recebemos nos últimos dias:

A Revista Espírito Livre é uma das melhores revistas do momento e que sempre está atualizada com as novidades para nós leitores e usuários do Software livre.

Alax Ricard de Souza Silva - Cabo de Santo Agostinho/PE

A melhor e mais abrangente revista digital sobre SL.

Ricardo Esteves Pontes - Campinas/SP

Ótima revista para aprendizado e conhecimento do open source.

Cleiton Alves de Oliveira - Carapicuíba/SP

Muito legal e aborda exatamente os interesses dos leitores.

Leandro Tsujiguchi - Presidente Prudente/SP

Excelente opção de entretenimento, cultura e atualidades em TI. Umas das melhores mídias alternativas, visto que é muito importante termos profissionais competentes levantando a bandeira do software livre. Para quem ainda não conhece e para estarmos por dentro das notícias do "mundo software livre".

Alexandre Ricardo C. de Oliveira - Belém/PA

A melhor e mais completa no assunto, quando se fala em software livre. Recomendada para qualquer pessoa, desde estudantes a especialistas, pra quem queira conhecer a filosofia de software livre ou quem queira ficar por dentro das novidades do mundo livre.

Guilherme Leandro Freitas - Bom Jesus de Goiás/GO

Essencial para o profissional de TI, sempre com ótimas matérias e entrevistas. Fundamental pra quem trabalha com software livre.

Alessandro Carvalho de Melo - Manaus/AM

Muito boa, especialmente por ter coragem de encarar o fato de além de ser gratuita não perder a qualidade em seu conteúdo.

Ranyere Batista de Queiroz Trindade/PE

Muito boa, rica em novidades open source e essa sobre o Ubuntu foi nota 10! Gosto muito do Ubuntu e gostei muito da revista!

Paulo Renato Cavalcanti Freire - Recife/PE

COLUNA DO LEITOR

Excelente! A Revista Espírito Livre traz as melhores reportagens do momento. Para quem está ligado no dia-a-dia da informática sabe muito bem como é importante os assuntos discutidos e apresentados em cada edição. Continuem assim, parabéns pelo belo trabalho.

Francisco Pacheco dos Santos Filho - Curitiba/PR

Uma revista muito interessante, informativa e sensacional.

Giovane da Silva Sobrinho - Petrópolis/RJ

Muito Massa! A revista é muito bem escrita, informações sobre SL de primeira mão!

Romario Kionys de Freitas Dias - Olho D'água do Borges/RN

A Revista Espírito Livre é para mim a melhor revista da área de Software Livre, parabenizo a todos que fazem parte desse limpo trabalho de expansão de um estilo revolucionário de viver.

Josenaldo Júnior Carvalho Gomes - Tailândia/PA

Uma ótima revista pra se manter atualizado.

Thiago Reis de Oliveira - Guarulhos/SP

Acho uma iniciativa muito boa devido a ausência de boas publicações sobre software livre. A revista com certeza supre a necessidade abordando temas atuais.

Marcelino Rodrigo Saraiva - Belém/PA

Uma revista atualizada com o mundo Software Livre, bom conteúdo e o que é melhor, 0800! Sempre que eu posso, acompanho as edições!

Carlos A. B. Macapuna - Belém/PA

Muito boa. Tiro várias dicas dela.

Robson da Costa Medeiros - Rio de Janeiro/RJ

A revista é sensacional, me impressiona a preocupação crescente com a qualidade do

material, os constantes avanços, com certeza é a melhor revista de tecnologia e software livre que já vi!

Jose Afonso - Rio de Janeiro/RJ

Uma revista com entrevistas interessantes, matérias muito bem escolhidas e voltadas para o dia a dia de quem utiliza e/ou pretende utilizar Linux de uma forma Geral.

Carlos Frederico Santos Belota - Manaus/AM

Informações atualizadas e de forma clara. É uma revista que a cada edição surpreende, sou leitora assídua!

Vanini Bernardes Costa de Lima - Rio de Janeiro/RJ

Melhor fonte editorial sobre Software Livre do Brasil.

Celso H. L. S. Junior - São Luis/MA

Uma revista show de bola com conteúdo atualizado e bastante dinâmico.

Bruno Bione de França - Guarulhos/SP

Faço bastante uso da revista aqui no trabalho. Também a uso como ponto de partida para manter as pessoas que estão conhecendo o que é software livre informadas.

Ricardo do N. Francisco - Rio de Janeiro/RJ

Melhor publicação sobre o mundo do software livre e as atualidades do mundo Linux.

Marcelo Andreas Janetzky - São José dos Pinhais/PR

Maravilhosa! Realmente os usuários Linux não se sentirão mais sozinhos. Esta revista tem também tudo o que um iniciante no fantástico mundo Linux precisa saber.

Rodrigo Alves de Oliveira - João Pessoa/PB

A Revista sempre trás, um conteúdo diferenciado e de ótima qualidade.

Mateus Kern - Ivoiti/RS

COLUNA DO LEITOR

É sempre um orgulho poder ler a Revista Espírito Livre - Recheada de bom conteúdo - elevando ainda mais o nosso conhecimento. Dá gosto de ler!

Leandro Caldas Siqueira - São Gonçalo/RJ

Muito rica em informações sobre código aberto! Sou um fã do Ubuntu e gostei muito da revista!

Paulo Renato Cavalcanti Freire - Recife/PE

Uma excelente revista da área de software livre e linux, sempre com conteúdos atuais que proporcionam aprendizado tanto para leigos e usuários avançados.

Fabrício Basto - São Gabriel da Palha/ES

Uma excelente fonte de informações sobre o universo do software livre. Acredito no crescimento da revista para que mais pessoas possam conhecer o potencial e as vantagens em usar sistemas gratuitos com qualidade.

Tiago Ferreira Pinheiro - Juiz de Fora/MG

A Revista Espírito Livre é única, não conheço nada do tipo voltado para o público do software livre. As matérias são excelentes e a revista está melhorando a cada edição. Parabéns pelo trabalho.

Gabriel dos Santos Sobral - Campinas/SP

A melhor revista sobre OpenSource. A cada edição, abre nossa mente sobre o que é ser livre para podermos escolher o desenvolvimento justo e acessível à todos.

Anderson Peres de Oliveira - Paracatu/MG

Sensacional essa revista, sempre esperando novos lançamentos!!

Adriano Carvalho Batista - Santa Maria/DF

Uma alternativa muito interessante assim como todos os SL que possuímos hoje no mercado aberto. Estão de Parabéns.

Nathan Lopes de Moraes Longo - Rio Pardo/RS

Como o próprio nome diz Espírito Livre.. Livre eu me interesso muito. Gosto muito de novidades. Gosto muito dessa revista.

Guilherme Ferreira Marques - Arapongas/PR

É a melhor do brasil em conteúdo de software livre, num fui tão bem informado sobre TI livre.

Blenner Resende de Carvalho Enes - Divinópolis/MG

Excelente iniciativa! Excelente trabalho! Matérias muito boas e interessantes.

Luiz Antonio Faria - Campinas/SP

Show, muito interessante e com um conteúdo atual.

Raimundo Soares Junior - Fortaleza/CE

Revista séria e com informações muito atualizadas. Muito boa as informações sugestões de cursos, eventos, pesquisas, debates e outros. Parabéns.

Jorge Luis Camara Rangel - Vila Velha/ES

Uma ótima iniciativa que deu certo e que nos ajuda enxergar cada dia mais a beleza e o poder que software livre nos proporciona.

Dulcyelliton Silva - Vitória de Santo Antao/PE

Uma revista altamente informativa e bem escrita com um layout bem bolado e atraente.

Raimundo Antonio Santo Silva - Senhor do Bonfim/BA

É sempre bom poder ler mais e mais notícias de qualidade sobre tecnologia ainda mais quando estamos falando de um mercado em ascensão como o "Open Source". No quesito qualidade a Espírito livre veio para mostrar que não brinca em serviço. Parabéns aos editores e que ela continue sendo essa revista excelente e com matérias de sobra pra satisfazer nossa fome de conhecimento. Viva a comunidade Linux \o/

Alessandro Diego - Belo Horizonte/MG

COLUNA DO LEITOR

Interessante, principalmente pela forma de abordagem dos assuntos propostos e escritos nas edições... Prática, objetiva e ideal para quem está começando agora a conhecer o mundo GNU/Linux.

Francisco E. Silva Júnior - Porto Seguro/BA

Parabéns pela contribuição a comunidade de software livre espalhada no Brasil. Atitudes como essas são louvaveis e merecem destaque no cenário nacional e internacional. Parabéns a equipe do Espírito Livre. Continuem, e vivam na força desse trabalho!

Jonathas Ramos - Nossa Senhora do Socorro/SE

A revista Espírito Livre é uma publicação excelente, tanto em conteúdo quanto em qualidade. É um ponto a mais na divulgação do mundo Linux! Parabéns a toda a equipe!

Márcio André Fernandes Addario - Belém/PA

Poucas revistas tratam tão bem assuntos relacionados a TI, quanto a Revista Espírito Livre, principalmente no que diz respeito ao mundo Free Software, parabéns a todos que fazem essa excelente revista.

Hezrom da Conceição Nogueira - Parnaíba/PI

Um ótimo canal de informação sobre os softwares livres.

Adão Keisaku Matida - Campo Grande/MS

De forma bem resumida, completamente interessante, fundamentada e atual!

Afonso Henrique Oliveira - São Mateus/ES

Acho a Revista Espírito Livre muito bonita e interessante, gosto muito dos assuntos que são abordados. Estão de parabéns!

Tiago David Barcelos - Colatina/ES

Uma excelente fonte de consulta e pesquisa.

Flávio Apolinário de Souza - Osasco/SP

Muito interessante, pois trata a respeito de um sistema que ainda muita gente tem medo de migrar, que faz as mesmas coisas que os outros. Sendo bem melhor de administrar e mais fácil para lidar com alguns programas.

Lizarb S. Pacheco - Teixeira de Freitas/BA

É notável e admirável a contribuição da revista para todos que acompanha e que estão começando no Software Livre e em notícias de tecnologia em geral! Fonte de dados indispensável.

Eduardo M. Santos de Brito - Juazeiro/BA

Muito boa, parabéns. Usando palavras com clareza e simplicidade a revista Espírito Livre consegue falar na mesma língua da comunidade open source, Linux, ubuntu no mundo. Realmente é um trabalho de primeira, e fico sempre esperando a próxima edição no RSS reader que sou inscrito. Muito Obrigado e continuem assim cada vez melhor.

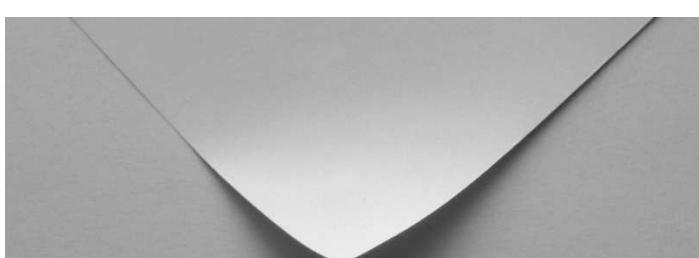
Fabiano Gastaldi - Joinville/SC

Perfeita. Cada edição surpreende com ótimas matérias e entrevistas.

Leandro Rodrigues Gamito - Guarulhos/SP

Estou gostando muito da revista. Leo todas as edições e também recomendo a revista para alguns meus amigos que querem conhecer Linux.

Ricardo Tweeg - Rio de Janeiro/RJ



Comentários, sugestões e contribuições:

revista@espiritolivre.org

PROMOÇÕES

VirtualLink
Soluções e Treinamentos em Linux
www.virtuallink.com.br

A promoção continua! A VirtualLink em parceria com a Revista Espírito Livre estará sorteando kits de Cd e Dvd entre os leitores. Basta se inscrever neste [link](#) e começar a torcer!



Não ganhou? Você ainda tem chance! O Clube do Hacker em parceria com a Revista Espírito Livre sorteará associações para o clube. Inscreva-se no [link](#) e cruze os dedos!

TreinaLinux®
www.treinalinux.com.br

A TreinaLinux em parceria com a Revista Espírito Livre estará sorteando kits de DVDs entre os leitores. Basta se inscrever neste [link](#) e começar a torcer!

FSLDC
Fórum de Software Livre de Duque de Caxias

11 de Dezembro de 2010
Hotel Mont Blanc | Duque de Caxias - RJ
[CLIQUE AQUI PARA PARTICIPAR!](#)

TUTALINUX
Canal IRC: irc.rizon.net/#tutolinux
E-mail: contato@tutolinux.com.br

O Projeto Tutolinux em parceria com a Revista Espírito Livre estará sorteando kits de bottons entre os leitores. Basta se inscrever neste [link](#) e começar a torcer!

PASL.NET.BR

PASL em parceria com a Revista Espírito Livre estaremos sorteando 5 kits.

contendo em cada KIT:

- * 2 Bottons
- * 1 Adesivo

PARTICIPE ----->



Clique Aqui

Relação de ganhadores de sorteios anteriores:



Ganhadores da promoção II WinLinux Day:

1. Alexandre Ricardo C. de Oliveira - Belém-PA
2. Josenaldo Junior Carvalho Gomes - Tailândia/PA
3. Romario K. Freitas Dias - Olho D'água do Borges/RN
4. Marcelino Rodrigo Saraiva - Belém/PA
5. Carlos A. B. Macapuna - Belém/PA



Ganhadores da promoção PHP Conference Brasil 2010:

1. Eduardo Silva Monteiro - Cruzeiro/SP
2. Cleiton Alves de Oliveira - Carapicuíba/SP
3. Fabiano Gastaldi - Joinville/SC
4. Leandro Senni Tsujiguchi - Presidente Prudente/SP
5. Alax R. Souza Silva - Cabo de Santo Agostinho/PE



Ganhadores da promoção TreinaLinux:

1. Francisco Luiz da Costa Ferreira - Teresina/PI
2. Carlos Alberto Bezerra Júnior - Areia Branca/RN



Ganhadores da promoção Clube do Hacker:

1. Guilherme Ferreira Marques - Arapongas/PR
2. Raimundo Soares Junior - Fortaleza/CE
3. George Max - Porto Velho/RO



Ganhadores da promoção Virtuallink:

1. Afonso Henrique Oliveira - São Mateus/ES
2. Hezrom da Conceição Nogueira - Parnaíba/PI
3. Jonathas Santos Ramos - Nossa Senhora do Socorro/SE
4. Alessandro Diego - Belo Horizonte/MG
5. Nanci de Brito Bonfim - Salvador/BA



Michal Ufnar / stockhu

A INTERNET DAS COISAS

Por Cezar Taurion

Um assunto que começa a despertar interesse é a chamada Internet das Coisas. Nos últimos dois meses fui convidado a dar quatro ou cinco entrevistas sobre o tema. Assim, vamos abordar assunto aqui e mostrar qual a relação entre a Internet das Coisas, Open Source e Cloud Computing.

Bem, para começar podemos definir a Internet das Coisas como uma infraestrutura de rede global baseada em padrão IP onde coisas físicas (objetos) ou virtuais, com suas identidades únicas a atributos interoperam entre si e com sistemas de informação. Na Internet das Coisas, as coisas e objetos participam ativamente

dos processos sociais e de negócios, compartilhando dados e informações "sentidas" sobre o ambiente em que se encontram, reagindo de forma autônoma aos eventos do mundo físico, influenciando ou modificando os próprios processos em que se encontram, sem necessidade de intervenção humana.

A interação com as coisas ou objetos inteligentes ("smart things") dá-se geralmente na forma de interfaces para serviços, uma vez que estes objetos fazem parte de um conjunto maior. Por exemplo, um semáforo inteligente pode ter seu controle de tempo modificado por variáveis simples co-

mo hora (maior ou menor fluxo do trânsito) ou data (feriado ou dia da semana), bem como a partir de uma central que, baseado em algoritmos sofisticados, analisa outras informações e variáveis, oriundas de outros semáforos ou de incidentes como uma colisão em ruas próximas, que alteram o fluxo do trânsito. O semáforo faz parte de um serviço de controle de trânsito. Por curiosidade, além do nome Internet das Coisas podemos achar também na literatura os termos Computação Pervasiva (Pervasive Computing) ou Computação Ubíqua (Ubiquitous Computing).

Na Internet das Coisas, a comunicação se dará principalmente entre objetos e data centers, onde infraestruturas de computação em nuvem (Cloud Computing) disponibilizarão capacidade computacional elástica e flexível o suficiente para acomodar esta grande demanda por recursos de armazenamento e processamento. O uso de recursos computacionais em nuvens é necessário, pois à medida que a computação vai se tornando cada vez mais onipresente, com objetos interagindo uns com os outros e etiquetas de produtos contendo chips com Identificação por Rádio Frequência (RFID) colados em latas de cerveja e pacotes de sucrilhos, o volume de dados que irão trafegar pelas empresas e que precisarão ser manuseados em tempo real se-

rá absurdamente maior que o atual. A imprevisibilidade da demanda aumentará também de forma exponencial e será impossível implementar sistemas pelo tradicional método de dimensionamento de recursos pelo consumo no momento de pico, pois os custos serão simplesmente astronômicos. Juntando-se a necessidade de acompanhar a flutuação das demandas de mercado com o crescimento dos volumes e serviços prestados, e com a subutilização dos recursos computacionais hoje disponíveis nas empresas, chegamos à constatação de que precisamos de um novo modelo computacional, mais flexível e adaptável à velocidade das mudanças que ocorrem diariamente no mundo dos negócios. Nuvem computacional significa que toda uma rede de computa-

dores estará disponível ao usuário para executar seus programas, sem que ele precise saber exatamente qual ou quais computadores estarão fazendo o trabalho.

A Internet das Coisas vai criar uma rede de centenas de bilhões de objetos identificáveis e que poderão interoperar uns com os outros e com os data centers e suas nuvens computacionais. A Internet das Coisas vai aglutinar o mundo digital e o mundo físico, permitindo que os objetos façam parte dos sistemas de informação. Com a Internet das Coisas podemos adicionar inteligência à infraestrutura física que molda nossa sociedade.

Com tecnologias cada vez mais miniaturizadas podemos colocar inteligência (leia-se software) nos limites mais externos das redes, permitindo

 **A Internet das Coisas vai criar uma rede de centenas de bilhões de objetos identificáveis e que poderão interoperar uns com os outros e com os data centers e suas nuvens computacionais.** 

Cesar Taurion

que os processos de negócio sejam mais descentralizados, com decisões sendo tomadas localmente, melhorando o seu desempenho, escalabilidade e aumentando a rapidez das decisões. Por exemplo, sensores que equipam um automóvel enviam sinais em tempo real para um algoritmo sofisticado em um processador no próprio veículo, que pode tomar decisões que melhoram a segurança da sua condução, evitando colisões ou mau uso dos seus componentes. Outras informações podem ser repassadas a uma central que monitore o percurso, gerenciando a forma do usuário dirigir o veículo e retribuir esta forma de direção em descontos ou taxas adicionais

de seguros. Podem enviar informações que mostram que o veículo está sendo furtado e portanto decisões como o bloqueio de sua condução e acionamento da força policial podem ser tomadas.

Indiscutivelmente que o Linux e o Open Source tem um papel muito importante no cenário da Internet das Coisas. É um cenário com peculiaridades específicas. Os objetos inteligentes apresentam uma ampla diversidade de funcionalidades e utilizam uma gama muito grande de processadores. As interfaces de acesso também são variadas, indo de simples teclados e mouses, a sensores e atuadores especializados.

A maioria dos dispositivos como sensores e atuadores dispõe de pouco espaço, e, portanto o software deve operar em ambientes de recursos computacionais limitados, como memória ou ausência de discos magnéticos. Outra característica do software embarcado é que deve apresentar alta estabilidade. Uma aeronave ou uma usina nuclear não pode apresentar falhas no software. Claro que existem dispositivos menos exigentes quanto à falhas, como por exemplo, uma máquina de venda de refrigerantes (vending machine), onde uma eventual falha não causa maiores danos ou riscos de vida. Mas os controles de voo de uma aeronave ou que controlam os freios de um veículo não podem apresentar falhas. O Linux, pela qualidade de seu código, se insere muito bem neste contexto. E outro impulsionador para o uso do Linux em sistemas embarcados é o próprio modelo de software livre, que não exige pagamento por licenças. Como muitos destes dispositivos são contados aos milhões, pagamento de royalties tornaria o negócio inviável.

A Internet das Coisas implica em uma relação simbólica entre o mundo físico e o mundo digital, com entidades físicas tendo também sua única identidade digital, podendo com esta comunicar-se e interagir com outras entidades do mundo virtual, sejam estes ou-

Indiscutivelmente que o Linux e o Open Source tem um papel muito importante no cenário da Internet das Coisas. É um cenário com peculiaridades específicas. Os objetos inteligentes apresentam uma ampla diversidade de funcionalidades e utilizam uma gama muito grande de processadores.

Cezar Taurion

etros objetos ou pessoas. E não é futurologia, mas algo que já é realidade.

Mas, como resolver a questão do endereçamento destas centenas de bilhões de objetos?

Recentemente, durante algumas das minhas palestras sobre os conceitos de Smarter Planet e Smarter Cities, fiz uma pesquisa informal e descobri, para meu espanto, que muitos profissionais ainda não se ligaram na importância do problema de endereçar um imenso número de objetos e sensores e as limitações do atual protocolo IPv4. Assim, achei interessante abordar, embora de forma sucinta, esta questão aqui.

A maioria dos servidores e estações cliente que estão em uso na Internet usam o Internet Protocol version 4 ou IPv4. Mas o IPv4 apresenta diversas limitações, principalmente o fato de não conseguir endereçar o imenso volume de objetos que farão parte da Internet das Coisas. O IPv6 foi desenhado para substituir o IPv4 e eliminar estas restrições. Seu projeto está em desenvolvimento e evolução desde meados dos anos 90 e nos últimos anos vem recebendo bastante atenção por parte dos fornecedores de tecnologia e dos principais governos do mundo. Um maior detalhamento e as especificações do IPv6 podem ser vistas no site do IETF (Internet Engineering Task Force), em [1].

A principal razão para este interesse é sua capacidade muito maior de endereçamento, permitindo que o conceito de Planeta e Cidades Inteligentes seja implementado em sua potencialidade. O IPv4 consegue enxergar cerca de 4,3 bilhões de endereços e em fins de 2008 apenas 15% (cerca de 644 milhões) ainda estavam disponíveis. Este número é insuficiente para endereçar o imenso volume estimado de objetos inteligentes que deverão entrar em operação nos próximos anos. Basta pensar que somos seis bilhões de pessoas e em poucos anos pelo menos 2/3 desta população poderá ter diversos aparelhos que se comunicarão via Internet (smartphones, automóveis, câmeras digitais, etc) e portanto este número já não comporta esta demanda previsível. E quando falamos em pelo menos um trilhão de objetos, a maioria dos quais trocando informações pela Internet, vemos que inevitavelmente o IPv4 já não é mais suficiente para a Internet das Coisas. Para termos uma ideia da imensa potencialidade de endereçamento do IPv6 (que usa 128 bits comparado aos 32 bits do IPv4), se cada endereço fosse uma molécula, elas formariam um volume do tamanho da Terra no IPv6, enquanto os endereços IPv4 formariam um volume do tamanho de um simples iPod.

O ritmo de adoção do IPv6 deverá se acelerar em todo o mundo. Hoje, o seu nível de utilização ainda é baixo, situando-se em torno do 1% do tráfego total da Internet. Estima-se que chegue a 5% deste tráfego já em 2013, crescendo de forma exponencial a partir daí, à medida que mais e mais objetos inteligentes começam a conversar uns com os outros. Algumas estimativas apontam que já em 2018 cerca de 50% do tráfego na Internet será IPv6.

A implementação do conceito da Internet das Coisas passa pelo princípio que o mundo está cada vez mais instrumentado e conectado. Claramente o IPv6 é parte essencial deste cenário. 

Referências

[1] <http://www.tools.ietf.org/html/rfc2460>



CEZAR TAURION é Gerente de Novas Tecnologias da IBM Brasil. Seu blog está disponível em www.ibm.com/developerworks/blogs/page/ctaurion



Por Carlisson Galdino

Episódio 14

Porrada!

No episódio anterior, Darrell e Pandora chegam à PerfWay destruída, mas conseguem chegar antes que o grupo de Tungstênio, autonomeado SATAV (SysAtom Technology/AtionVir), deixe o local. Após uma discussão, o confronto se torna inevitável.

Montanha: Você nunca vai nos derrotar! Você acha que pode conosco! Olhe para nós e olhe para você mesmo! É patético, Cigano!

Darrell: Meu nome é Darrell!

Montanha: Tá, Cigano.

Darrell: E essa sua conversa está parecendo Cavaleiros do Zodíaco! Faça-me o favor...

Patinhas: Ah, véio, Cavaleiros era massa...

Darrell: Eu não quero lutar com vocês. Eu só quer o que vocês deixem de lado essa ideia louca de dominação mundial e assassinatos.

Os três inimigos se olham por um tempo.

Montanha: Então não há acordo.

Patinhas: É! Para chegar até o santuário você terá que nos derrotar, cavaleiro! Eita, eu podia ser o Aldebaran! Quero não ser mais Patinhas! Agora me chamem de Aldebaran.

Seamonkey: Chega de conversa.

A ação ocorre de maneira simultânea. Seamonkey corre por um lado, enquanto, como uma ação totalmente isolada, Montanha dá uns passos em direção a uma moto para levantá-la. Darrell corre com a marreta em direção ao grupo. Pandora de um lado e Patinhas [ou melhor, Aldebaran [do outro, permanecem imóveis, como se estivessem em choque, sem saber o que fazer.

Pandora vê a cena em câmera lenta, o tempo alterado pela tal da adrenalina. Só vê o Darrell correndo em direção ao perigoso grupo, deixando-a sozinha. Sente medo. Vê o Montanha levantar uma moto e jogar quase exatamente em sua direção. Aquele objeto ameaçador vem pelo ar, em sua direção.

Felizmente cai a ficha em tempo que, mesmo a visita sendo emocionante ela não estava em uma sessão de cinema 3D, e ela consegue se jogar no chão, por pouco não sendo atingida. A moto cai num enorme barulho.

Darrell: Pandora!!!

Pandora: Ai! Oi!

Ao perceber que Pandora está bem, Darrell se volta novamente ao combate, e completa os passos que faltavam, acertando a marreta na canela do Aldebaran.

Aldebaran: Putaquepariu! Isso dói!

Outro golpe rápido e um estrondo de obras de construção. É a marreta acertando o Montanha, na altura do que seria sua caixa torácica, ou do que é sua caixa torácica. É difícil dizer se ainda há uma caixa torácica por baixo dessa pele de pedras.

Montanha dá um passo para trás e tenta tirar a marreta de Darrell. Quase consegue. Consegue fazer com que ela caia das mãos de Darrell, mas o fim do movimento faz com que seus olhos curiosos encontrem apenas um spray de pimenta.

Montanha: Meus olhos! Isso dói!

Darrell olha em volta rapidamente, procurando pelos dois inimigos restantes. Nem sinal de Tungstênio, nem de...

Darrell: Ah, não...

O motivo da surpresa é claro e urgente: Ele vê Pandora se debatendo contra um borrão, como se a Seamonkey estivesse tentando "fagocitá-la".

E ele parte instantaneamente. Logo Seamonkey cai, procurando aquele corpo que ela estava tentando asfixiar há um segundo.

Darrell: Você está bem?

Pandora: Estou... Eu acho...

Ela responde, mal conseguindo respirar. Está molhada e claramente nada bem.

Aldebaran: Ai! Ai! Acho que quebrei alguma coisa!

Darrell aparece por trás de um furgão. De lá avista o Montanha olhando em sua direção, com a marreta nas mãos. Aldebaran permanece caído como um jogador de futebol carente da atenção do juiz. Seamonkey, mais perto, o encara de pé,

com olhar frio.

Darrell: Acho que por hoje basta. Quero que pensem no que eu disse a vocês hoje. E pensem nessa loucura de dominação mundial. Não faz o menor sentido! Oliver perdeu...

Montanha: É Tungstênio, maldito!

Darrell: ...o controle e o juízo. Se vocês forem na onda dele terão um triste final, podem apostar.

Montanha: Isso é uma ameaça?

Darrell: Nós vamos fazer a nossa parte para que isso aconteça.

Aldebaran: Isso o quê?! Ai...

Montanha: O final, chifrudo!

Então Montanha se volta para Darrell.

Montanha: Não delire. Somos quatro, vocês são só dois. Você viu o que acontece se nos desafiar. Por pouco a Seamonkey não acabou com a vida da sua bonequinha paraguaia.

Aldebaran: Sua o quê?!

Montanha: Da próxima vez ela terá mais sorte e... Espera um pouco. Por que a gente está conversando tanto ao invés de acabar de vez com isso?

Aldebaran: Não olhe pra mim...

Montanha: Seamonkey? Vamos lá!

Os dois correm e Darrell volta rapidamente para trás do furgão. Seamonkey vai por um lado, enquanto o Montanha vai pelo outro. Os dois chegam atrás do furgão praticamente ao mesmo tempo.

Montanha: Drogado! Como ele faz isso?!

Montanha vira o furgão em fúria, ao ver o lugar vazio. Embaixo do furgão também não havia nada. 



CÁRLISSON GALDINO é Bacharel em Ciência da Computação e pós-graduado em Produção de Software com Ênfase em Software Livre. Já manteve projetos como IaraJS, Enciclopédia Omega e Losango. Mantém projetos em seu blog, Cyaneus. Membro da Academia Arapiraquense de Letras e Artes, é autor do Cordel do Software Livre e do Cordel do BrOffice.



Sim Você
PODE!
Contribua com a
REVISTA
espírito
livre
LIBERDADE E
INFORMAÇÃO

Pirataria

Por Alexandre Oliva



Strange guy - sxc.hu

É esquisito escrever sobre um assunto sobre o qual sei tão pouco. Não fosse por um livro que Richard Stallman me emprestou ano passado, eu provavelmente ainda estaria sob influência de uma visão romântica sobre as origens e a prática da pirataria. Não mais.

Aprendi que piratas foram criminosos sanguinários, patologicamente violentos, capazes de tratar com o mesmo rigor assassino tripulantes, passageiros e escravos dos navios pilhados, e de abandonar à própria sorte em ilhas desertas companheiros que escondessem parte dos tesouros saqueados só para si. Limites à sua crueldade, aparentemente, não havia, com uma exceção conhecida: forçar inimigos a caminhar sobre a prancha com olhos vendados e mãos amarradas para morrer no mar é fruto da imaginação de românticas, não encontrando respaldo na realidade.

É certo que os navios piratas eram democráticos. Nem poderia ser diferente: num bando de psicopatas valentões (as mulheres piratas, raríssimas, eram igualmente valentonas), se a minoria não entra de livre e espontânea vontade no esquema da maioria, a livre e espontânea vontade da maioria se impõe à força sobre a minoria sobrevivente. Assim, democraticamente, se determinava o capitão (em alguns casos dono da embarcação), o código de conduta, a divisão dos futuros resultados da empreitada, de preciosidades a escravos, e as indenizações por eventuais ferimentos em combate e consequentes amputações pelo cozinheiro (!!!) de bordo.

Se combatiam alguma injustiça, era a má distribuição de ouro e munição: tratavam de oferecer balas e metais cortantes aos menos favorecidos em termos de armamento, em troca de seus metais preciosos e de quantidade útil de escravos, abandonando os demais ainda acorrentados à nau-fragante ou na vila em chamas.

Singravam em seguida para algum porto amigo (entenda-se, previamente conquistado por piratas) para eventuais reparos à embarcação e para rapidamente distribuir a renda que lhes coube, destilando-a em etanol, nos mais variados graus de pureza, para mais animadamente se de(le)itarem nas noitadas amaciando e esquentando carne humana, de pureza seguramente duvidosa, dada à promiscuidade profissional.

Tão logo tomassem consciência de estarem livres dos pesos dos crimes cometidos, assim como dos dobrões e lingotes, tratavam de tramar nova empreitada, em suas próprias embarcações, quando as possuíam, ou nas de outros piratas ali ancorados, repetindo o processo até um ferimento fatal em combate ou uma condenação a enforcamento.

Melhor sorte tinham os corsários, piratas contratados pelas coroas europeias para defender interesses da ameaça de que preciosidades chegassem ao porto errado. Fração significativa dos bens capturados pelos corsários era devida ao reino, como pagamento pelo

aluguel da bandeira e pelo privilégio de serem considerados integrantes da marinha real: por força de tratados internacionais, seriam poupadados da pena de morte nas cortes marciais que os julgassem.

Tudo isso e muito mais aprendi ou confirmei no livro "Under the Black Flag" (Sob a Bandeira Negra), do historiador David Cordingly. Já o que segue é resultado de pesquisa pessoal inspirada não só pelo livro, mas por um pequeno trecho da descrição de um curso oferecido pelo advogado Stephan Kinsella, que traduzo: "Direito autoral tem suas raízes na censura. Não é surpresa que ainda conduza a censura hoje em dia. A lei de patentes tem suas origens na concessão de monopólios mercantis, e até na pilhagem legalizada - cartas de patente eram usadas para legalizar a pirataria no século XVI - é irônico que sejam usados contra "piratas" modernos que não são, de forma alguma, realmente piratas."

Tornar-se corsário, ou pirata legalizado, era um privilégio para poucos. Não bastava querer: era necessário o favor da coroa, declarando sua patente de corsário em carta aberta (em latim, *litterae patente*), pela qual era incorporado à marinha real. Uma carta de patente de corsário era conhecida como carta de corso (do latim "cursus", corrida, presumivelmente ao ouro de uma embarcação mais lenta) ou carta de marca (do germânico "mark", fronteira, que o corsário tinha permissão para desrespeitar, e/ou do provençal "marcar", tomar como penhor, novamente se referindo ao ouro alheio), mas muitos outros tipos de privilégios eram concedidos por reis através de cartas patentes.

Por vezes favoreciam seus apadrinhados concedendo-lhes exclusividade na importação, fabricação e comércio de determinadas mercadorias. Na transição para democracias, a concessão desses monopólios foi regulamentada e democratizada, limitando o privilégio a invenções com aplicação industrial, por tempo pré-determinado, transformando um arcaico privilégio real num incentivo à publicação de invenções, cujo inventor,

na ausência do incentivo, poderia manter secretas para gozar exclusiva e indefinidamente das vantagens produtivas por elas propiciadas.

Algumas das mercadorias cobertas por determinadas cartas patentes eram livros: monarcas totalitários viram por bem permitir seletivamente sua impressão na nascente indústria editorial, censurando a publicação, a importação e o comércio de material contrário aos interesses reais. Na transição democrática, o arcaico privilégio real transformou-se em artifício para aumentar a disponibilidade de livros para o público, concedendo aos autores o poder temporário de autorizar, com exclusividade ou não, a impressão e o comércio de suas obras, a título de incentivo para a publicação de obras que, na ausência de ofertas favoráveis pelos editores, poderiam permanecer indisponíveis.

Infelizmente, a confusão hoje existente entre marcas para proteção do consumidor, patentes para acelerar o progresso científico e tecnológico e direitos autorais para promover a difusão da cultura provavelmente advém não de sua origem no mesmo mecanismo arbitrário e arcaico de concessão de monopólios, as cartas abertas reais, mas sim da distorção desses diversos mecanismos, de privilégios monopolísticos limitados, almejando cada qual um diferente tipo benefício para a sociedade democrática que os concede, a um novo arcabouço único, agora enquadrado e refraseado como se fosse um tipo de propriedade.

Tal enquadramento, além de buscar confundir os diferentes mecanismos e esconder seus objetivos democráticos, tenta legitimar sua expansão e enrijecimento muito além do ponto em que supostamente trariam os benefícios sociais originalmente almejados e jamais comprovados, retornando à injustiça, à arbitrariedade e ao totalitarismo das antigas monarquias, agora monopolistas.

Através da confusão, da distorção e do enquadramento falacioso como propriedade, os monopolistas que os propõem obtêm permissão e

apoio de nossas instituições governamentais, que invadiram, corromperam e plutocratizaram, para saquear nossa cultura, sitiaria nossa tecnologia, envenenar nosso alimento, sequestrar nossa saúde e escravizar nossos cidadãos. As atuais leis que instituem esses monopólios nos remetem - Ocultar texto das mensagens anteriores - às cartas de marcas, cartas patentes, cartas de registro (já nem mais necessário) de direitos autorais. São cartas de corso, e a nação inimiga que os corsários corporativos têm permissão governamental para atacar são a humanidade.

Chega de corrupção, de humanos domesticados servis à espécie dominante: os corsários corporativos, violentos valentões psicopatas como os corsários e piratas de outrora. Já passou da hora de reprogramar as corporações para colocar o respeito à humanidade acima do lucro imediato, insustentável e desumano. Quando vamos começar? Será que ainda dá tempo?

Copyright 2010 Alexandre Oliva

Cópia literal, distribuição e publicação da íntegra deste artigo são permitidas em qualquer meio, em todo o mundo, desde que sejam preservadas a nota de copyright, a URL oficial do documento e esta nota de permissão.

<http://www.fsfla.org/svnwiki/blogs/lxo/pub/pirataria> 



ALEXANDRE OLIVA é conselheiro da Fundação Software Livre América Latina, mantenedor do Linux-libre, evangelizador do Movimento Software Livre e engenheiro de compiladores na Red Hat Brasil. Graduado na Unicamp em Engenharia de Computação e Mestrado em Ciências da Computação.



QUEM SÃO OS PIRATAS, AFINAL?

Por Waney Vasconcelos

A grande polêmica em torno das supostas violações dos direitos autorais dos artistas e indústria midiática do entretenimento através de redes como o P2P e outras tem tomado proporções que chegam mesmo ao ridículo e nos remete a reflexões sobre o verdadeiro significado do que se chama direito autoral. Tudo bem, é lei mas, e daí? Quantas outras coisas já foram proibidas por leis que, com a evolução dos tempos (leia-se com a conscientização e pressão da população) demonstraram ser contraproducentes e tiveram que ser revogadas, não raro dando origem a leis completamente opostas? Até o século XIX, no Brasil, era direito garantido por lei os senhores de escravos poderem espancá-los e se servirem deles como bem lhes aprouvesse, bem como das mulheres. E hoje já temos leis contra a discriminação por cor, escravidão humana e a da Maria da Penha. E por que as temos? Será que foi porque de repente uma cons-

cientização humanitária transcendental os invadiu de repente? Ou foi, só pra variar, uma conquista de lutas históricas de pessoas conscientes, incansáveis e organizada no compartilhamento de suas necessidades e objetivos? Além do mais o que são leis? Quem as faz e por que?

Atualmente nos dicionários já está agregada à palavra "pirata" o sentido pejorativo de cópias não autorizadas de obras artísticas e literárias, mas na sua gênese o termo referia-se ao roubo praticado nos mares de outrora. Como os dicionários também são um produto cultural, passíveis de se "piratear", portanto não isentos de parcialidade, vou falar de pirataria usando seu sentido etimológico inicial, a saber, o ato de roubar, saquear. Gosto muito de analisar a essência das palavras porque por trás delas se escondem elucidativos significados. Veja-se a palavra "anarquista" que adquiriu (ou foi imposto?) um significado de bagunceiro, anti-Cristo,

caótico, esquecendo-se seu sentido histórico de luta política contra a dominação possibilitada pela existência do Estado e suas forças repressoras. É uma tática dos que querem se manter no domínio, demonizar tudo que possa oferecer alternativas libertárias ao povo. E como as palavras são um componente primordial no ato e formatação do ato de conhecer e interpretar a realidade, tornam-se instrumentos condicionantes para quem tem o interesse e os meios para divinizar ou satanizar determinada coisa. Mas voltemos à pirataria.

Quem são os verdadeiros piratas nessa história toda? Quem rouba quem?

A cultura artística atual, pra começar, em suas manifestações musicais, visuais, literárias, etc, quase sempre é um roubo. Todo ser humano tem a capacidade de criar e se manifestar através de uma linguagem artística, mas o sistema capitalista, como quer (e depende de) transformar tudo em mercadoria, diz que artistas são pessoas especiais que fazem coisas que outras "comuns" não são capazes de fazer. Roubo duplo: das pessoas "comuns" por lhes subtrair a possibilidade de desenvolver habilidades de expressão e terem de pagar para ter acesso a expressões padronizadas com as quais se identificam, sendo obrigados a levar junto (pagando ainda) toda uma mensagem sub liminar que os escravizados artistas por subtrair deles uma enorme parte de suas vidas se especializando em suas artes para dar cada vez mais lucros para as empresas para as quais trabalham, em nome de uma fama efêmera e ilusória ou dinheiro igualmente efêmero, impossibilitando-os de usufruir de outras parcelas do viver que não estão ligadas à arte, causando não poucas vezes problemas psicológicos irreversíveis que os levam às drogas, alcoolismo e outros desvios de comportamento. Casos como Van Gogh e Micha-

“ Atualmente nos dicionários já está agregada à palavra "pirata" o sentido pejorativo de cópias não autorizadas de obras artísticas e literárias, mas na sua gênese o termo referia-se ao roubo praticado nos mares de outrora.”

Waney Vasconcelos

el Jackson não são raros no mundo artístico e quanto mais doido ou doente o artista, mais cara sua obra, portanto, mais lucros para seus empresários. Sem falar que muitos desses empresários ficam ansiosos para que os artistas morram para que suas obras sejam ainda mais valorizadas (financeiramente).

Acresce-se a isso o fato de essas mesmas obras artísticas que consumimos serem um duplo roubo a nós: primeiro, o preço que pagamos está sempre muito longe de ser justo; segundo, a qualidade delas está muito aquém do que merecemos, tendo-se em vista toda a propaganda que é feita para nos condicionar a gostar de produtos culturais que, ao invés de elevar nosso espírito (consciência) faz é nos embrutecer mais ainda e escravizar no sentido de não questionar nada e reproduzir os mecanismos de dominação existentes. Aliás, essas empresas de entretenimento não poderiam mesmo aceitar isso que chamam de "pirataria" porque a caríssima propaganda/marketing que fazem de seus produtos e artistas para nos hipnotizar é arcada justamente por nós mesmos quando pagamos o preço por uma obra "legal".

Infelizmente esse condicionamento do qual somos vítimas, para gostar de determinados pa-

drões de música, filme, literatura e tudo que se refere à estética, inclusive à mulher (ou homem) que achamos ideal, não é tão facilmente desfeito porque existe toda uma pesquisa científica, desde Maquiavel a Hitler e G.W.Bush, para que fosse consolidada. E somos "educados" (amestrados?) desde o jardim de infância e de programas infantis para esse gosto. Por que acham que é tão difícil para as pessoas, mesmo as mais revolucionárias, se desligarem do software proprietário e adotarem o S.L.?

Patentes, na maioria das vezes nada mais são do que um roubo à construção coletiva do conhecimento e da arte, uma vez que não existe o gênio que inventa algo a partir do nada. Para que uma construção artística moderna pudesse surgir foi necessário que um parente remoto começasse a riscar desenhos nas paredes das cavernas ou descobrisse que de um bambu perfurado podia tirar uma nota musical; e que todas as gerações subsequentes dessem continuidade a esses experimentos, dos quais somos só mais um elo da cadeia de construção que ainda prosseguirá avançando para outras formas. Tudo isso pra chegarmos no tecnológico século XXI e uns poucos resolverem que tudo que foi construído anteriormente e que é herança de toda a humanidade pertence a uma só pessoa ou empresa...

Imaginem a cena: um índio do interior do Amazonas está fazendo um remédio com uma planta nativa para seu filhinho doente seguindo uma receita milenar de sua cultura e, de repente, aparecem policiais para prendê-lo porque está violando direitos de patente! Pois se não sabem, empresas, quase sempre estrangeiras, estão patenteando princípios ativos de plantas da Amazônia. Já tentaram patentear até o açaí! Estão patenteando sementes, de forma que, quem quiser plantar vai ter que pagar os (in)devidos royalties.

Waney Vasconcelos

sim como as tecnologias de softwares proprietários tem a capacidade de tornar determinada versão incompatível com seu próprio aplicativo, forçando assim o usuário a atualizá-lo (pagando, claro!), na indústria de sementes patenteadas existe a tecnologia terminator que nada mais é do que a impossibilidade dessa semente produzir uma segunda geração fértil, ou seja, terá que ser comprado outro lote para plantio. E o Projeto Genoma, conhecem-no? Roubo e mais roubo, ou seja, pirataria, e tudo em nome dos lucros empresariais e da hegemonia de poder.

Embora já tenhamos ido um tanto longe, voltemos aos primórdios do sentido de pirataria, quando piratas eram os ladrões que navegavam os mares. Eis que um belo dia Colombo e sua trupe "descobrem" o novo mundo (Cabral viria logo depois). No sentido literal da palavra: Piratas. Saquearam, roubaram, trucidaram as civilizações nativas. No Brasil, em 1850 patentearam todo o fruto de sua pirataria: promulgaram a "Lei da Terra", excluindo assim qualquer um que não tivesse sido pirata como eles de ter acesso a um pedaço de terra para viver sem ter que pagar os royalties aos piratas, inclusive os antigos moradores daqui, os "indígenas" que, se soubessem, teriam patenteado as terras primeiro e aí eu queria ver o que que ia virar! Novamente pergunto: quem são os verdadeiros piratas? Vem a propósito uma piadinha: a professora para sua

“ “ Já tentaram patentear até o açaí! Estão patenteando sementes, de forma que, quem quiser plantar vai ter que pagar os (in)devidos royalties.

” ”

turma: - O oxigênio foi descoberto em, por. - o Joãozinho: - Nossa, professora! E como as pessoas faziam pra respirar antes disso?!

Não são os grandes grupos de mídia e entretenimento (rádios e tvs) que incentivam as leis anti pirataria e ao mesmo tempo se utilizam do espectro eletromagnético de transmissão, que é público, mas têm concessões facilitadas por "peixadas" no Planalto para usarem e abusarem, os verdadeiros piratas? Quanta burocacia precisam as humildes rádios ou tevês comunitárias para se implantarem? E o quanto são excomungadas e perseguidas as, novamente a pecha, tevês e rádios "pirata"? A comunicação deveria ser vista como um direito a nos comunicar, não de sermos comunicados. A Internet nos possibilita isso de produzirmos conhecimento, arte, comunicação e compartilhar, não apenas consumir. Cabe a nós brigar para impedir que nos tirem isso que desde que o mundo é mundo vem se esperando que aconteça e que agora

acontece: a possibilidade real desse meio virtual.

Por enquanto ainda estamos culturalmente condicionados à maneira de pensar colonizada e condicionados a leis, como a dos direitos autorais e DRM, e ainda temos arraigado um senso de honestidade que nos foi imposto para conter nossa rebeldia necessária para fugir à dominação, senso este que é mais do que reforçado pela religião. Mas, não canso de dizer, a Internet já existe e todos esses padrões de pensamento e comportamento impostos anteriormente a nós agora tem como começar a ruir. Utilizemo-la (palavra mais estranha, né?) para nos mobilizar por nossos direitos, aqueles que estão na Constituição e aqueles que ainda não estão, pois deveriam estar e, se nós não pressionarmos para que estejam, jamais estarão! Hoje lutamos pelo direito de baixar produtos culturais que muitas vezes são porcarias em vista de tesouros que não nos deixaram ter nem referencial para fruir, e que muitas outras vezes ajudam a nos escravizar a padrões imperialistas, mas mesmo assim temos de lutar por esse direito. Depois lutaremos pela qualidade cultural das obras. Lutemos pelo direito de termos direitos, pois os temos e, se não temos, vamos criá-los dentro de nós mesmos!

A comunicação deveria ser vista como um direito a nos comunicar, não de sermos comunicados. A Internet nos possibilita isso de produzirmos conhecimentos, arte, comunicação e compartilhar, não apenas consumir. Cabe a nós brigar para impedir que nos tirem isso...

De tudo que foi exposto de modo um tanto sumário, gostaria que ficassem esses pontos para reflexão: a boniteza, como diria Paulo Freire, da existência dos softwares livres, do compartilhamento de experiências, arquivos, etc, de veículos como a revista Espírito Livre, do Movimento Software Livre e da GNU, é algo que precisa ser preservado e difundido e não podemos ficar só na utopia de que o lado representante de interesses mercantis e imperialistas vai finalmente cair em si e juntar-se a nós pelo bem da humanidade e todos então viverão felizes para sempre. A História está repleta de exemplos mostrando o contrário.

Waney Vasconcelos

A Revolução Francesa, coisa mais linda, com sua premissa de liberdade, igualdade, fraternidade, depois de pouco tempo implantando reformas populares para melhorar o país saqueado e arruinado pelos nobres, que tinham, digamos assim, patente de sangue, foi brutalmente sufocada, abrindo caminho para nada mais nada menos do que um império, o napoleônico. E, para o povo, adeus liberdade, igualdade e fraternidade então...

O Brasil em 1963 era um promissor país de desenvolvimento popular, com avanços em liberdade intelectual e até começo de reforma agrária. Como nada disso agradava aos representantes nacionais e internacionais do sistema, facilmente impôs-se a ditadura e acabou-se o que era doce. Simples assim! Não tão simples foram as torturas, assassinatos e deportações dos que ousaram dizer algo contra.

Havemos de ter claro que tais liberdades pelas quais estamos dispostos a brigar (estamos?) dizem respeito diretamente ao modo em que está estruturada toda a sociedade globalizada; é um embate político, não adianta dizermos que trata-se de idealismo ou ideologia porque não é só isso. É algo concreto e prático que diz respeito às mudanças que essa mesma sociedade precisa efetuar e que efetuará inexoravelmente e adiar tais mudanças é represar o curso histórico natural, causando mais sofrimento durante esse represamento e alguma catástrofe social, quem sabe até natural, quando do rompimento da barragem. Precisamos nos informar e participar politicamente, na Internet, nas ruas, ir ao Planalto em marcha até. Se a única maneira de protestar em que estamos dispostos a nos envolver é escrever e postar na Internet na comodidade de nossas casas, para garantir seus interesses os verdadeiros piratas unidos e globalizados que sabemos quem são, estão dispostos a usar até um arsenal nuclear, se preciso.

“ Havemos de ter claro que tais liberdades pelas quais estamos dispostos a brigar dizem respeito diretamente ao modo em que está estruturada toda a sociedade globalizada... ”

Waney Vasconcelos

Não pretendo criar uma paranóia nem deixar ninguém assustado, mas o modus operandi dos que não querem deixar suas posições econômicas dominantes e privilégios políticos serem simplesmente distribuídos livremente é recorrente através da história e em diferentes campos: direitos autorais na Internet, royalties de sementes, medicamentos viciantes, cultura de massa viciante, e uma infinidade de coisas que, vendo-me vem à mente a imagem de que, desde que nascemos começamos a ser programados para consumir, trabalhar sem parar para... consumir (e não ter tempo para pensar) e se tentamos sair desse ciclo vicioso, somos processados!! Ou marginalizados, pode escolher! A vida é muito mais bela que isso e nós somos muito mais do que máquinas, afinal, se construímos e programamos máquinas para fazer determinada atividade, deletaremos o software proprietário que nos impuseram e continuam a atualizá-lo diariamente desde nossa infância e, de posse do código fonte de nosso espírito, programemo-nos para sermos LIVRES!



WANEY VASCONCELOS é assentado da reforma agrária e também luta por ela. Faz arte (escultura, pintura artesanal) para sobreviver, e, desde que se entende por gente é educador popular, trabalhando com oficinas de arte, teatro, informática, inglês e espanhol como voluntário. Coordena o telecentro (via GESAC) do assentamento Oziel, divisa de Goiás com Mato Grosso.



Pirataria: um só crime em vários formatos

Por Gilberto Sudré

Quem está envolvido com a área de tecnologia ou usa um computador provavelmente já deve ter ouvido o termo "pirataria". Seu significado mais comum é a ação de copiar e/ou distribuir ilegalmente software ou conteúdo (como música, texto ou fotos) protegido por direitos autorais.

Falando especificamente em relação ao software, o que pouca gente sabe é que há dife-

rentes modalidades de pirataria. Conhecer as várias formas desse furto de propriedade intelectual pode proteger a você e a sua empresa dessa prática, mesmo que de forma não intencional. Só para lembrar, esse crime é passível de punição com multa de até 2000 vezes o valor da cópia pirata encontrada na empresa, e seus representantes legais são responsabilizados pelo ato.

A forma mais comum de pirataria acontece quando o usuário copia o software sem ter a licença para seu uso. Isso pode acontecer no ambiente pessoal ou em empresas que não controlam corretamente o número de licenças adquiridas e instaladas em seus computadores. Outra situação a que devemos ficar atentos é quando adquirimos um computador que já vem com sistema operacional e aplicativos instalados. Nesse caso, o usuário deve conferir a nota fiscal para verificar se ela relaciona todos os aplicativos fornecidos. Essa é

a garantia de que os programas são legais.

Se você faz download de programas por meio da internet, também deve verificar se o proprietário do aplicativo autorizou sua distribuição. Nessa situação, a recomendação é evitar sites de downloads "genéricos" e sempre baixar os programas a partir da página oficial do fornecedor.

Quem acha que não corre riscos quando adquire aplicativos em lojas pode ter surpresas. Existem muitos vendedores que oferecem progra-

mas falsos em embalagens muito parecidas com as originais. Esses pacotes de software normalmente incluem cartões de registro falsificados ou com números de série não autorizados. Para ficar livre desse problema, só adquira programas em estabelecimentos conhecidos e exija a nota fiscal. Fique atento ao preço do software. Se estiver barato demais, há grande chance de o produto ser pirata.

Se você não quer pagar o preço do aplicativo proprietário, lembre-se de que sempre existe a opção do software livre, uma alternativa gratuita e equivalente. Muitas pessoas já migraram para esse tipo de programa e estão muito satisfeitas. 

“ Quem acha que não corre riscos quando adquire aplicativos em lojas pode ter surpresas. Existem muitos vendedores que oferecem programas falsos em embalagens muito parecidas com as originais. ”

Gilberto Sudré



GILBERTO SUDRÉ é professor, consultor e pesquisador da área de Segurança da Informação. Commentarista de Tecnologia da Rádio CBN. Articulista do Jornal A Gazeta e Portal iMasters. Autor dos livros Antenado na Tecnologia, Redes de Computadores e Internet: O encontro de 2 Mundos.

DESTAQUE-SE
entre para o clube do hacker

Os Melhores
Estão Aqui!
www.clubedohacker.com.br

Software Livre como alternativa a pirataria

Por André Gondim



A pirataria é, com certeza, uma prática muito comum no Brasil [1]. A sensação de impunidade com relação a isso é muito alta. Qual seria o melhor caminho para evitar isso?

Primeiro, entender o que é a pirataria! A pirataria consiste em obter algo ou fazer uso dele sem pagar pelos seus direitos ao autor ou à empresa. Isso acaba prejudicando quem produz esse software, já que depende do dinheiro da licença para se manter. Esse é o modelo do software proprietário e seu copyright. Quando alguém baixa, por exemplo, um filme como "Tropa de Elite", as pessoas deixam de ir ao cinema. Com isso, prejudica toda uma cadeia que produziu, criou, divulgou. Não estou dizendo que o preço do ingresso é justo, mas que, se você quiser usar determinado software, busque ser justo e obedeça a sua licença.

No software livre, o modelo de negócio é diferente. Apesar de muita gente acreditar que todo software livre [2] é grátis, não é bem assim. A liberdade de um software está no fato de ele respeitar as licenças livres, ser aberto, poder ser usado à vontade, ter o código estudado, repassado. Um desenvolvedor que deseje fazer do seu programa um programa pago, pode fazê-lo pago e livre ao mesmo tempo. Tal desenvolvedor apenas cobrará pelo programa, mas, junto a ele, irá repassar o código. O que garante a liberdade.

Uma possível solução é a adoção do software livre, por ter custos menos elevados. Ter estabilidade e segurança maiores em relação a software proprietários. Além de haver uma filosofia de colaboração bem grande e uma comunidade que busca sempre melhorar a cada dia.

O Ubuntu, bem como várias distribuições, é um sistema operacional baseado na liberdade,

que não cobra por atualizações e não há uma versão empresarial. Isso torna a implantação de um parque tecnológico muito mais barata.

Um parque tecnológico, vamos supor, de 20 máquinas. Teríamos 20 licenças de Windows, 20 licenças do Office, 20 licenças de anti-vírus. Há um custo bem elevado na implantação. Porém, se o mesmo usar Ubuntu, seria apenas o custo do profissional que irá implantar.

O Ubuntu [3] já vem a segurança Linux, com a suíte de escritório completa e vários programas adicionais, bem como a possibilidade de se instalar mais de 13 mil programas, todos livres, através da Central de Programas do Ubuntu. E há a possibilidade de adquirir alguns programas proprietários também.

Por isso, uma boa maneira de evitar a pirataria é entender o que ela é, o que significa, entender a filosofia do software livre, sua segurança, liberdade e comunidade, e fazer a escolha inteligente pelo software livre!!! 

Apirataria é, com certeza, uma prática muito comum no Brasil. A sensação de impunidade com relação a isso é muito alta.

André Gondim

Referências

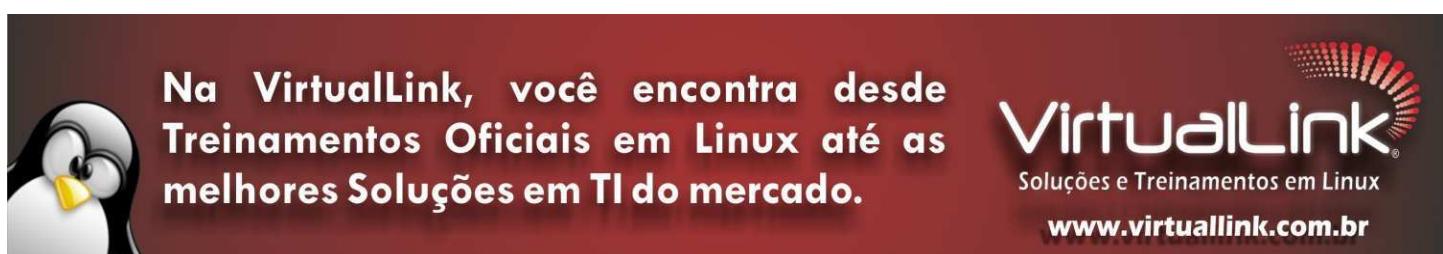
[1] <http://miud.in/j0e>

[2] http://pt.wikipedia.org/wiki/Licença_P%C3%BCblica_GNU

[3] <http://www.ubuntu-br.org>



ANDRÉ GONDIM faz parte da comunidade Ubuntu Brasil. Iniciou pela parte de tradução onde hoje é líder desde o FISL 10. Já contribuiu com documentação, suporte (onde vez por outra ainda contribui seja com post, seja na lista de usuários do Ubuntu). Ubuntu Member desde 2007. Eleito membro do Conselho Ubuntu Brasil em Agosto de 2009.



Na VirtualLink, você encontra desde Treinamentos Oficiais em Linux até as melhores Soluções em TI do mercado.

VirtualLink
Soluções e Treinamentos em Linux
www.virtuallink.com.br



ACTA - O silêncio continua

Por Fátima Conti

Há alguns anos vem sendo discutida a proteção de direitos da propriedade intelectual, especialmente no que se refere aos direitos autorais e patentes.

Apesar de existirem várias entidades nacionais ou internacionais que tratam desses assuntos, um conjunto de organizações que representam interesses da indústria do disco, cinema, medicamentos, software e patentes têm tentado fazer com que alguns dos mais poderosos países do mundo assinem um novo acordo comercial.

Assim, foi estabelecido ACTA - "Anti-Counterfeiting Trade Agreement", Acordo de Comércio Anti-Pirataria, impulsionado por grandes empresas e que deve garantir a existência de um Estado policial digital em todos os países que o assinarem.

O objetivo declarado do acordo é aumentar os direitos dos detentores de propriedade intelectual, por meio de uma maior cooperação e coordenação entre as agências governamentais internacionais.

Participação nas discussões

O texto final sobre esses direitos está emergindo de uma série de reuniões, a maioria secreta, do grupo dos 8 países mais ricos, o G8, e mais algumas nações: Estados Unidos, União Europeia, Suíça, Japão, Coreia do Sul, Canadá, México, Austrália, Nova Zelândia, República da Coreia, Jordânia, Marrocos, Cingapura, Emirados Árabes Unidos e Canadá.

Durante as negociações, curiosamente:

- uma quantidade muita pequena de informação foi disponibilizada publicamente pelos governos sobre o conteúdo do acordo;
- lobistas das grandes empresas de música, filmes, software, jogos de vídeo, bens de luxo e fármacos tiveram acesso a documentos preparatórios e puderam influenciar as negociações;
- não houve representação da sociedade civil na grande maioria das reuniões. Inclusive, pedidos de informação feitos oficialmente foram negados. Não foi dada participação nem mesmo para entidades civis internacionais como a Organização Mundial do Comércio, a Organização Mundial de Propriedade Intelectual e o grupo sobre Propriedade Intelectual da Coligação Econômica da Ásia-Pacífico.

Medidas a serem implementadas

Aparentemente, de acordo com a legislação de cada país, diferentes medidas podem ser postas em prática. Há pelo menos três grupos que se pode ressaltar:

1. Alfândegas: Funcionários de alfândegas poderão revistar aparelhos eletrônicos tais como celulares, mp3 e notebooks, em busca de violações de direitos autorais. Se encontrado algum indí-

cio, o aparelho poderá ser confiscado ou destruído e o portador será multado.

2. Cooperação dos Provedores: Os provedores de serviços a internet deverão ser obrigados a fornecer informações sobre clientes às autoridades, inclusive sem o devido mandato, ou aval da justiça.

3. Entidades de Fiscalização: O projeto também prevê a criação de uma ou mais agências que implementem medidas para fiscalizar e regularizar as ações a serem tomadas. Compartilhadores de arquivos podem passar a ser alvo de sanções penais e não civis. E é preciso lembrar que países diferentes tem diversos sistemas legais, com implicações também diferentes na vida de seus cidadãos.

Entretanto, há outras consequências possíveis. Por exemplo, admite-se até a limitação da comercialização dos medicamentos genéricos nos países em desenvolvimento.

Outras medidas

Aparentemente, outros itens foram discutidos e podem ser colocados em diferentes países:

- Proprietários de imóveis alugados também seriam responsabilizados caso seus inquilinos infringissem alguma lei de proteção a direitos autorais;
- Países com alto índice de pirataria terão vedadas a importação de policarbonato ótico (usado para fazer CDs e lentes), prensas e outras matérias-primas para a confecção de mídias; Haverá permissão para que autoridades judiciais possam dar continuidade a processos, mesmo sem identificar os processados.
- Todos os produtos suspeitos de conter material pirateado na alfândega devem ser imediatamente destruídos, salvo em condições especiais;
- Haverá exigência que provedores de serviços de internet não permitam o uso de aplicações que possam vir a ser utilizadas como meio de infringir as leis de proteção intelectual, mesmo que elas tenham outras finalidades;
- Provedores de serviço de internet poderão ser

responsabilizados por quaisquer tipos de violação aos direitos autorais.

Objetivos do acordo

É lícito pensar, portanto, que alguns dos reais objetivos do acordo são:

- Vigiar todas as atividades de todas as pessoas no uso da Internet, pelos provedores;
- Interferir no "uso justo" de direitos autorais sobre obras culturais. A cópia única, sem objetivo comercial, que garante a educação pessoal seria inexequível, mesmo sendo permitida em muitos países, como nos E.U.A.;
- Criminalizar a comunicação ponto a ponto, que possibilita o compartilhamento de arquivos de grande tamanho, notadamente de obras culturais, sistemas operacionais de computadores, livros, discos e filmes e;
- Minar o acesso aos medicamentos genéricos, de baixo custo.

É importante notar que desde 1994, quando ocorreu a conclusão do acordo OMC sobre os Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual, (WTO - Agreement on Trade-Related Aspects of Intellectual Property - TRIPS), muitos dos novos acordos de propriedade intelectual foram criados fora de espaços multilaterais, simplesmente por meio de acordos bilaterais e regionais de comércio celebrados pelos Estados Unidos ou pela Comunidade Europeia, com seus respectivos parceiros comerciais.

Portanto, embora alijados da discussão sobre o ACTA, os países em desenvolvimento poderão ser praticamente obrigados a aceitar o que quer que tenha sido decidido, pois o atendimento ao ACTA fará parte de qualquer acordo de comércio livre. Índia e Brasil já encaminharam considerações e protestos ante tais fatos.

Por que é um acordo e não um tratado?

O ACTA está sendo concebido como um "acordo executivo", e não como um "tratado". Por que?

É importante notar que acordos não requerem aprovação congressual. E, consequentemente, não há como responsabilizar seus signatários perante o público.

Nos E.U.A., por exemplo, essa forma de conduzir o assunto aparentemente levará juízes a considerar que, se existem acordos comerciais que seu país assinou, eles não podem ser descumpridos.

Em muitos países também deve ocorrer algo semelhante. Assim, o próprio sistema judiciário, passará sobre as liberdades individuais e tornará a política do ACTA uma realidade.

Democracia e falta de transparência

Nos E.U.A. a defesa das liberdades civis, a privacidade, a livre expressão, e os direitos dos consumidores no mundo digital, diz respeito à Primeira Emenda da Constituição.

Essa emenda impede o Congresso de estabelecer ou dar preferência a uma religião ou proibir o livre exercício de qualquer religião. Também proíbe o Congresso de limitar a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa. E garante o direito de livre associação pacífica pelos cidadãos, inclusive de fazer petições ao governo com o intuito de reparar agravos.

E também existe o "Freedom of Information Act", FOIA, uma lei que exige que as agências do governo federal dos E.U.A. divulguem a grande maioria dos documentos administrativos sempre que um cidadão estadunidense solicitar.

Portanto, se vai existir um acordo internacional sobre assuntos essenciais para a troca de informações e de conhecimento, esse tratado não pode ser feito em segredo.

A falta de transparência durante as negociações de um acordo que pode afetar os direitos fundamentais dos cidadãos do mundo, é fundamentalmente antidemocrática. E a revisão dos textos pela sociedade civil só pode ajudar a evitar problemas imprevistos na aplicação do acor-

do. Assim, é evidente que é necessário um debate público para esclarecer esses conceitos e preocupações.

Recentemente, vários professores de Direito nos Estados Unidos assinaram uma carta endereçada ao presidente Obama, mostrando todas as incongruências, inclusive vários pontos em que a lei dos E.U.A. será atingida, a ausência de participação civil, e a falta de transparência.

Cabe perguntar, diante da atual crise financeira, como reagirá o líder americano?

O desconhecimento das pessoas

Um fato incrível é que mesmo pessoas que têm alguma informação sobre o ACTA, não pensam que o acordo trata de propriedade intelectual, o que não inclui apenas direitos autorais. e não o associa com patentes, nem com medicamentos, nem com equipamentos, nem com procedimentos e, em geral, sabe pouco sobre os próprios direitos de autor.

Assim, poucos sabem que a indústria farmacêutica será uma grande beneficiária imediata do ACTA, pois não se poderá criar cópias. E, por exemplo, nenhum outro governo poderá fazer o que o Brasil fez no caso da AIDS, e que ocasionou um vitorioso meio de tratamento dessa doença.

Assim, as grandes empresas de Farmácia se livrarão dos medicamentos genéricos, deixando milhões de pessoas praticamente sem acesso a tratamentos que utilizem remédios.

Mas, quantas patentes não só sobre medicamentos, mas também sobre equipamentos e procedimentos devem ser afetadas?

Ou seja, efetivamente, quanto dinheiro está em jogo?

Será que alguém tem condições de saber? Sinceramente, acho que não.

É disso que o ACTA efetivamente trata. De toda essa "dinheirama", cuja quantidade é impossível de se calcular.

Informática e ACTA

O ACTA não respeita que o conhecimento humano deva servir a todos os homens, independentemente de sua classe social. Ignora que a passagem da informação e a possibilidade do conhecimento deve ser oportunizada a todos e não simplesmente a quem possa pagar por meios físicos, tais como discos e livros.

O usuário tem que pagar por cópias. E, evidentemente, não para os criadores dessas obras. Mas para grandes empresas distribuidoras.

“ “ O ACTA não respeita que o conhecimento humano deva servir a todos os homens, independentemente de sua classe social. Ignora que a passagem da informação e a possibilidade do conhecimento deve ser oportunizada a todos e não simplesmente a quem possa pagar por meios físicos, tais como discos ou livros.” ”

Fátima Conti

O usuário não pode fazer cópias,

- nem para possibilitar sua educação, ou seja, o "fair use" - criação de cópia única, com fins estritamente educacionais - que existe em muitos países será afetado.

- nem para proteção de mídias que tenha comprado e que queira proteger, durante um período de uso intenso (exemplo: CDs).

O usuário não pode fazer cópias, mesmo que possua um instrumento que permite criá-las, como um computador. Necessariamente o usuário deve comprar unidades de empresas reproduutoras.

É isso que está lá, na prática. Sem respeito pelas pessoas e pelos direitos humanos.

A internet cresceu e se transformou na maior biblioteca que os homens construíram porque é livre, porque está baseada numa rede não centralizada, porque não tem dono, porque a todos foi dado o direito de se expressar, sobre os mais variados assuntos. E todos que têm acesso podem contribuir e muitos contribuíram.

Evidentemente, a retirada da liberdade não beneficia a internet, nem a sociedade. Só age em prol de certos grupos econômicos.

Grupos que já ganharam enormes quantidades de dinheiro, por exemplo, reproduzindo e vendendo o meio físico que contém obras culturais, como livros e discos.

Mas a tecnologia os ultrapassou. Seu modelo de negócios, baseado apenas na venda de cópias, ainda pode ser necessário em muitos casos, mas não é mais tão importante.

Cabe aqui uma pergunta: por que a sociedade deve pagar os altos custos de manutenção das grandes indústrias reproduutoras de cópias, se as pessoas têm como criar suas próprias cópias?

E por que não pagar a obra diretamente ao criador? Porque atravessadores devem ser privilegiados?

Note-se que mesmo que haja alguma regulação após a criação e implantação do ACTA, isso também pode ter grandes efeitos daninhos, pois, com certeza, as grandes gravadoras e distribuidoras poderão abocanhar enormes pedaços da cultura popular, de todas as áreas, e colocarão ferozes advogados pra defender seus "direitos".

E comprará políticos e juízes para manter prazos de direitos autorais e patentes cada vez maiores, só visando a manutenção de seus lucros, como tem acontecido e deixando obras culturais cada vez mais longe do uso indiscriminado por todos. Pode -se lembrar aqui, por exemplo, que o Mickey já tem mais de 100 anos e ainda não está sob domínio público, não pertence à todos. Por que?

Entretanto, um caso particularmente complicado envolvendo Informática, é quando se considera o Software Livre sob o ACTA.

Como esse tipo de programação é baseado na cultura do compartilhamento e das cópias com e sem modificações, poderá sofrer muitas restrições pois envolve downloads e atividades em redes P2P como nenhum outro tipo de atividade na Informática.

E no Brasil?

Em 05/08/10 o deputado Pinto Itamaraty (PSDB) apresentou parecer favorável ao AI5digital, o Projeto de Lei nº 84 de 1999, ignorando todos os argumentos e movimentos sociais dos últimos três anos e ressuscitando o Projeto Azevedo.

É importante lembrar que o referido projeto causou grande revolta entre quem entende e respeita a internet. Inclusive, um abaixo-assinado contrário conseguiu mais de 157.000 assinaturas (<http://www.petitiononline.com/veto2008/>), havendo forte mobilização contra a sua implantação, congregando diferentes entidades, desde a USP (Universidade de São Paulo) ao IDEC (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor).

Curioso é o fato que um deputado não reeleito (Regis de Oliveira, PSC-SP) deu andamento à "Lei Azeredo" em 5 de outubro, logo após as eleições, quando ninguém prestava atenção a projetos "parados", aparentemente como parte de uma estratégia para fugir à opinião pública.

Petições

Pouca coisa resta fazer ao cidadão comum ante tantos perigos. Uma delas é falar com seus representantes políticos, e solicitar que se firmem contra os projetos que em cada país serão a face do ACTA.

Outra é assinar petições, pois efetivamente elas são uma arma das sociedades democráticas, menos eficazes, mas muito mais rápidas que consultas populares, e que podem convencer políticos sobre os desejos de seu eleitorado.

Eis algumas das petições atualmente em vigor:

- Pelo voto ao projeto de cibercrimes - Em defesa da liberdade e do progresso do conhecimento na Internet Brasileira

<http://www.petitiononline.com/veto2008/>

- Apelo pela não votação do PL 84/1999 - Tramitando no congresso, do GPOPAI-USP

<http://www.petitiononline.com/pl84/petition.html>

- Petição da FSF - Software Livre

<http://www.fsf.org/campaigns/acta/acta-declaration>

- Petição da Avaaz - ACTA: Genéricos ameaçados

<http://www.avaaz.org/po/acta/?cl=769890970&v=7287>

Outros textos, com mais informações

- Afinal, o que é o cibercrime?

http://www.dicas-l.com.br/interessa/interessa_20080814.php ou em

<http://www.scribd.com/doc/4211633/afinal1> ou em <http://meganao.wordpress.com/2009/05/09/afinal-o-que-e-o-cibercrime/>

- O silêncio sobre o ACTA

<http://xocensura.wordpress.com/2008/09/22/o-silencio-sobre-o-acta/> ou em http://www.dicas-l.com.br/interessa/interessa_20081007.php

- Projeto de Lei 84/99 [Serve a quem?]

<http://xocensura.wordpress.com/2008/07/20/projeto-de-lei-8499-%e2%80%93-serve-a-quem/> ou em http://www.dicas-l.com.br/interessa/interessa_20080902.php

- Que tal apoiar a FSF contra o ACTA?

http://www.dicas-l.com.br/interessa/interessa_20100624.php

- Subserviência ao G8. O ACTA - Primeiras impressões

<http://xocensura.wordpress.com/2008/07/11/subserviencia-ao-g8-o-acta-primeiras-impressoes/> ou em http://www.dicas-l.com.br/interessa/interessa_20080903.php

- Vigilantismo e razões econômicas

<http://xocensura.wordpress.com/2008/11/15/vigilantismo-e-razoes-economicas/> ou em http://www.dicas-l.com.br/interessa/interessa_20081122.php 



FÁTIMA CONTI coordena o labInfo-ICB da UFPA e dedica-se às áreas de ensino e extensão, sobre fundamentos de Estatística e Informática, utilizando software Livre. Criadora e mantenedora do "Muitas Dicas" (<http://www.cultura.ufpa.br/dicas/>)



Pirataria ou permissão implícita?

Por Jamerson Tiossi

E a condenação é esta:
Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más.
Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.
JOÃO, 2:19-21

Não raro alguns alunos debatem comigo sobre o ato de compartilhar o código e o fato de não estar clara a maneira como os desenvolvedores irão ganhar dinheiro. Falta, é claro, uma visão mais helenista da difusão do conhecimento e mais moderna das estratégias de emprendedorismo.

Richard Stallman, quando criou o conceito software livre, quis dar à palavra "livre" um significado diferente de "livre de custo" ou "gratuito". Ele quis dar o significado de "livre de amarras", entendendo que os programas estariam disponíveis a quem interessasse e que poderiam ser usados para quaisquer fim [1].

Stallman entendia que alguém tinha que pagar pelo software livre/código aberto (SL/CA), seja direta ou indiretamente. Vamos lá, então.

Diretamente, seriam empresas que financiariam os programadores. Empresas estas que sentiriam que o monopólio era ruim e que isto

não ia de encontro aos seus interesses econômicos. Não se nota aqui nenhuma bondade por parte das empresas, mas de uma estratégia que permitisse um mercado concorrido. Explico: num mercado com monopólio de sistema operacional, a empresa que o desenvolveu poderia iniciar uma campanha para popularizar esta ou aquela empresa de hardware. Imagine, hipoteticamente, se o sistema operacional "W" indicasse que o melhor processador para seu programa é o processador "D".

Ao mesmo tempo, essas empresas teriam uma estratégia secundária. Ao financiar o SL/CA, elas permitiriam que ele estivesse em pé de igualdade de funcionalidade com o software proprietário, e este último, para reagir, teve que acrescentar recursos gráficos para torná-lo mais aprazível, mais belo aos olhos dos mortais comuns. Para tanto, as máquinas teriam que ter um processamento melhor. Assim, as indústrias de hardware, ao financiar o SL/CA, ganhariam em várias áreas:

- 1 - Na difusão do conhecimento;
- 2 - Na possibilidade de elas próprias desenvolverem projetos usando aquele código e tecnologia;
- 3 - No impulso da indústria de software proprietário em desenvolver uma tecnologia que utilizasse mais recursos de hardware, e assim alavancar as vendas do mercado de processadores;
- 4 - Na proibição implícita de que a indústria de software proprietário comece a indicar apenas um padrão de tecnologia de hardware pertencente à uma indústria específica.

Nota-se claramente que não é uma prática humanitária que guia as empresas que financiam o SL/CA, mas uma estratégia de mercado pensada e analisada friamente.

Além deste financiamento direto, temos o indireto, com a mão-de-obra do desenvolvimento, checagem, distribuição e revisão do código. O ser humano comum contribui financeiramente com o SL/CA quando fornece suas horas vagas para dedicar-se ao código. Em nenhum momen-

to, poderá receber um retorno direto e financeiro por isso além da satisfação e dos lucros advindos do uso da ferramenta que estava desenvolvendo em parceria.

Mas por que isso?

Brian Sam-Bodden, presidente e arquiteto de software chefe da Integrallis Software [2], talvez nos indique o caminho com a frase "Um dos motivos pelo qual a comunidade de código aberto é tão prolífica é que tudo, menos o software mais trivial, é difícil e caro de ser produzido e as soluções prontas fornecidas pelos produtores comerciais muitas vezes não conseguem gerar uma solução completa."

Cai por terra também a questão da bondade pela bondade [mas não totalmente. O ser humano percebe que, ao colaborar com o desenvolvimento de um sistema operacional, está criando um modelo de gestão de conhecimento que irá permitir que seja possível, em breve, o devolvimento de outros softwares, sejam eles tocadores de músicas, clientes de correio eletrônico, navegadores de internet ou programas mais



...num mercado com monopólio de sistema operacional, a empresa que o desenvolveu poderia iniciar uma campanha para popularizar esta ou aquela empresa de hardware.

Jamerson Tiossi



sofisticados [como IDE's, editores de vídeo e imagem ou programas de acompanhamento gerencial de indústrias. Ao colaborar com a base (um sistema operacional), todos estão possibilitando o caminho nessa direção.

Sobre as motivações dos colaboradores de SL/CA, aconselho a leitura essencial de Software Livre e a Perspectiva da Dádiva: uma análise sobre a produção colaborativa no Projeto GNOME, do autor Vicente Macedo de Aguiar. Trata-se de um dos textos presentes no livro Software Livre, Cultura hacker e ecossistemas de colaboração [3]. É uma excelente oportunidade para entender melhor as motivações e a organização de um projeto gigantesco.

O código proprietário é oculto, desconhecido. São as trevas que não permitem a evolução natural da espécie humana. Você pode responder que o código aberto também não lhe permite a leitura completa, por não saber os significados. Mas é possível contratar alguém que informe que não haverá prejuízo real e ou fuga de informação ao utilizar aquele programa.

A indústria do software livre/código aberto (SL/CA) esbarra na facilidade da pirataria relacionada ao software proprietário, o que impede seu real crescimento. É de se supor que existam interesses das empresas de software proprietário em permitir que seus sistemas sejam pirateados e desconstruídos para serem reinstalados nos mais longínquos lugares. Existe toda uma indústria que ganha com a dificuldade de se trabalhar com determinados softwares. É essa indústria que gera cursos de altos custos para o usuário. Alguns softwares facilmente chegam à casa de R\$ 10 mil! Em promoção!

Permitir a pirataria é uma resposta pensada friamente pelas indústrias de software proprietário. Ainda que eventualmente essas empresas ataquem instituições que estão utilizando cópias não licenciadas (um parêntese aqui: sempre ouvi boatos sobre essas fiscalizações, mas não vejo documentação do fato), não se vê um programa real de proteção de cópias simples-

mente porque é interessante para essas mesmas empresas tornarem-se referências naquelas áreas. Um exemplo? Pense em edição de fotos e, por lógica, você imaginará dois ou três softwares proprietários para fazer uma edição. Para você, é mais fácil usar o programa "P" porque a rede de usuários é ampla e permite que todos saibam como resolver as dúvidas. Utilizando o SL/CA, você terá que reaprender alguns passos e nem sempre o resultado é o mesmo.

Numa lógica fria, é melhor para a indústria do software proprietário vender mil cópias [que irão pagar seus custos e permitir algum lucro [e não perseguir os outros nove mil usuários, pois assim suas marcas estão em contato constante com os usuários.

A pirataria só existe por que a indústria do software proprietário sabe que, se apertar a fiscalização, os usuários irão utilizar outros softwares para executarem as mesmas funções. Imagine se, em algum momento, os usuários descobrem o SL/CA? Haverá uma perda maior a longo prazo. 

Referências

[1] STALLMAN, Richard. "A GNU GPL e o modo americano de viver", citado em "Política e Linguagem nos debates sobre software livre" de Rafael Evangelista, disponível em "Software Livre, Cultura Hacker e Ecossistemas de Colaboração" Momento Editorial, 2009.

[2] SAM-BODDEN, Brian. **Desenvolvimento em POJOs - Do iniciante ao Profissional**. Alta Books, 2006.

[3] AGUIAR, Vicente Macedo de. **Software Livre, Cultura hacker e ecossistemas de colaboração**. Momento Editorial, 2009.



JAMERSON ALBUQUERQUE TIOSSI é Gestor de Sistemas Informatizados, pós-graduado em Engenharia de Software (com ênfase em software livre), e bacharelando em Administração Pública. Trabalha com Java, NetBeans, Ubuntu e MySQL. Mantém um blog sobre quadrinhos e mídias em <http://osilenciodoscarneiros.blogspot.com>.



O verdadeiro inimigo do software livre: a pirataria

Por Walter Aranha Capanema

Introdução

O software livre, sem sombra de dúvida, é um conceito fascinante que, no mesmo tempo que protege a criação do programador (ou do grupo de programadores), permite o compartilhamento, normalmente gratuito, do seu conteúdo e do seu código-fonte.

Essa característica de compartilhamento do software livre ocasionou a formação de uma verdadeira comunidade, que compartilha informações, dicas e tutoriais. Com isso, é fácil obter a notícia de qualquer alteração ou bug do programa, às vezes, em questão de horas.

A vantagem econômica, por sua vez, é evidente com a sua não onerosidade, razão pela qual os consumidores e, principalmente as empresas, podem investir uma maior quantia em hardware (placas de vídeo, memória, hard disks).

Todavia, apesar dessas evidentes qualidades, ainda há resistência à sua implantação, especialmente no Brasil, tendo como principal inimigo a pirataria.

A pirataria

A pirataria já é um fenômeno mundial, abrangendo toda a sorte de dados digitais: jogos, aplicativos, música (MP3), filmes, programas de TV, e-books, HQs e tudo aquilo que estiver em bits e bytes.

É um problema que parece ser incontrolável e irreversível: por mais que as empresas lesadas instalem dispositivos antipirataria em seus produtos, mais ela cresce, tornando-se uma conduta aceita pela sociedade. Um pirata, segundo esse raciocínio, é só alguém que tem interesse e curiosidade em "baixar" um programa. Não teria a intenção de causar prejuízos financeiros a quem quer que seja.

Com esse raciocínio, programas de escritório, aplicativos de fotografia digital, editores de vídeo e de animação, todo software comercial, são "baixados" e vendidos impunemente, a céu aberto, nas cidades.

Curioso verificar que, muito embora esses piratas sejam sempre encontrados nos mesmos lugares e - pasmem - anunciem em jornais livremente de grande circulação, não há uma represão por parte das empresas lesadas, tanto quanto se identifica uma significativa tolerância com o próprio Poder Público.

Permissividade e pirataria

Questiona-se qual a razão para que tais empresas atuarem de forma omissa, permitindo o uso ilegal e impune de seus produtos.

A resposta para essa pergunta é até chocante: tais empresas preferem sofrer um prejuízo e ver seu programa ser utilizado ilegalmente, do que competir com o software livre, impedindo a criação e uma disseminação de uma cultura free.

Conversando com alunos, já verifiquei que uma parcela considerável prefere usar uma suíte de escritório pirata do que utilizar o fantástico BrOffice, que, além de gratuito, é rápido, pequeno e permite salvar documentos no formato PDF (muito útil no processo eletrônico, em que os Tribunais exigem o envio de petições e documentos no formato da Adobe).

E o mais maquiavélico é que essa conduta omissiva/permissiva dessas empresas de software não pode ser considerada crime. Não há tipo penal em permitir que seu programa de computador seja copiado ilegalmente por terceiros.

Aliás, do ponto de vista da moderna doutrina do Direito Penal, poder-se-ia ver aqui a figura do consentimento do ofendido, a constituir causa supralegal de exclusão da ilicitude. Em outras palavras, a aceitação da vítima impediria a condenação do criminoso.

Vê-se, todavia, que essa atividade configu-

“ “ A pirataria já é um fenômeno mundial, abrangendo toda a sorte de dados digitais: jogos, aplicativos, música (MP3), filmes, programas de TV, e-books, HQs e tudo aquilo que estiver em bits e bytes. ” ”

Walter Capanema

“ “ O dumping na pirataria consistiria na permissão de aplicação ilegal de programas, mas com o objetivo de afastar do mercado a concorrência, especialmente quando, como no caso do software livre, também apresenta produtos similares.

Walter Capanema

” ”

raria um verdadeiro dumping oculto [1]. Entende-se por dumping a prática, no âmbito comercial, em que uma empresa, com o objetivo de monopolizar o mercado, cobra, por seus produtos e serviços, um valor excessivamente baixo (quando não oferece gratuitamente), afastando os seus concorrentes.

O dumping na pirataria consistiria na permissão de aplicação ilegal de programas, mas com o objetivo de afastar do mercado a concorrência, especialmente quando, como no caso do software livre, também apresenta produtos similares.

Conclusão

O software livre não é apenas uma forma de distribuição de programas de computador. É uma verdadeira cultura, que prega a disseminação de conhecimento e de cultura. A sua gratuidade é uma característica que permite a sua utilização por todos os espectros da sociedade.

Vê-se que a pirataria, tolerada pelas empresas de software, não visa apenas a retirar do mercado tantos programas livres fantásticos (BrOffice, GIMP, Blender etc), mas, principalmente, impedir uma cultura que estimule o desenvolvimento do software livre.

Cabe à sociedade ficar alerta a essa estratégia empresarial, e lutar para proteger a nossa cultura tecnológica livre. 

Referências:

1. Não há esse conceito na legislação e na doutrina. Foi criado pelo autor.



WALTER CAPANEMA é professor da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro [EMERJ (Brasil). Formado pela Universidade Santa Úrsula - USU. Advogado no Estado do Rio de Janeiro. Email: waltercapanema@globo.com e site: www.waltercapanema.com.br





Copiar CD para uso pessoal é Pirataria?

Por Roney Médice

Antigamente, nossos pais entravam em uma loja de discos a procura daquele vinil que tinha acabado de ser lançado no mercado, que fazia sucesso nas festas americanas onde todos se reuniam levando um prato de salgado ou doce, animados pelas músicas de Roberto Carlos, Rita Lee e outros cantores da velha guarda.

Eram coleções e mais coleções que ficavam enfurnados dentro de gavetas, armários, caixas e outros locais que eram destaque na casa, local obrigatório de passagem de todo o visitante que entrava na casa, onde o proprietário da coleção fazia questão de colocar alguns disco de vinil para tocar e alegrar o ambiente.

Os tempos mudaram e aquele chiado emitido do disco de vinil foi substituído por mídias digitais, os chamados Compact Disc (CD) com qualidade sonora digital, que revolucionou a indústria fonográfica, levando aos ouvintes de música, um produto de melhor qualidade, compacto e prático.

Mas essa evolução trouxe um outro problema que antigamente não existia: o problema da pirataria. Naquela época, não se falava em copiar um disco de vinil, baixar músicas da internet então, nem pensar, pois a internet ainda não existia. Enfim, o disco de vinil fez história e durante o seu momento de existência, não existiu maiores problemas a não ser os problemas de quebra de agulha, disco de vinil arranhado, etc.

Atualmente, estamos passando por um momento que tudo é possível de reprodução, sejam produtos importados, de marca, roupas, sapatos, bolsas e principalmente CD's. Não existe mais a preocupação em querer saber quanto vale no mercado um CD de música. A questão agora é saber onde é possível arranjar o CD de forma ilícita, se pode ser baixada pela internet ou se algum conhecido possui o CD para poder emprestar e assim, gerar o MP3 (padrão de arquivo digital de som).

Iremos abordar uma visão um pouco diferente do que foi levantado até o momento. Analisaremos a situação em que o consumidor comprou um CD de música na loja, com nota fis-

cal e ele quer agora, transformar as faixas de música do CD comprado em MP3 para poder escutar em seu Ipod, um equipamento eletrônico que tem a finalidade de reproduzir músicas MP3.

No Brasil, em 1998, foi instituído um instrumento jurídico para incentivar e proteger a criação intelectual, a Lei de Direito Autoral nº 9.610/98 [1]. No artigo 5º da referida lei, em seu inciso VI, podemos notar que a lei refere-se a "VI - reprodução - a cópia de um ou vários exemplares de uma obra literária, artística ou científica ou de um fonograma, de qualquer forma tangível, incluindo armazenamento permanente ou temporário por meios eletrônicos ou qualquer outro meio de fixação da propriedade ou posse".

Dessa forma, quando copiamos uma música original de um CD que compramos na loja, mesmo com nota fiscal e passamos a reproduzir (tocar) a música no Ipod, por exemplo, estamos sujeito aos efeitos legais da Lei de Direito Autoral. Neste caso, especificamente, a música de CD é considerada uma obra protegida conforme o artigo 7º, inciso V, que trata das composições musicais, tendo ou não letra.

Não se pode reproduzir um CD inteiro ou somente uma faixa do CD sem a autorização prévia e expressa do autor. No artigo 29, inciso I da Lei 9.610/98 deixa bem claro que ninguém pode reproduzir parcial ou integral a obra se não houver essa autorização dada previamente. Ou seja, você está cometendo um crime quando copia uma faixa ou um CD completo para dentro do seu equipamento eletrônico de música, que toca no formato de arquivo de áudio MP3.

Entretanto, essa mesma lei também excepciona um momento em que não há violação de direito autoral, que é quando for feita uma reprodução (cópia) de pequenos trechos da música para uso próprio de quem estiver reproduzindo o trecho e que não tenha intuito de lucro, exceção essa legitimada pelo artigo 47, inciso II da Lei de Direito Autoral.

Todavia, sabemos que dificilmente iremos comprar um CD na loja para escutar somente

“ Não existe mais a preocupação em querer saber quanto vale no mercado um CD de música. A questão agora é saber onde é possível arranjar o CD de forma ilícita... ”

Roney Médice

trechos da faixa de música em nossos equipamentos eletrônicos de MP3, ocasião em que fazemos a reprodução de todo o conteúdo do CD para o Ipod ou equipamento semelhante, devido a praticidade de se escutar as faixas musicais em aparelhos mais compactos, trazendo conforto e praticidade ao usuário.

Diante do exposto, percebemos uma movimentação do Ministério da Cultura em propor uma reforma na Lei de Direitos Autorais, através de consulta pública em que as pessoas puderam se manifestar sobre o assunto, já que determinadas ações como o de reproduzir um CD por inteiro para escutar no Ipod são atividades consideradas "normais" pela sociedade atual, embalada pela evolução tecnológica.

Esse consulta pública teve o seu prazo para recebimento de sugestões encerrada no fim do mês de agosto desse ano e muitas ideias polêmicas sugeridas dividem a classe artística. Uma das sugestões enviadas é que seria permitido ao usuário fazer uma cópia completa do CD para uso particular, sem intuito de lucro. Entretanto, uma prática comum nos dias de hoje continua a ser considerada como crime: fazer uma cópia do CD de música para presentear alguém, mesmo que essa ação não gere lucro.

Existem outros casos mais complexos que precisamos analisar melhor cada situação como é o caso de um dono de bar que compra um CD na loja para uso particular. Enquanto ele estiver escutando o CD no seu equipamento de som dentro de casa, perfeitamente estará sendo atendido a Lei dos Direitos Autorais. A partir do momento que ele pegar esse CD e colocar à disposição de seus clientes como música ambiente, ele já estará infringindo a Lei, pois o seu objetivo é trazer ao seu negócio um local mais agradável e acolhedor, mas com isso, ele precisa pagar o direito autoral por utilizar o CD de forma pública.

Portanto, podemos verificar que os brasileiros não respeitam mesmo a Lei de Direitos Autorais, pois o que mais vimos no carnaval são

“ Atualmente, estamos passando por um momento que tudo é possível de reprodução, sejam produtos importados, de marca, roupas, sapatos, bolsas e principalmente CD's.”

Roney Médice

carros com som potentes tocando CD's de música em um ambiente público. É a mesma infração hoje para quem copiar uma faixa inteira ou um CD para escutar em outro equipamento eletrônico mesmo que para uso próprio. Precisamos repensar isso. 

Referências:

[1] <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9610.htm>



RONEY MÉDICE é coordenador de segurança da informação do Terminal Retroportuário Hiper Export S/A, no Porto de Vitória, com mais de 10 anos de experiência na área. Consultor de Segurança da Informação do Grupo Otto Andrade. Perito Digital com certificação CDFI. Membro fundador do CSA - Cloud Security Alliance - Chapter Brazil, membro do Comitê ABNT/CB-21.

Cordel da Pirataria



Cárlisson Galdino

Naquele tempo antigo
Dos grandes descobrimentos
Navios cruzavam mares
Levando dor e tormento
Às terras por toda a vida
Fossem novas ou antigas
Sem respeito e violentos

Iam à costa africana
Com suborno ou então bravos
Deixavam terra levando
Dezenas de homens, escravos
Outros levavam empregados
E muitos deles, coitados,
Eram mortos por centavos

Esses homens nesses barcos
Dominavam o mar selvagem
Subjugando outros povos
Mas tinham uma boa imagem
Pois nos livros de História
Ainda hoje levam glória
Por cada dessas viagens

Nesse mar, sem ter direito
A ter u'a vida de gente
Muitos se reagruparam
Num caminho diferente
Nessa realidade ingrata
Criaram as naus piratas
E enfrentaram o mar de frente

Piratas, os homens livres
Diferiam dos demais
Dentro da embarcação
Tinham direitos iguais
Cultivavam parceria
Contra toda a tirania
Confrontando as naus reais

Atacavam naus tiranas
Roubando o que foi roubado
Matavam os ocupantes
Escravos, são libertados
Onde gastar o obtido?
Tudo o que era conseguido
Mundo afora era trocado

Esses eram os piratas
Daquela época esquecida
Que se ergueram contra reis
Nessa tortuosa vida
De "crimes", mas foi assim
Pois em alto mar, no fim,
Não tinham outra saída

Mas vamos falar agora
De algo dos dias atuais
Que é estranho e nasceu
Já nem tanto tempo faz
Hoje o tema da poesia
Chamam de pirataria
E os direitos autorais

Para contar essa história
De leis, direito e valor
Temos que entender primeiro
Como a gente aqui chegou
Por isso, como esperado
Vamos voltar ao passado
Onde tudo começou

No ano de 62
Do século XVII
O país, a Inglaterra
E a censura, um canivete
Cortava a produção
De tudo que era impressão
Pois besta em tudo se mete

E os livreiros desse tempo
Cada editora antiga
Precisava de um aval
Para que imprimir consiga
O aval do Rei, do Estado
Que se não for do agrado
Deles, a impressão não siga

Um monopólio formado
Pra controlar a leitura
Terminou dando poderes
Além do que se procura
Dessa forma os livreiros
Cresceram muito ligeiro
Nessa forma de censura

Já no século XVIII
Bem lá no ano de 10
Naquela mesma Inglaterra
Uma nova lei se fez
Hoje ninguém lembra mais
De direitos autorais
Foi ela a primeira lei

Right em inglês é direito
E copy é copiar
O Estatuto de Anne
Só disso ia tratar
Direito direcionado
Aos livreiros, que afetados
Tinham que se acostumar

Pois copyright falava
De cópia em larga escala
E o direito é o monopólio
Sobre cada obra criada
E esse direito, notamos
Durava quatorze anos
E o monopólio acabava

Note que essa nova lei
Não veio favorecer
Os livreiros da Inglaterra
E o monopólio a nascer
Não era bem algo novo
E era o bem ao povo
Que essa lei veio fazer

Nasceu o Domínio Público
Nesta distante Idade
Os livreiros exploravam
Seus direitos à vontade
Mas terminado o prazo
Toda obra era, no caso
Doada à Humanidade

Os livreiros reclamaram
Pedindo ampliação
Para aquele monopólio
Mas não teve apelação
Pois se fosse concedida
Mais outra seria pedida
E o prazo seria em vão

Isso lá naquele tempo
Eles podiam prever
Que se o prazo aumentasse
De novo iam querer
Sempre após mais alguns anos
E o prazo se acumulando
No fim "pra sempre" ia ser

As empresas mais gigantes
Que corrompem os governos
Que publicam propagandas
De produtos tão maneiros
Com um gigantesco ganho
Artistas são seu rebanho
E a Lei garante o dinheiro

Como se vendesse a alma
Para uma empresa privada
Nem ele pode copiar
A obra por ele criada
Mesmo quando ele morrer
A empresa é que vai dizer
Como a obra é usada

Mas o mais interessante
Pros livreiros e editores
É que o que eles previam
Houve com novos atores
E hoje o direito autoral
Vale tanto, que é anormal
Pra agradar exploradores

Toda essa exploração
Funciona desse jeito
O pobre artista cria
O seu trabalho perfeito
Um trabalho bom e novo
Ele faz é para o povo
Poder ver o que foi feito

Autores bem talentosos
Que se encontram no caixão
Sem obras suas à venda
Com fãs, uma legião
Mesmo a pedidos dos fãs
Toda essa força é vã
Pra ter republicação

Por que, vê se faz sentido
A desculpa que eles dão
Pra monopólio de livros
É incentivo à criação
Se é assim, por que, ora pois
Ele dura anos depois
Da morte do cidadão?

Para o povo ter acesso
Ao que ele produziu
Não é algo assim tão fácil
Atingir todo o Brasil
Pra isso que produtores,
Gravadoras, editores
Tudo isso se construiu

Pois o direito estará
Numa empresa transferido
Que é quem dirá se é viável
Atender a esse pedido
E se ela não publicar
Nenhuma outra poderá
Pois o direito é exclusivo

Que eu saiba depois de morto
Eu garanto a você
Por grande artista que seja
Ele não vai escrever
Só se for, caso aconteça
Com um médium, mas esqueça
Não é o que a Lei quis dizer

Porém esse monopólio
Garantido ao autor
É o preço que eles cobram
Pra fazer esse "favor"
Se a editora tem confiança
Facilmente a obra alcança
Além do que se sonhou

Esse jogo de direitos
Ilude a maioria
Dos artistas existentes
Como uma loteria
Onde muita gente investe
Mas pra poucos acontece
Algum sucesso algum dia

O direito agora vale
Por toda a vida do autor
Depois mais setenta anos
Depois que a morte chegou
Pra incentivar o defunto
Mesmo estando de pé junto
Continuar a compor

O autor perde o direito
Sobre a sua criação
Quem vende é atravessador
E lhe paga comissão
Alguns centavos pingados
E o maior lucro somado
É da empresa em questão

E os artistas que investiram
Enriquecendo a empresa
Olham para os de sucesso
Não percebem serem presas
Sonhando chegarem lá
Seguem a financiar
Essa indústria com firmeza

Por que funciona assim
Não é difícil notar
"Incentivo" é só desculpa
Para o povo aceitar
Quem lucra são editores
Sendo atravessadores
É a Lei da Grana a mandar

Vejam só que curioso
São "direitos autorais"
Mas pra chegar no mercado
Alguns contratos se faz
E os direitos de repente
A que tanto se defende
Do autor não serão mais

Quem tem direito exclusivo
Cobra o quanto quiser
Esse é o mal do monopólio
Mas sempre é assim que é
Quando surge alternativa
A essa prática nociva
Reclamam, não saem do pé

Copiar é ilegal?
É, mas a Lei que hoje vale
Foi feita por essa gente
Que corromper tudo sabe
Alterando o Direito
Para funcionar do jeito
Que melhor a elas agrade

Desde os tempos mais antigos
Alguém canta uma cantiga
Outro aumenta um pouquinho
E ela cresce e toma vida
Na cultura popular
Logo ela se tornará
Bem melhor do que a antiga

Com cultura é desse jeito
Que se faz evolução
Sempre se inspira nos outros
Na imagem, prosa ou canção
Do Teatro à Literatura
Cultura gera cultura
Não queira fingir que não

Hoje com toda mudança
Que fizeram, quem diria?
Compartilhar e expandir
Chamam de Pirataria
E o direito à cultura?
Criou-se uma ditadura
Como há muito se temia

O que querem impedindo
O poder da interação
É tornar todos iguais
Seja massa a multidão
É uma questão de Poder
Pra mais lucro acontecer
Todos com o mesmo feijão

Deixo então esta pergunta
Que ainda não tem solução
Num país de tradições
Que futuro elas terão?
O que será da cultura
Vivendo na ditadura
Dos livreiros, da opressão?

Piratas no fim das contas
Apoiavam igualdade
Hoje chamam de pirata
Quem age contra a maldade
E compartilha o que tem
Dando cultura por bem
Quem tem solidariedade



CÁRLISSON GALDINO é Bacharel em Ciência da Computação e pós-graduado em Produção de Software com Ênfase em Software Livre. Já manteve projetos como IaraJS, Enciclopédia Omega e Losango. Mantém projetos em seu blog, Cyaneus. Membro da Academia Arapiraquense de Letras e Artes, é autor do Cordel do Software Livre e do Cordel do BrOffice.

REVISTA

espírito livre

LIBERDADE E
INFORMAÇÃO

MANTENHA-SE
INFORMADO!

<http://revista.espiritolivre.org>





Num reino não tão distante
Com enorme população
Havia um rei poderoso
Mandando no que há sobre o chão

Seu reinado foi construído
Pelo poder que outros lhe dão
E o rei tinha ouro e castelo
Exército: espada e canhão

E tinha ministros e nobres
Coroa e anéis na mão
Mandava em tudo
Era absoluto
O rei era o deus da nação

O poder que ele detinha
Não podia desperdiçar
Pois mesmo cheio de dinheiro
Muito mais queria juntar

E cobrava altos impostos
Sobre o que não tinha sentido
Dizia proteger o povo
E era adorado e temido

Se dissesse que o céu é verde
Ninguém podia dizer que não
Pois era o rei
Sua palavra, a lei
O rei era o deus da nação

Até que um dia ouviu
Falar de um mundo além
Um mundo cheio de riquezas
Que não pertenciam a ninguém

E o rei dessa terra distante
Desejou ter tudo tomado
Toda essa riqueza sem dono
Para engrandecer seu reinado

E assim lançar homens ao mar
Era a única solução
Mandou-os além
Por mal ou por bem
O rei era o deus da nação

Mas aquele rei soberano
Não era o único rei
Em terras vizinhas àquelas
Havia ao menos mais seis

E começou a correria
Navios gigantes ao mar
Para expandir a tirania
E essas novas terras domar

E nas terras já conhecidas
Começou a competição
Com várias nações
Cada uma, um rei
O rei era o deus da nação

Os barcos reais navegavam
Movidos por pura ambição
Tirando da terra o que tinha
Deixando lá escravidão

O ouro e os outros metais
Em exploração que não pára
E dentre a vegetação
As plantas que lhes fossem caras

E assim o rei seguiu seu plano
De enriquecer à exaustão
Às custas dos outros
Sem oposição
O rei era o deus da nação

Do meio dos mares nasceram
Os homens que não tinham pátria
Em barcos hostis e ligeiros
Chamados sempre de piratas

Tais homens e barcos ligeiros
E a Pirataria se fez
Ousados como ninguém mais
Viraram os rivais dos reis

Um pano preto de bandeira
Tão fácil de identificar
À espreita primeiro
E um bote certeiro
Nação de pirata é o mar

Navios pequenos velozes
Furiosa tripulação
Danavam-se no mar hostil
Sem lei, sem coroa ou brasão

O mar nunca guarda seus rastros
A terra não dá proteção
Pra quem só queria ser livre
Tornou-se a única opção

E assim saqueavam navios
Pra poderem se sustentar
Eram qual ladrões
Que roubam ladrões
Nação de pirata é o mar

Zombavam das leis soberanas
De todos tiranos, dos reis
E entre seus próprios parceiros
Criaram suas próprias leis

Com muitos amigos no mundo
Em portos em que confiar
Em outros piratas e índios
Pra um ao outro ajudar

Com uma caveira gravada
No negro pano a flamular
Com sua própria lei
Bandeira e sem rei
Nação de pirata é o mar

É claro que sua existência
Aos reis era algo ruim
Pois lhes saqueavam tesouros
Afundando barcos por fim

Marinhas caçavam piratas
Pra findar sua ação insolente
Quanto mais o tempo passava
A guerra era mais evidente

Reis querendo novos tesouros
Roubados de selvas e matas
Interceptados
Então saqueados
No embate de rei e pirata

Piratas não roubavam reis
Mas só o que estava no mar
Que reis em imensa arrogância
Roubaram de um outro lugar

E o rei em seu trono de ouro
Longe, na maior proteção
Temia o capitão pirata
Que agia com a tripulação

O grande tirano das terras
E o bravo capitão sem lei
Brigando sem dó
Quem leva a melhor?
No embate de pirata e rei

A luta acontece até hoje
Estranho notar que é assim
Piratas e reis guerreando
Em uma batalha sem fim

Chamados piratas de hoje
Não matam, nem roubam no mar
O mar de hoje é a Internet
E o que fazem é compartilhar

Os seus barcos-navegadores
Garantem acesso ligeiro
A toda a cultura
Em meio à loucura
Dos reis, que têm muito dinheiro

Os reis, soberanos das terras
Do mundo concreto, real
Protegendo ouro ilusório
Cercando o imaterial

Tratar cultura como coisas
É o erro dessa geração
Que para manter seus negócios
Sabota toda inovação

Hoje são empresas de mídia
No lugar de antigos governos
Se importa é poder
É bom entender
Reis são os de muito dinheiro

Pessoas são presas no mundo
Pra serem lição, de aviso
Empresas distorcem verdades
Alegando altos prejuízos

E os reis subvertem governos
Com medo dessa nova era
E o povo acha justo copiar
E os interesses levam à guerra

E a guerra se faz novamente
Como era séculos atrás
Por mais proteção
Ou socialização
Piratas e reis digitais

O que os novos reis desejam
É controlar toda cultura
Pois isso lhes dá o dinheiro
Por isso desejam censura

E o que os piratas desejam:
Poder compartilhar sem dano
Afinal acesso à cultura
É também um direito humano

A história não foi concluída
A guerra prossegue ainda mais
Quem vence no fim
Depende de nós
Piratas ou reis digitais? 



CARLISSON GALDINO é Bacharel em Ciência da Computação e pós-graduado em Produção de Software com ênfase em Software Livre. Já manteve projetos como IaraJS, Enciclopédia Omega e Losango. Mantém projetos em seu blog, Cyaneus. Membro da Academia Arapiraquense de Letras e Artes, é autor do Cordel do Software Livre e do Cordel do BrOffice.



11 de Dezembro de 2010
Hotel Mont Blanc - Duque de Caxias

TECNOLOGIA E CULTURA LIVRE



A wikificação do jornalismo é mais uma postura em relação à produção e edição de textos do que uma questão tecnológica, diz Carlos d'Andréa

Por Yuri Almeida e Thiago Araújo

A "wikificação do jornalismo" foi um dos temas abordados durante o #gpciber [1] do #intercom2010 pelo Carlos d' Andréa [2]. A proposta de relacionar a "filosofia wiki" as rotinas jornalísticas é deveras interessante, por isso Yuri Almeida e Thiago Araújo [3] entrevistaram o Carlos d' Andréa. A entrevista está excelente e vai para o "ar" na íntegra.

Carlos d'Andréa é professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Jornalista graduado pela UFMG, especialista em Gestão Estratégica da Informação e mestre em Ciência da Informação pela ECI/UFMG. Cursa doutorado em Estudos Linguísticos na Fale/UFMG (linha Linguagem e Tecnologia), onde estuda produção colaborativa de textos na Wikipédia.

Revista Espírito Livre - No #intercom2010 você apresentou um artigo sobre a wikificação do jornalismo. Quais as principais características desse processo?

Carlos d'Andréa - A noção de "wikificação do jornalismo" parte de um esforço de aproximar as possibilidades e desafios dos wikis e, em especial, da Wikipédia, às rotinas (cada vez mais esvaziadas de processos, diga-se) do jornalismo na web. Ao propor este conceito inspiro-me no que o neurocientista Kenneth Kosik chamou de "wikificação do conhecimento".

São as características essenciais dessa wikificação:

- A atualização contínua de textos jornalísticos publicados na web, em detrimento da publicação de muitas páginas sobre o mesmo assunto e/ou com poucas informações adicionais sobre um acontecimento.
- A participação, em maior ou menor escala, do público na edição dos textos publicados.

Não necessariamente estas características têm que ser conjugadas, assim como nem todo conteúdo jornalístico em texto pode e deve ser wikificado.

É importante ainda dizer que o wiki, mais do que uma ferramenta, é uma metáfora que visa explorar, ao mesmo tempo ou em separado, as possibilidades de agregação de informações textuais em uma mesma página e de uma escrita efetivamente coletiva.

REL - A wikificação do jornalismo proporciona uma "atualização contínua" das notícias, por outro lado, a notícia não é beta. Como aliar atualização com exatidão da reportagem?

CD - "A notícia não é beta". É preciso admitir que esta frase é instigante!

É fundamental explorarmos a palavra "beta". No desenvolvimento de aplicativos,

softwares etc, um programa está na versão "beta" quando chega à sua primeira versão completa, mais ainda passível de ajustes a serem feitas a partir de testes, inclusive com usuários finais. Duas das mudanças possíveis com a web 2.0 são a idéia de "beta perpétuo", pois torna-se viável a incorporação de melhorias (e consertos) ad infinitum, e abertura total dos testes para o usuário comum, algo viável uma vez que os aplicativos estão em rede.

Assim, se consideramos algo beta é como algo passível de erros cujos impactos para os usuários são menores do que o benefício das correções posteriores a serem realizadas, a resposta é: não, a notícia não é beta. A busca pela precisão é e continuará sendo uma característica estruturante do jornalismo. Neste sentido, é inocente pensar que uma proposta de wikificação do jornalismo toleraria, ou mesmo incentivaria a publicação de notícias não-validadas, ou de rascunhos de textos.

E mais: não são os wikis (como ferramentas) que inauguraram esta possibilidade de correção a posteriori no jornalismo. Em portais e blogs os editores frequentemente corrigem informações, muitas vezes de fácil checagem prévia, após sua publicação. Às vezes sinalizam as correções, outras vezes não. Neste sentido, os wikis são inclusive mais transparentes, porque mantêm aberto o acesso ao histórico de edições.

Um outro aspecto do beta é a idéia de que um bem informacional, seja um software, seja uma notícia, não precisa ser um bem acabado, isto é, é passível de melhorias constantes, inclusive a partir de um trabalho distribuído e em rede. Neste sentido, penso sim que o jornalismo e a notícia podem ser beta. Axel Bruns, no livro "Gatewatcher", traz a ideia de "unfinished news", que é uma das características do modo "open news" proposto por ele. Para o autor, trabalhar com notícias não-finalizadas é reconhecer de que elas nunca estão prontas, pois estão inseridas em um ambiente dinâmico e submetidas a uma diversidade de

perspectivas que torna necessária sua atualização e reelaboração constantes.

Partindo da ideia de que toda notícia advém de um fato reconhecido como de interesse jornalístico, uma discussão que enriqueceria bastante este debate é retormar a própria noção de "fato jornalístico", conceito básico das teorias da área. Será que todas as matérias publicadas em site noticioso têm como ponto de partida um fato jornalístico que de fato as justifiquem? Ainda que os critérios de noticiabilidade sejam negociados caso a caso, eu responderia com certeza que não, nem todas as matérias publicadas trazem um fato efetivamente novo e relevante. Assim, pergunto: não poderia ser um texto editado posteriormente com acréscimo de informações que não contradizem o fato jornalístico que a originou? Na perspectiva da wikificação, sim.

Esse é um dos pontos de partida para futuras pesquisas

REL - O jornalismo dos mass media ainda é muito "autoral" potencializa-se mais o "saber fazer" de cada repórter do que o conjunto de "saberes" da redação. Nessa perspectiva de "edição colaborativa" quais os impactos nas rotinas produtivas jornalísticas?

CD - Sim, o jornalismo como conhecemos é essencialmente autoral, e tem no repórter uma figura central na rede de produção, ainda que (antigamente pelo menos) uma série de outros profissionais (do pauteiro ao editor) tivessem funções importantes para que o trabalho do "autor" fosse mesmo bem acabado. Não custa lembrar que o repórter-autor é também o protagonista do grande mito que se construiu em torno do jornalismo no século XX. O superman jamais podeia ser um editor, quero dizer.

Neste contexto, tem pouco glamour o texto wikificado - basta lembrar que um wiki caracteriza-se mais pelo trabalho duro e

contínuo do que pelo esforço pelo reconhecimento público dos colaboradores. Um texto jornalístico wikificado, por ser fruto do trabalho de muitos, em geral não tem a marca clara de nenhum de seus colaboradores, pois tem um pouco, mas o suficiente de cada um deles. Pessoalmente, preocupo-me com o resultado final: guardadas todas as ressalvas e circunstâncias, um texto jornalístico wikificado pode ser melhor, quero dizer, mais informativo, mais completo e - porque não - mais agradável de ler do que um texto autoral.

Um outro aspecto importante aqui é o resgate do papel da edição. Pesquisas no Brasil e no exterior mostram que, especialmente em redações online, há um esvaziamento da edição jornalística. Cada vez menos os editores sentam com seus repórteres para discutir uma matéria ou mesmo a lêem antes de publicação. A wikificação é uma das formas possíveis de retormar a edição, desta vez, porém, de forma aberta para os todos ou alguns membros da redação e, talvez, também para o público.

REL - Quais seriam as habilidades necessárias que o jornalista deve desenvolver para trabalhar em um ambiente de rotinas wikificadas?

CD - Do ponto de vista técnico, creio que são muito poucas as habilidades adicionais perto do que um repórter de uma redação online já faz. Um wiki, ou um CMS que dê suporte à wikificação, caracterizam-se pela simplicidade de uso. Creio que as novas habilidades estão bem mais ligadas à postura, ao modo de lidar com a autoria, como dissemos na questão anterior. Seria necessário tornar-se um jornalista com "espírito wiki", isto é, um foco constante na colaboração, na melhoria permanente do conteúdo, com respeito e espírito crítico em relação ao trabalho do colega. Acredito que estas habilidades são mais difíceis do que o domínio técnico de qualquer ferramentai

REL - A edição colaborativa implica também incorporar a participação dos leitores nas etapas produtivas. Como moderar e incentivar esse processo?

CD - Como disse antes, entendo que não necessariamente, ou imediatamente deve-se incorporar os leitores no processo de wikificação. O "ideal" (no sentido da inovação, da pluralidade etc) é que sim, mas principalmente este tem que ser um processo planejado e avaliado constantemente.

Sem fugir do debate, devolvo esta pergunta aos demais estudiosos e editores do jornalismo colaborativo. A questão central de qualquer projeto de jornalismo colaborativo é como dosar a abertura dos portões de entrada e, especialmente, de saída de informações.

O que os wikis têm de específico? Se pensarmos na Wikipédia, a possibilidade de publicar um conteúdo sem aprovação prévia. Isso é uma ruptura e tanto para as práticas editoriais que conhecemos. Mas pensemos no recurso Revisões Assinaladas, adotado há pouco mais de um ano pela Wikipédia em alemão. Ele permite que uma informação seja publicada com destaque apenas após a aprovação de um dos vários editores previamente credenciados. Assim, criaram uma espécie de "sala de espera" da informação. O leitor pode optar pela leitura de uma versão mais atual, mas não verificada, ou ler a versão assinalada. Desde que a diferença entre as duas versões do texto fique bem clara, parece-me uma boa opção, inclusive para o jornalismo.

De todo modo, preciso dizer que minha tendência é ser conservador, até para que os avanços na parceira da redação e do público sejam significativos e duradouros. Acredito ser melhor abrir pouco os portões no início, e aumentar o espaço para participação externa com o tempo, e mesmo fechar quando necessário.

REL - No artigo você defende que a "wikificação" do jornalismo pode evitar um número excessivo de páginas publicadas. Penso que tal modelo fortalece também a memória jornalística diante de um fato. Esse seria um modelo a ser seguido pelos jornais, tendo em vista que eles são "fontes históricas" da sociedade?

CD - A memória é um ponto chave desta proposta! Em geral pensamos a memória jornalística como uma fonte de pesquisa para retomarmos ou entendermos algum momento histórico muito importante ou mais antigo. Temos que pensar, no entanto, que com o advento dos mecanismos de busca o hábito de recuperar informações se tornou uma prática mais do que rotineira - é a principal atividade de

“ “ A noção de
wikificação do jornalismo
parte de um esforço de
aproximar as
possibilidades e desafios
dos wikis e, em especial,
da Wikipédia, às
rotinas (cada vez mais
esvaziadas de processos,
diga-se) do jornalismo
na web.
” ”

Carlos d'Andréa

muitos usuários na internet, aliás. Quando uma pessoa usa um mecanismo de busca interno de um portal para procurar informações gerais sobre uma pessoa ou um acontecimento, em geral o que aparece? Uma lista enorme de páginas publicadas sobre o assunto, e não uma página que o ajude a sintetizar o fato e encontrar caminhos para aprofundar a pesquisa.

Sintetizar um fato sempre foi uma função das enciclopédias e publicações afins, alguém dirá. E a memória oferecida pelo jornalismo se dá apenas a partir dos fatos pontuais noticiados. Isso fazia todo o sentido no tempo em que o papel (e o noticiário) do jornal de ontem tinha como destino as gavetas de colecionadores, os arquivos públicos e, principalmente, os balcões de peixarias. Não custa lembrar que, nessa época, enciclopédias eram atualizadas em anuários, e olhe lá! Pensando na era que conjuga instantaneidade excessiva, mecanismos de busca e bases de dados, eu me pergunto se o jornalismo não deve enfrentar de frente a responsabilidade pela memória do passado recente, ou mesmo mais remoto.

REL - Além da ferramenta wiki, quais outras formatos você enxerga para a incorporação em rotinas jornalísticas?

CD - Como disse, entendo o prefixo wiki da expressão wikificação mais como uma metáfora do que como um condicionamento tecnológico. Neste sentido, tenho a impressão que a maioria dos CMS, desde que devidamente adaptados, poderia incorporar características técnicas que permitiram a wikificação.

Uma característica fundamental da wikificação, ao meu ver, é o acesso aberto ao histórico de edições de um texto - isso as ferramentas wiki têm como função técnica nativa, mas outras plataformas têm condições de absorver. Por exemplo, o site do The Guardian exibe, em cada matéria, um link chamado "Article History" onde estão listados as

principais ações editoriais realizadas naquele texto: data e hora de publicação, da última modificação, eventual destaque na página principal. Isso é um indício claro que a matéria foi modificada, e que dar visibilidade a estas edições é algo relevante na relação de confiança estabelecida com o leitor. Ao rigor, este recurso do The Guardian é apenas uma versão melhorada do "Atualizado em" adotado por alguns dos principais sites jornalísticos. Numa visão mais otimista, por outro lado, pode ser visto como uma visibilidade à wikificação já praticada.

Voltando à pergunta, e retomando as questões anteriores, novamente aqui a wikificação parece-me mais uma postura em relação à produção e edição de textos do que uma questão tecnológica.

Referências

[1] http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/lista_area_DT5-Cl.htm

[2] Site pessoal: www.carlosdand.com / E-mail: carlosdand@gmail.com / Twitter: @carlosdand

[3] Blog: <http://dezzeroacem.todearaujo.com> / Twitter: @todearaujo



YURI ALMEIDA é jornalista, especialista em Jornalismo Contemporâneo, pesquisador do jornalismo colaborativo e edita o blog herdeirodocaos.com sobre cibercultura, novas tecnologias e jornalismo. Contato: hdocaos@gmail.com / twitter.com/herdeirodocaos.



THIAGO OLIVEIRA DE ARAÚJO estuda Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa. Responsável pelo blog "De Zero a Cem" onde tenta falar sobre as escolhas, os desafios e as descobertas que faz durante sua vida universitária.



O Software Livre e o Genoma Humano

Por Hailton David Lemos

Têm sido espetaculares os avanços realizados pela tecnologia da computação nos últimos tempos - avanços estes impulsionados pela Lei de Moore, que afirma sobre a capacidade de processamento dos computadores. Mas, mesmo assim, nada ainda se compara aos nossos 100 bilhões de neurônios que funcionam lentamente e utilizam uma quantidade mínima de energia e, juntos, desempenham funções impossíveis de serem realizadas pelos nossos computadores mais poderosos. Fazendo uma analogia, o computador feito de componentes eletrônicos e fios, controlados por programas, de certo modo, não deixa de ser um organismo - inanimado, é verdade, mas comparável a um organismo vivo. Tal organismo ainda está longe do que seria um ser vivo em plena atividade, mas funcionalmente desempenha o papel de uma criatura. Em busca do entendimento e conhecimen-

to e não distante dessa realidade, os recursos de informática têm uma importância cada vez maior na Biologia, e vice-versa, por meio do desenvolvimento de ferramentas de software e hardware que são indispensáveis às pesquisas e às novas descobertas. Dentre essas pesquisas desenvolvidas, o projeto do genoma humano foi um ambicioso esforço internacional para determinar a sequência completa do DNA não só dos seres humanos, mas de vários outros organismos vivos.

Na maioria das células, existe um núcleo onde se encontra algo essencial: o genoma, uma estrutura contendo o projeto de construção e funcionamento dos organismos vivos. O genoma humano é encontrado no núcleo das células sob a forma de 46 filamentos enrolados em pacotes chamados cromossomos, que incluem também moléculas de proteínas associadas. Se desenrolássemos esses fios e os ligássemos em série, eles formariam um frágil cordão com cerca de 1 metro e meio de comprimento, e apenas 20 trilionésimos de largura! Do ponto de vista descritivo, o DNA é uma cadeia muito longa composta de quatro letras: G, A, T, e C (Guanina, Adenina, Timina e Citosina). Essas letras são abreviações para as quatro unidades químicas que formam os degraus da escada de DNA de dupla hélice. O objetivo do projeto genoma é determinar a ordem das letras na sequência. O tamanho da sequência é impressionante, mas não particularmente in-

compreensível. Tem cerca de três gigabytes de espaço de armazenamento e, para fazer esse processamento à linguagem Perl, com sua grande capacidade de desenvolvimento e manipulação de strings, processamento de textos, acesso a dados remotos, e a criação rápida de um protótipo, ela tem sido a linguagem escolhida para programação e análises de dados biológicos. Mesmo sendo a programação uma área distante para a maioria dos biólogos, o advento do acesso à enorme quantidade de dados biológicos depositados em bancos de dados públicos tem criado uma procura pelo conhecimento da programação, especialmente as que envolvem software livre - como as linguagens Perl, Python, dentre outras - e sistemas operacionais como o Linux.

Hailton David Lemos

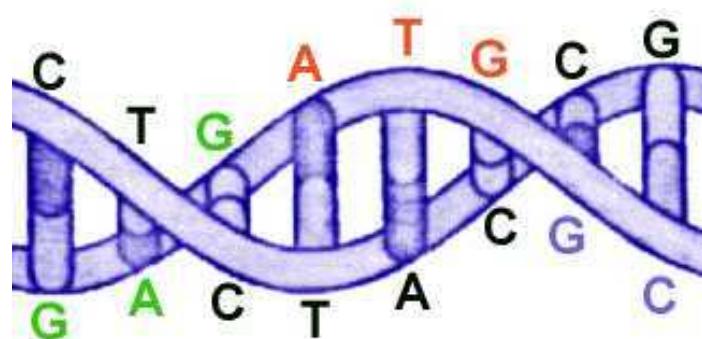


Figura 1: Cadeia de DNA



HAILTON DAVID LEMOS (hailton@terra.com.br) Bacharel em Administração de Empresas, Tecnólogo em Internet e Redes, Especialista em: Tecnologia da Informação, Planejamento e Gestão Estratégica, Matemática e Estatística. Trabalha com desenvolvimento de Sistema há mais de 20 anos, atualmente desenvolve sistemas especialistas voltados à planejamento estratégico, tomada de decisão e normas ISO utilizando plataforma Java e tecnologia Perl, VBA, OWC, é membro do GOJAVA (www.gojava.org).

OPINIÕES

Por Jamerson Tiossi



Ao criticar a posição de governos que incentivam o Software Livre/Código Aberto (SL/CA), o presidente da Microsoft América Latina disse que estes não incentivam a inovação e o empreendedorismo. É uma opinião como tantas outras que existem no mundo. Escolha a sua e defenda sua bandeira.

O sr. Hernan Rincon estava defendendo a camisa da empresa que trabalha. Mas ele não mentiu, apenas disse o que achava correto diante de sua posição e de seus princípios.

Eu humildemente discordo do senhor Rincon, pois acredito que o SL/CA traz vários benefícios, tais como sua gratuidade e a difusão do código, facilitando que as pessoas cadastradas tenham acesso ao código de programas totalmente ou parcialmente funcionais, permitindo assim que a sociedade organizada consiga resolver os problemas daquele código, melhorá-lo e torná-lo relevante para a própria sociedade.

Dizer que o SL/CA não favorece o empreendedorismo é um absurdo tamanho que elimina a existência de todas as empresas que estão legalmente constituídas e fornecem o código livre para a sociedade.

Jamerson Tiossi

Dizer que o SL/CA não favorece o empreendedorismo é um absurdo tamanho que elimina a existência de todas as empresas que estão legalmente constituídas e fornecem o código livre para a sociedade. Dizer que a Free Software Foundation (FSF) não é empreendedora, tendo ela sozinha mudado o perfil de 6% da população usuária de sistemas operacionais desktops, lutando contra o poderio econômico das grandes potências como Microsoft e Apple, significa apenas admitir que o SL/CA está incomodando a Microsoft, ao ponto deles terem que atirar para todos os lados, fazendo declarações com meias verdades.

Quanto à inovação, peço a licença poética dos meus leitores e crio um cenário fictício. Imagine que a Microsoft liberasse o código de seu sistema, de modo que a comunidade e não apenas uma empresa, seja ela a Microsoft, a Apple

ou mesmo a FSF, pudesse corrigir as falhas, especialmente as brechas de sistema que permitem a invasão de programas maliciosos.

Quem ganharia com isso?

A sociedade com certeza, que teria um produto inovador, fruto do raciocínio de dezenas de centenas de cabeças pensantes, produzindo algo que seja único, acessível e cosmopolita. Mais inovador que isto impossível.

Tudo depende do prisma que queremos dar às coisas.

Agora em três de outubro, durante a eleição, utilizei o programa "Divulga2010" do TSE para acompanhar o resultado da apuração dos votos - por sinal, elogio o TSE que entre 18 e 22 horas tinha totalizado 99,99% de 135 milhões de votos, num país com mais de 8 milhões de quilômetros quadrados.

O software rodou direitinho em minha máquina Ubuntu 9.04 (atualizado até a data), mas necessitava de alguns conhecimentos específicos. No Ubuntu, eu não consigo executar o "shell" (cujo equivalente no Windows é o "bat") via duplo-clique. Tive que ir ao terminal, entrar nas pastas e executar o arquivo shell script com o incômodo "./" na frente. No Windows não teria que fazer isto, mas estaria suscetível à programas maliciosos.

É uma questão de escolha: facilidade de uso versus insegurança diante do sistema operacional.

O prisma que prefiro olhar não é do dificuldade de acessar ao programa - que por sinal tinha farta documentação na Internet - mas que a linguagem de desenvolvimento do aplicativo foi o JAVA, uma linguagem livre, flexível e com aceitação no mercado.

Uma das maiores questões para a aceitação do Java é que seu código é portável. Ou seja, pode ser executado tanto em Windows, quanto em Linux e em Mac OS X, com o mínimo de alteração - geralmente nenhuma, mas este cuidado quem tem que tomar é o desenvolvedor.

JAVA permite a difusão do conhecimento?

Sim!

Qualquer um pode realmente aprender JAVA com o somatório de boa vontade, boa literatura e um computador com o Kit de desenvolvimento JAVA instalado.

Tanto permite a difusão do conhecimento e melhoria da sociedade, que o TSE entendendo as facilidades embutidas na linguagem, preferiu desenvolver seu produto neste perfil, sabendo que erros que poderiam existir no código seriam facilmente encontrados e depurados.

Ainda que existam outras linguagens tão ricas de opções no âmbito do desenvolvimento, qual permitiria que o código fosse distribuído e corrigido? Qual poderia rodar em qualquer plataforma? Qual poderia rodar em qualquer máquina produzida nos últimos dez anos e não apenas em máquina TOP de linha recentes? Qual linguagem o usuário poderia ter em sua máquina sem estar infligindo alguma lei de copyright? Qual linguagem permitiria que todos pudessem ler o código, não ocultando em código binário instruções secretas que poderiam estar servindo a interesses particulares e estrangeiros?

JAVA!

Algumas pessoas perguntam o que podem fazer para auxiliar o software livre. Copio a resposta de outros desenvolvedores e distribuidores: Use o software livre!

Se você quer fazer mais pelo SL/CA, aprenda JAVA. O SL/CA precisa de bons desenvolvedores JAVA que possam ler, corrigir e redistribuir código e conhecimento pelo mundo... mesmo

Uma das maiores questões para a aceitação do Java é que seu código é portável. Ou seja, pode ser executado tanto em Windows, quanto em Linux e em Mac OS X, com o mínimo de alteração - geralmente nenhuma...

Jamerson Tiossi



JAMERSON ALBUQUERQUE TIOSSI é Gestor de Sistemas Informatizados, pós-graduado em Engenharia de Software (com ênfase em software livre), e bacharelando em Administração Pública. Trabalha com Java, NetBeans, Ubuntu e MySQL. Mantém um blog sobre quadrinhos e mídias em <http://osilenciodoscarneiros.blogspot.com>.



UBUNTU E AS COMUNIDADES

Por Waney Vasconcelos

A comunidade na qual estou inserido imediatamente, morando, produzindo os meios de vida, se chama Oziel Alves, assentamento rural, Goiás. A disponibilidade que temos de acesso à Internet é a partir de tecnologias 3G particulares e do sinal de satélite GESAC, no telecentro comunitário (Ministério de Minas e Energia, Furnas C.E., MDA, INCRA, Banco do Brasil, MST, CooperOziel).

A Fundação Banco do Brasil doou computadores usados, para oficinas e montagem do telecentro, com Debian instalado. Para a grande maioria das pessoas aqui, era o primeiro contato com software livre. Depois, com equipamentos que Furnas doara junto com a parceria GESAC/MDA/INCRA/comunidade local para o sinal satélite e protocolos burocráticos, instalamos o Mandriva. Logo depois, o Ubuntu, que usamos até hoje. Decorrendo todo esse processo entre 2004 e agora.

Com tanta hipocrisia patrocinada pela propaganda e pelo marketing atuais, mais do que nunca precisamos questionar o sentido das palavras que, às vezes, falam de anjos e pianíssimo, quando na verdade querem significar feras e dissonia caótica. Mas tem aquelas que passam pela malha fina de escrutínio e se mostram autênticas. Me deixo impregnar pelo significado da palavra Ubuntu, que segundo entendedores e publicações, inclusive de muitos colunistas da Espírito Livre, quer dizer 'sou o que sou pelo que nós somos', tendo origem em comunidades originárias do continente sul africano. Me permito também fazer um contraponto dessa palavra com ahamkara, de origem hindu, cultura na qual não existe o Diabo ocidental, servindo-se eles dessa palavra para exprimir o ómaldentre os seres humanos, tendo o sentido de ilusão do eu, egocentrismo, egoísmo. Para eles, a origem de todo mal, o diabo em pessoa. Concordo porque

o egoísmo faz as pessoas pensarem que seu bem estar individual é muito mais importante que o do coletivo, da comunidade, justificando assim a ideia de posse e propriedade material e intelectual que, por sua vez, dá origem a exploração do homem pelo homem (homem no sentido genérico, claro) que se manifesta em toda a cadeia produtiva do capitalismo, inclusive no sistema de softwares proprietários e de leis anti-piratariaq reflete-se até na vida privada de cada um, quando o marido acha que a esposa é uma posse sua, ou quando é a esposa que acha isso do marido. E o egoísmo institucionalizado e globalizado (ahamkara) dificulta a visão de compartilhamento, de comunidade, de satisfazermos nossas necessidades prescindindo do dinheiro, vil metal, quer que eu seja o que sou pelo que o capitalismo é não pelo que nós, enquanto irmandade biológica, sapiens, somos (Ubuntu) e podemos vir a ser com muitos trabalhando em conjunto para adicionar sempre mais um elo positivo na sequencia do código fonte do existir humano.

O Oziel é um assentamento cujas terras, de cerca de 44.000 hectares, foram desapropriadas de uma empresa alemã que fazia criação bovina extensiva aqui, área de cerrado. Se as quase 2.000 pessoas que ocuparam inicialmente a fazenda não tivessem tido um mínimo de percepção comunitária e organização prática, estariam ainda inchando as periferias de Goiânia ou outras cidades do interior, espalhados. E aqui dentro, a 45 km da cidade mais próxima, sem um senso de sobrevivência comunitária, não nos manteríamos.

O senso/necessidade comunitários do ser humano fez com que ele povoasse também a dimensão/espaço virtual com comunidades e mei-

“ Me deixo impregnar pelo significado da palavra Ubuntu, que segundo entendedores e publicações, inclusive de muitos colunistas da Espírito Livre, quer dizer 'sou o que sou pelo que nós somos', tendo origem em comunidades originárias do continente sul africano.”

Waney Vasconcelos

os de interação humano-humano. Essa vivência comunitária na rede nos possibilita um intercâmbio de experiências locais que vão se agregando e construindo um novo paradigma cultural em nível de espécie humana em tempo real e atual, e vamos cada vez mais entendendo que somos o que a unidade de todo espécime humano é. Minhas características subjetivas estão na dimensão subjetiva, que não é menos importante que a coletiva, mas parece depender diretamente dela. É uma parte do todo.

É significativo minha comunidade de assentamento poder se conectar com outras comunidades como as virtuais. Como vivi, inclusive na área rural, um tempo em que não havia nem celulares muito menos Internet, nos ver agora nesses sertões goianos podendo nos comunicar com o mundo todo, nos relacionar e participar da construção coletiva da atualidade, com o uso de recursos técnicos livres e podendo aprender a construção do código de software para podemos criar ferramentas que nossa necessidade

específica demanda, viver tudo isso agora parece uma acelerada boa na formação de vínculos mentais e sociais necessários a um viver digno. Ubuntu se presta muito bem a isso por ter as ferramentas para interação na Internet e com a máquina, favorecendo assim o aspecto comunitário interdependente do pensar/fazer e humano/máquina, bem como a liberdade de customizar a coisa, possibilitando nossos neurônios inaugurem entre si novas conexões que, se não estimuladas e sem a possibilidade de agir livremente, jamais seriam feitas. Se fosse um sistema proprietário imaginem o caso, nós, comunidade afastada da cidade, computadores reciclados, transporte precário, poucas fontes de renda, com os recursos do telecentro teríamos que montar uma LAN House comercial para garantir a manutenção básica do software, modelo esse que não se sustentaria desde seu mais básico aspecto: o da oferta e da procura, no caso para o serviço de LAN. Sem falar do lado prático/teórico do que é estar preso à cadeia viciosa do modelo proprietário, que entraria de cara em contradição com o senso de liberdade arraigado no meu povo. Claro que ainda muita gente aqui tem resistência em migrar para o SL, mas no fundo percebem que se podemos manter um telecentro funcionando dentro do assentamento, fornecendo conexão banda larga, sendo mantida voluntariamente pela própria comunidade, que se estende às comunidades virtuais internacionais usando um sistema de softwares que não demandam gastos financeiros viciosos, se a comunidade consegue ter e fazer esse tipo de serviço, talvez possamos dizer que estamos incluídos na nossa parte de conceber o mundo e sermos responsáveis pelo que concebemos; qualidade de dignidade seria talvez a palavra. Sou o que sou: homo sapiens, pelo que nós somos: homo coletivus. E agora já somos também homo internaeticus!

O GESAC está realizando capacitação teórica técnica social com os monitores dos telecentros, que são as pessoas que a comunidade aponta para operacionalizar o acesso dos de-

mais ao serviço de Internet, bem como monitorar os equipamentos. A capacitação visa maximizar todo o contexto dos Pontos de Presença do programa na comunidade e capacitar os monitores a promoverem o contato dos membros da comunidade com tecnologias virtuais, bem como possibilitar agentes de ensino a distância. Na mais recente etapa presencial do curso, ocorrida em 24 e 25 de setembro/2010, no IFG, Goiânia, com representantes de Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, ficou proposto e pré combinado aos telecentros de nossa região instalarem o Ubuntu. Porque é efetivo na funcionalidade e de fácil assimilação pelos novatos migrantes, impregnados de condicionamento proprietário, aspecto no qual o Ubuntu também facilita por sua interface ser bem parecida com a dos tradicionais proprietários. Quem utiliza o nosso telecentro não tem dificuldades maiores de entender como funciona a ferramenta que precisa pra determinada coisa, seja Internet, escritório ou multimídia. As reclamações são geralmente quanto à velocidade de acesso, que nesse caso é responsabilidade da Embratel e Oi, e dos recursos que nossas máquinas recicladas permitem. Mas a tendência é de 'a culpa é do Linux'. Depois de muitos companheiros daqui verem um Windows XP que mantínhamos no telecentro como exemplar de museu, travar diversas vezes e ter problemas com vírus, esse tipo de ver as coisas está mudando aos poucos (e o Windows também virou Ubuntu). Mas o que levou milênios para ser imposto em nossas mentes não é daqui pra ali que vai simplesmente se extinguir e oportunizar uma vivência outra. Mas todo longo caminho precisa da atitude do primeiro passo.

Além da contribuição da cooperativa local, CooperOziel, na manutenção da energia elétrica gasta no espaço do telecentro e ser a Instituição Responsável juridicamente por ele, temos a participação das escolas municipal e estadual que funcionam dentro do assentamento e dos membros voluntários da comunidade (entre os quais eu) que monitoram a utilização do espaço e são

“ Quem utiliza nosso telecentro não tem dificuldades maiores de entender como funciona a ferramenta que precisa pra determinada coisa, seja Internet, escritório ou multimídia. As reclamações são geralmente quanto à velocidade de acesso e dos recursos que nossas máquinas recicladas permitem. ”

Waney Vasconcelos

responsáveis pela manutenção física do mesmo, bem como dos computadores (10 máquinas). Tudo isso permite à comunidade ter acesso gratuito a serviços informatizados e à Internet. Estamos ainda tentando trazer mais um telecentro, em vista de que o local onde está instalado o atual fica a cerca de 40 quilômetros da extremidade sudoeste do assentamento e como muitas famílias não dispõem de recursos para adquirir computadores nem pagar uma mensalidade de fornecimento 3G, por menor que seja, uma vez que até mesmo a alimentação básica é um problema em muitos casos, possibilitar esse tipo de acesso à cultura digital e à internet parece de extrema utilidade. Estamos ainda na tentativa de conscientizar as coordenações de outros assentamentos vizinhos a se organizarem com o objetivo de levar telecentros para cada um deles, tendo-se em vista os vários projetos para isso que frequentemente são publicados.

Desde que aqui chegamos, em 2003, pas-

samos cinco anos sem energia elétrica, portanto sem televisão, geladeira, aparelhos de som, etc, contando apenas com o velho e bom rádio a pilha para nos informar e entreter, e lampiões, velas e lamparinas para iluminação. Internet só na cidade, em LAN Houses, a quase 50 km daqui. Mas na sede da antiga fazenda, como tínhamos energia elétrica, já funcionávamos oficinas de introdução à informática e ao software livre.

Ao possibilitar o acesso e a autogestão num modelo de compartilhamento e possibilidade de desenvolver atividades informáticas e de acesso à internet a comunidades como a nossa e diversas outras, o software livre, com destaque ao Ubuntu pelas razões supracitadas, desempenha um papel crucial na retomada do sentido quase esquecido de comunidade auto suficiente. E com o recente conceito de comunidade virtual global, desempenha o papel de verdadeiro sentido de comunidade, aquele que pressupõe cooperação, colaboração e compartilhamento para superar os limites e avançar rumo a um viver repleto de recursos necessários ao sentido intrínseco de liberdade + dignidade, uma vez que a filosofia/prática do software livre disponibiliza os recursos informáticos já construídos e prevê a possibilidade de qualquer comunidade construir aqueles que ainda faltam.

Realizemos ubuntu para anular o famigerado ahamkara humano! 



WANEY VASCONCELOS é assentado da reforma agrária e também luta por ela. Faz arte (escultura, pintura artesanal) para sobreviver, e, desde que se entende por gente é educador popular, trabalhando com oficinas de arte, teatro, informática, inglês e espanhol como voluntário. Coordena o telecentro (via GESAC) do assentamento Oziel, divisa de Goiás com Mato Grosso.



LIBERDADE E RESPEITO

Por Aline Abreu



"Disciplina é liberdade!" Essa frase pertence a uma música da banda Legião Urbana, extinta em 1996 logo após a morte de seu vocalista, Renato Russo.

Apesar de ser clichê, há tempos penso nessa frase associada ao software livre. Disciplina é liberdade...

Por que disciplina é liberdade? Porque a liberdade é feita de direitos e deveres. Muitas vezes, quando pensamos em liberdade, estamos presos a um conceito de que ser livre é fazer o que se quer, a hora em que se quer e do jeito que se quer. Não é bem assim, até mesmo a liberdade tem regras.

A nossa liberdade termina quando os direitos das outras pessoas começam.

Aonde quero chegar? Vamos lá:

Para usar software livre, é preciso saber respeitar os desenvolvedores, os contribuintes, os usuários. Quando usamos um software livre,

julgamos o trabalho de outras pessoas muitas vezes sem contribuir com o projeto. Falo aqui de contribuição financeira e de mão-de-obra.

Quando somos aficionados por uma distribuição Linux, muitas vezes deixamos de respeitar as escolhas alheias. Isso é oprimir a liberdade do outro. Às vezes, entro nos fóruns e vejo alguém com uma dúvida qualquer, usando uma distribuição X ou Y. Então sempre, SEMPRE, aparecem pessoas com respostas do tipo: "Essa ai não presta, instala a Z...", E isso ocorre com muitas distribuições, não só com as pequenas. Aonde leva essa atitude? Leva o usuário iniciante a voltar para o Windows, sistema em que, de uma maneira ou de outra, ele sempre obtém a ajuda necessária para fazer o que quer.

Eu sou uma pessoa muito paciente e persistente nesse ponto, pois, caso contrário, teria desistido na primeira vez em que entrei em um fórum, há cerca de 5 anos. Eu comprei um computador e quis instalar Linux nele, de qualquer jeito. Um amigo me deu um CD do Kurumin 5.0. Instalei com facilidade, o que me impressionou, pois era a primeira vez que eu estava usando um computador assim, dessa maneira, mais avançada. Eu NUNCA havia formatado um computador antes.

Pronto! Kurumin instalado, consegui configurar meu softmodem e me conectar à internet. Eu tinha uma impressora HP, tentei instalar e não consegui. Acessei a internet, entrei no buscador e digitei:

"Como instalar a impressora X no Kurumin 5.0?". Achei várias coisas, vários posts, muitos deles falavam de um tal de HPLIP, que eu não fazia ideia de como usar.

Pesquisei: "Como instalar o HPLIP no Kurumin 5.0?". Depois de muito pesquisar, não consegui instalar a impressora. Entrei em um fórum e coloquei que eu tinha uma determinada impressora, que havia pesquisado em determinados sites, tinha achado sobre o HPLIP, mas não estava conseguindo instalar e configurar corretamente. Escrevi um post relativamente grande, ex-

Para usar software livre, é preciso saber respeitar os desenvolvedores, os contribuintes, os usuários. Quando usamos um software livre julgamos o trabalho de outras pessoas muitas vezes sem contribuir com o projeto.

Aline Abreu

plicando TUDO que eu tinha feito e colocando no título: COMO INSTALAR A IMPRESSORA X NO Kurumin 5.0. A primeira resposta que obtive foi: "Instala o HPLIP". Assim mesmo, mais nada. Fiquei com raiva, pois a pessoa não tinha nem se dado ao trabalho de ler o que eu escrevi. Mas, pensando melhor, refleti que as pessoas eram voluntárias ali e não tinham obrigação de me ajudar.

Naquele momento, tomei uma decisão: eu iria usar a distro que eu quisesse e, sempre que tivesse dificuldade, eu escreveria e, quando tivesse conhecimento suficiente, ajudaria pessoas que estivessem na mesma situação em que eu estava naquele momento.

Outras pessoas me ajudaram, eu consegui usar a impressora e segui usando o Kurumin por um bom tempo, até ele morrer.

Nessa mesma época, comprei um computador novo e passei a usar o Insigne 5.0. Dificuldades de adaptação sempre existem, mas, vencida essa barreira, comecei a fuçar nele, e descobri que a quantidade de material sobre ele na internet era muito baixa. Comecei a escrever tutoriais e comentários em meu blog e em fóruns, procurando ajudar usuários iniciantes - algumas vezes, até adicionando no MSN e fazendo o possível para que o primeiro contato das pessoas com Linux e/ou com computador fosse agradável, e que essas pessoas ouvissem o mínimo possível de respostas errôneas e grosseiras.

Certa vez, encontrei em um fórum um usuário que queria mandar uma imagem via MSN para um amigo. Essa pessoa recebeu dezenas de respostas de como instalar drivers de webcam, foi pedido a ele lsusb, etc. etc. Lendo o post dele mais atentamente, perguntei: "Você já comprou uma webcam?". Sabe qual foi a resposta? "Não, eu não sabia que precisava, achei que o computador viesse completo...".

Isso é óbvio? Talvez para você, para mim. Mas quando um usuário que nunca mexeu com computador começa a usá-lo, sem ter noção alguma, esse é o tipo de dúvida que surge, principalmente quando lojas por aí anunciam o computador como completo. As pessoas não sabem o que é completo, o que tem que vir, o que não tem.

Voltando à liberdade e à disciplina. Para sermos livres verdadeiramente, precisamos ter disciplina para respeitar essas pessoas, esses usuários que mal sabem o que estão fazendo. Eles vão aprender.

Precisamos ter a disciplina de agradecer aos desenvolvedores e, se possível, contribuir, mas principalmente reconhecer que eles dedica-

Precisamos ter a disciplina de agradecer aos desenvolvedores e, se possível, contribuir, mas principalmente reconhecer que eles dedicaram tempo e energia naquele aplicativo, e que não estão cobrando nada por ele.

Aline Abreu

ram tempo e energia naquele aplicativo, e que não estão cobrando nada por ele.

Para sermos livres, precisamos conhecer e respeitar as outras partes envolvidas em nossa liberdade. Incluindo as partes que têm a liberdade de usar um software proprietário. 



ALINE ABREU tem 25 anos, nascida em Rio Claro, Analista de Testes de OEM e tem formação Técnica em Informática pelo Centro Paula Souza "Bayeux".



REVISTA
espírito
livre

LIBERDADE E INFORMAÇÃO

<http://www.revista.espiritolivre.org/>



Gerência de Redes com Zabbix: A função dos agentes

Por André Déo e Aécio Pires

David Monniaux - wikimedia.org

No artigo Gerência de redes com Zabbix [1], publicado na edição de setembro, nós mostramos a importância de gerenciar uma rede de computadores, os componentes, as características e funcionalidades do Zabbix, bem como ensinamos a instalar o servidor Zabbix no Ubuntu e CentOS.

Dando continuidade à série, vamos falar sobre a função do agente, mostrar os tipos de agentes suportados pelo Zabbix e ensinar a monitorar hosts pelo Zabbix fazendo uso de agentes, do protocolo SNMP e das checagens simples.

O que são agentes?

São softwares presentes nos dispositivos gerenciados, tais como: servidores, switches, roteadores, no-break, etc. Esses softwares podem

ser uma versão do agente SNMP (Simple Network Management Protocol, protocolo de gerenciamento de redes) ou podem ser uma versão agente da aplicação de gerenciamento, por exemplo, um agente do Zabbix.

Qual o papel dos agentes?

A função principal é o atendimento das requisições enviadas pelo gerente (função exercida pelo servidor Zabbix), leitura de informações (variando de acordo com as características do dispositivo) e o envio automático de avisos ao gerente, indicando a ocorrência de algum evento inesperado.

Assim, temos duas situações: na primeira, o gerente solicitou previamente uma informação X a cada intervalo de tempo Y ou solicitou ser avisado caso algum limite fosse atingido; e na segunda, ocorreu algo não previsto e o agente comunica o gerente imediatamente, são os chamados traps ou interrupções de software, que ocorrem em situações de desligamento, alterações de configurações locais, tentativas inválidas de leitura de informações, etc.

Como ocorre a comunicação entre o componente agente e gerente?

Essa comunicação varia de acordo com o software agente que está sendo utilizado. No caso do protocolo SNMP, é usado o protocolo UDP para transporte das informações usando a porta 161 para comunicação entre gerente e agente e a porta 162 para o envio de traps.

No caso do Zabbix, são utilizados os protocolo TCP e UDP, sendo a porta 10050 para comunicação entre o agente e gerente e a porta 10051 para o envio e recebimento de traps.

Instalando o agente Zabbix

Antes de instalar o agente, certifique-se de que o servidor Zabbix está funcionando. Ele não é pré-requisito à instalação do agente, mas é necessário instalá-lo em algum computador da re-

de para que ele possa receber e processar as informações enviadas pelos agentes. Se você ainda não instalou o servidor Zabbix, leia o artigo "Gerência de Redes com Zabbix" [1] para obter o tutorial de instalação.

No wiki da comunidade Zabbix Brasil há três tutoriais de instalação do agente Zabbix:

<http://tinyurl.com/284cttt> => Tutorial de instalação do agente Zabbix no ambiente Windows.

<http://tinyurl.com/23es3jc> => Tutorial de instalação do agente Zabbix no ambiente Linux.

<http://tinyurl.com/2ddty6h> => Ao acessar este link será iniciado o download do tutorial de instalação do agente Zabbix no ambiente Windows, Ubuntu, Debian, OpenSuse, Fedora e CentOS.

Quanto a instalação do agente SNMP, nós não a abordaremos neste artigo, pois há vários documentos na Internet que ensinam como fazer isso de acordo com as características de cada equipamento e sistema operacional. Portanto, ao monitoramos um equipamento através do agente SNMP, assumiremos que ele está instalado e devidamente configurado para funcionar na porta 161 com a comunidade public. Se precisar de ajuda, consulte-nos na lista de discussão da comunidade Zabbix Brasil[2].

Monitorando os agentes

Com os agentes devidamente instalados, o próximo passo é monitorar os hosts e criar os primeiros gráficos.

Agente Zabbix

Supondo que você instalou o agente Zabbix num computador e cadastrou-o no Zabbix com o template Linux Servers, vamos criar um gráfico para monitorar a memória RAM disponível. Para isso, acesse a interface Web do servidor Zabbix. Clique na aba **Configuração (Configuration)** e depois clique em **Hosts**. No campo **Grupos (Groups)**, selecione a opção **To-**

Nome	Aplicações	Itens	Triggers	Gráficos	DNS	IP	Porta	Templates	Status	Disponibilidade
cliente_snmp	Aplicações (0)	Itens (207)	Triggers (207)	Gráficos (1)	-	192.168.0.73	-	Template SNMPv2 Device	Monitorado	
fedora	Aplicações (12)	Itens (104)	Triggers (41)	Gráficos (4)	-	192.168.0.95	10050	Template Linux (Template Zabbix Agent)	Monitorado	
jacuma	Aplicações (12)	Itens (104)	Triggers (41)	Gráficos (4)	-	192.168.0.25	10050	Template Linux (Template Zabbix Agent)	Monitorado	
papalequas	Aplicações (12)	Itens (104)	Triggers (41)	Gráficos (4)	-	192.168.0.31	10050	Template Linux (Template Zabbix Agent)	Monitorado	
pernalonga	Aplicações (12)	Itens (104)	Triggers (41)	Gráficos (5)	-	192.168.0.73	10050	Template Linux (Template Zabbix Agent)	Monitorado	
Zabbix server	Aplicações (15)	Itens (115)	Triggers (48)	Gráficos (5)	-	127.0.0.1	10050	Template App Apache, Template Linux (Template Zabbix Agent), Template Zabbix Server	Monitorado	

Exportar selecionado(s) Ir (0)

Zabbix 1.8.3 Copyright 2001-2010 por SIA Zabbix | Conectado como 'Admin'

Figura 1 - Exibindo os hosts cadastrados

dos (All) para exibir todos os hosts cadastrados conforme mostra a figura 1.

Clique no link **Gráficos (Graphs)**, como mostrado na figura 1. Em seguida, clique no botão **Criar Gráfico (Create Graphs)**. Será exibida a página de configuração do novo gráfico. Informe o nome "Memória RAM disponível" no campo **Nome (Name)**. Deixe os outros campos com os valores padrão. Ao lado do nome **Itens (Items)**, clique no botão **Adicionar (Add)**. Será aberta uma janela suspensa, também chamada de pop-up, como mostrada na figura 2.

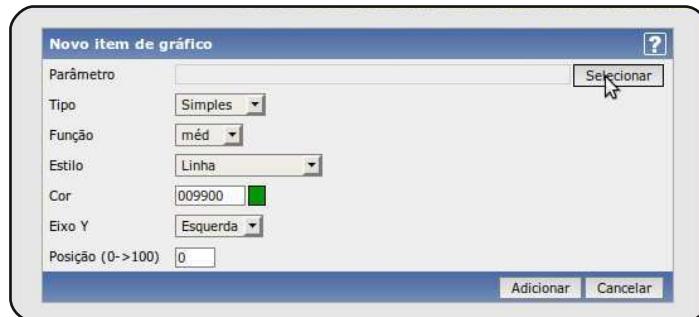


Figura 2 - Adicionando um item ao gráfico

Ao lado do nome **Parâmetro (Parameter)**, clique no botão **Selecionar (Select)**. Será aberta outra janela pop-up com uma lista de parâmetros. Nela, certifique-se de que o host a ser monitorado está selecionado, observando os campos **Grupos (Groups)** e **Host**, e clique sobre o parâmetro **Available Memory**.

No campo **Estilo (Style)**, mostrado na figura 2, escolha a opção **Região preenchida (Filled region)**. Depois disso, clique no botão **Adicionar (Add)**. A configuração final do gráfico deverá ficar semelhante a figura 3.

Pronto! Clique no botão **Salvar (Save)** para finalizar a configuração.

Para visualizar o gráfico, acesse a aba **Monitamento (Monitoring)** e depois clique em **Gráficos (Graphs)**. Certifique-se de selecionar o host nos campos **Grupos (Groups)** e **Host** e, em seguida, escolha o gráfico recém criado.

Agente SNMPv1

Considerando que o SNMP já está instalado e configurado no equipamento a ser gerenciado, vamos cadastrá-lo na interface web do Zabbix. Para isso, clique no menu **Configuração (Configuration)** e depois clique em **Hosts**. Clique no botão **Criar Host (Create Host)**. Será exibida uma página semelhante a mostrada nas figuras 4a e 4b.

No campo **Nome (Name)**, como mostrado na figura 4a, digite o nome do equipamento. No Campo **Grupos (Groups)** você pode escolher de qual grupo o equipamento fará parte.

REDES · GERÊNCIA DE REDES COM O ZABBIX

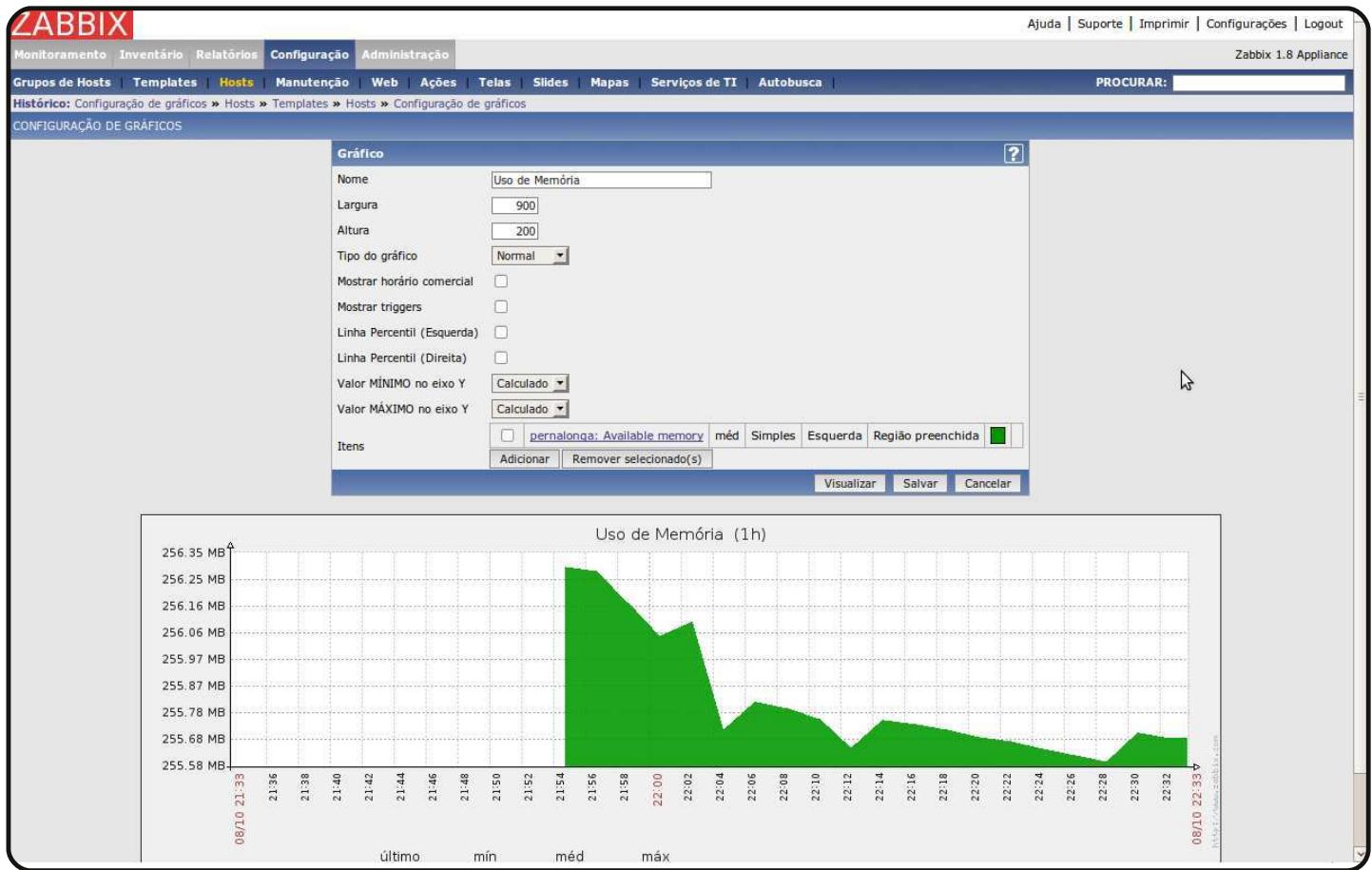


Figura 3 - Configuração do gráfico de monitoramento da memória

The screenshot shows the Zabbix 1.8.3 interface. The top navigation bar includes links for Monitoramento, Inventário, Relatórios, Configuração, Administração, Ajuda, Suporte, Imprimir, Configurações, and Logout. Below the navigation is a menu bar with Grupos de Hosts, Templates, Hosts, Manutenção, Web, Ações, Telas, Slides, Mapas, Serviços de TI, and Autobusca. A search bar labeled 'PROCURAR:' is also present. The main content area is titled 'CONFIGURAÇÃO DE HOSTS' and displays a 'Host' configuration dialog for 'cliente_snmp'. The dialog fields include:

- Nome: cliente_snmp
- Nos grupos: Grupos (empty), Outros grupos: Discovered hosts, Linux servers, Templates, Windows servers, Zabbix servers
- Novo grupo: snmp
- Nome DNS:
- Endereço IP: 192.168.0.73
- Connectado a: Endereço IP
- Porta do agente Zabbix: 161
- Monitorado por proxy: (sem proxy)
- Status: Monitorado
- User IPMI:

At the bottom of the dialog are 'Salvar' and 'Cancelar' buttons. The footer of the window reads 'Zabbix 1.8.3 Copyright 2001-2010 por SIA Zabbix'.

Figura 4a - Tela de cadastro do cliente snmp

Você também pode criar um novo grupo, para isso não selecione nenhum grupo e no campo **Novo grupo (New group)** digite o nome do grupo que deseja criar, por exemplo **snmp**.

Preencha os campos **Nome DNS (DNS Name)** e **Endereço IP (IP address)** com o nome e o IP do equipamento. No campo **Conectar a (Connect to)**, selecione se o host deverá ser localizado por nome DNS ou IP.

No campo **Porta do agente Zabbix (Zabbix agent port)**, informe a porta **161** (Porta padrão do protocolo SNMP). Os campos restantes podem ficar com os valores padrão.

Do lado direito da tela, mostrado na figura 4b, temos a opção **Associado aos templates (Linked templates)**. Clique no botão **Adicionar (Add)**. Será exibido uma janela pop-up com uma lista de templates de monitoramento. Em **Grupo (Group)**, escolha a opção **Templates**, selecione a opção **Template_SNMPv1_Device** e clique no botão **Selecionar (Select)**.



Figura 4b - Tela de cadastro do cliente snmp

Clique no botão **Salvar (Save)**. Pronto! O equipamento foi cadastrado.

Criando o gráfico

Agora vamos criar um gráfico para testar o monitoramento. Criaremos um gráfico para monitorar o tráfego de entrada e saída da interface de rede.

Clique na aba **Configuração (Configurati-**

on) e depois clique em **Hosts**. No campo **Grupos (Groups)**, selecione a opção **Todos (All)**. Clique no link **Gráficos (Graphs)**, conforme exemplificado na figura 1. Depois disso, clique no botão **Criar Gráfico (Create Graphs)**. Será exibida a página de configuração do novo gráfico.

No campo **Nome (Name)**, informe "Tráfego de entrada e saída". Deixe os outros campos com os valores padrão. Ao lado do nome **Itens (Items)**, clique no botão **Adicionar (Add)**. Será aberta uma janela pop-up como mostrada na figura 2.

Ao lado do nome **Parâmetro (Parameter)**, clique no botão **Selecionar (Select)**. Nela certifique-se de que o host a ser monitorado está selecionado, observando os campos **Grupos (Groups)** e **Host**, e depois clique sobre o parâmetro **ifInOctets2** (representa o tráfego de entrada ou download da interface de rede). Em seguida, clique no botão **Adicionar (Add)**.

Repita este procedimento para adicionar o item **ifOutOctets2** (representa o tráfego de saída ou upload da interface de rede), escolhendo outra cor para a linha que representará este tipo de tráfego. A configuração final do gráfico deverá ficar semelhante a figura 5.

Para visualizar o gráfico, acesse a aba **Monitoramento (Monitoring)** e depois clique em **Gráficos (Graphs)**. Certifique-se de selecionar o host nos campos **Grupos (Groups)** e **Host** e, em seguida, escolha o gráfico recém criado.

Agente SNMPv2

Para cadastrar o host com o agente SNMPv2, siga os mesmos passos usados para cadastrar o host com o SNMPv1. A única mudança é o template **Template_SNMPv2_Device**.

O processo de criação do gráfico é o mesmo usado para monitorar o agente SNMPv1.

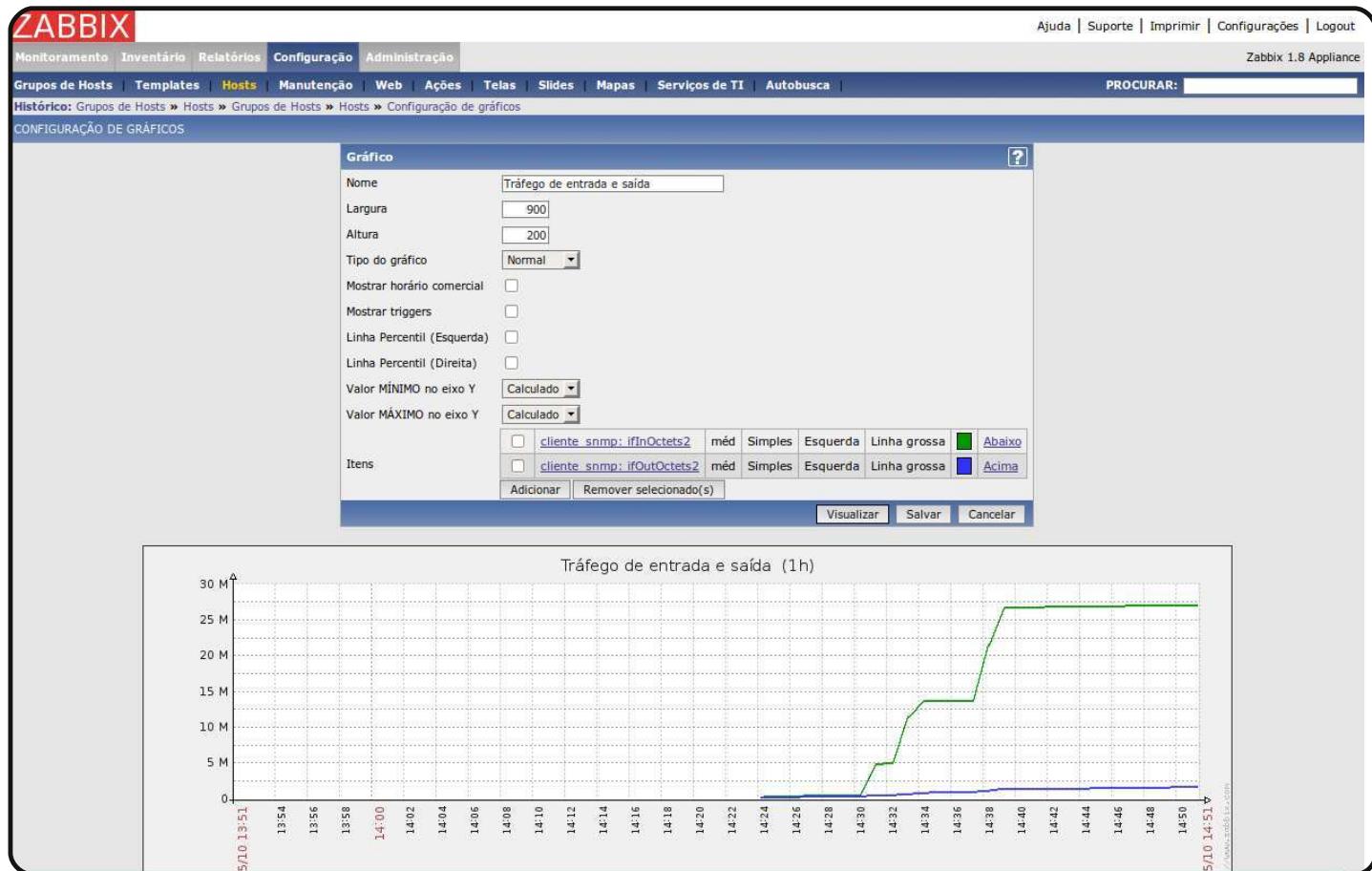


Figura 5 - Configuração do gráfico de monitoramento do tráfego de entrada e saída

Agente SNMPv3

O Zabbix não traz por padrão um template para o SNMPv3, isso devido aos vários parâmetros de autenticação que são necessários. O que é possível fazer é anotar os parâmetros de um item SNMPv1 ou SNMPv2 existentes no template e criar um novo item com as mesmas características, porém usando os parâmetros de autenticação do SNMPv3.

Ao acessar o link <http://tinyurl.com/23bqar2> você obterá um tutorial que ensina a monitorar um host com o SNMPv3 configurado.

Monitorando via Simple Check

Muitas vezes precisamos realizar a checagem de dispositivos embarcados como catracas, no-breaks, câmeras de vigilância, etc; ou seja, equipamentos que frequentemente não

vêm com suporte a SNMP e não suportam a instalação de um agente. Em outras situações precisamos monitorar se determinados serviços estão em execução, como SMTP, FTP, IMAP, POP3, SSH, HTTP, etc.

Para estes casos, o Zabbix possibilita o uso de **Simple Checks**, checagens que não necessitam de SNMP ou de agentes instalados, checagens que nos retornam "sim" ou "não", ou "true" ou "false".

Neste tutorial utilizamos a distribuição CentOS, mas os procedimentos são genéricos, com exceção da instalação do fping.

Para utilização do Simple Check é necessário a instalação do fping:

```
# yum -y install fping
```

Verifique se o fping possui permissão para o root e a flag SUID habilitada:

```
# ls -las /usr/sbin/fping  
24 -rwsr-xr-x 1 root root 23468 Jul 30 2007  
/usr/sbin/fping
```

Se for necessário altere:

```
# chown root:root /usr/sbin/fping  
# chmod a+s /usr/sbin/fping
```

Teste o funcionamento do fping com o comando abaixo.

```
# /usr/sbin/fping IP
```

A resposta deve ser:

```
IP is alive
```

Configurando o zabbix_server.conf:

```
# vi /etc/zabbix/zabbix_server.conf
```

Descomente a linha abaixo:

```
FpingLocation=/usr/sbin/fping
```

Reinic peace o processo do zabbix_server:

```
# ps -aux | grep zabbix_server  
# kill -15 PID do primeiro processo  
# /etc/zabbix/zabbix_server
```

Configurando o Simple Check de um host

Na interface web do Zabbix, acesse o menu **Configuração (Configuration)** e depois clique em **Hosts**. Em seguida, clique no botão **Criar Host (Create Host)**. Conforme demonstrado acima no Agente SNMPv1, as únicas diferenças são que a porta será 0, uma vez que não vamos usar nenhum tipo de agente e o template

será o **Template_Standalone**.

Clique na aba **Configuração (Configuration)** e depois clique em **Hosts**. No campo **Grupos (Groups)** selecione a opção **Todos (All)**. Clique no link **Gráficos (Graphs)**, conforme exemplificado na figura 1. Depois disso, clique no botão **Criar Gráfico (Create Graphs)**. Será exibida a página de configuração do novo gráfico.

No campo **Nome (Name)** informe "Ping". Deixe os outros campos com os valores padrão. Ao lado do nome **Itens (Items)**, clique no botão **Adicionar (Add)**. Será aberta uma janela pop-up como mostrada na figura 2.

Ao lado do nome **Parâmetro (Parameter)**, clique no botão **Selecionar (Select)**. Nela certifique-se de que o host a ser monitorado está selecionado, observando os campos **Grupos (Groups)** e **Host**, e depois clique sobre o parâmetro **ICMP ping**. Em seguida, clique no botão **Adicionar (Add)**. A figura 6 mostra exemplifica a configuração final do gráfico.

Para visualizar o gráfico, acesse a aba **Monitomento (Monitoring)** e depois clique em **Gráficos (Graphs)**. Certifique-se de selecionar o host nos campos **Grupos (Groups)** e **Host** e, em seguida, escolha o gráfico recém criado.

Criando o gráfico para resposta do Ping em milisegundos

Além de monitorar o estado da conexão é interessante também monitorar a resposta em milisegundos do ping. Isto pode ser usado inclusive para monitorar a qualidade do sinal da sua rede sem fio. ;-)

Na interface web do Zabbix, acesse o menu **Configuração (Configuration)** e depois **Hosts**, clique em **Itens (Items)** do host que está sendo monitorado. Em seguida, clique no item **ICMP ping** e clique no botão **Clone**. Faça as seguintes alterações:

REDES · GERÊNCIA DE REDES COM O ZABBIX

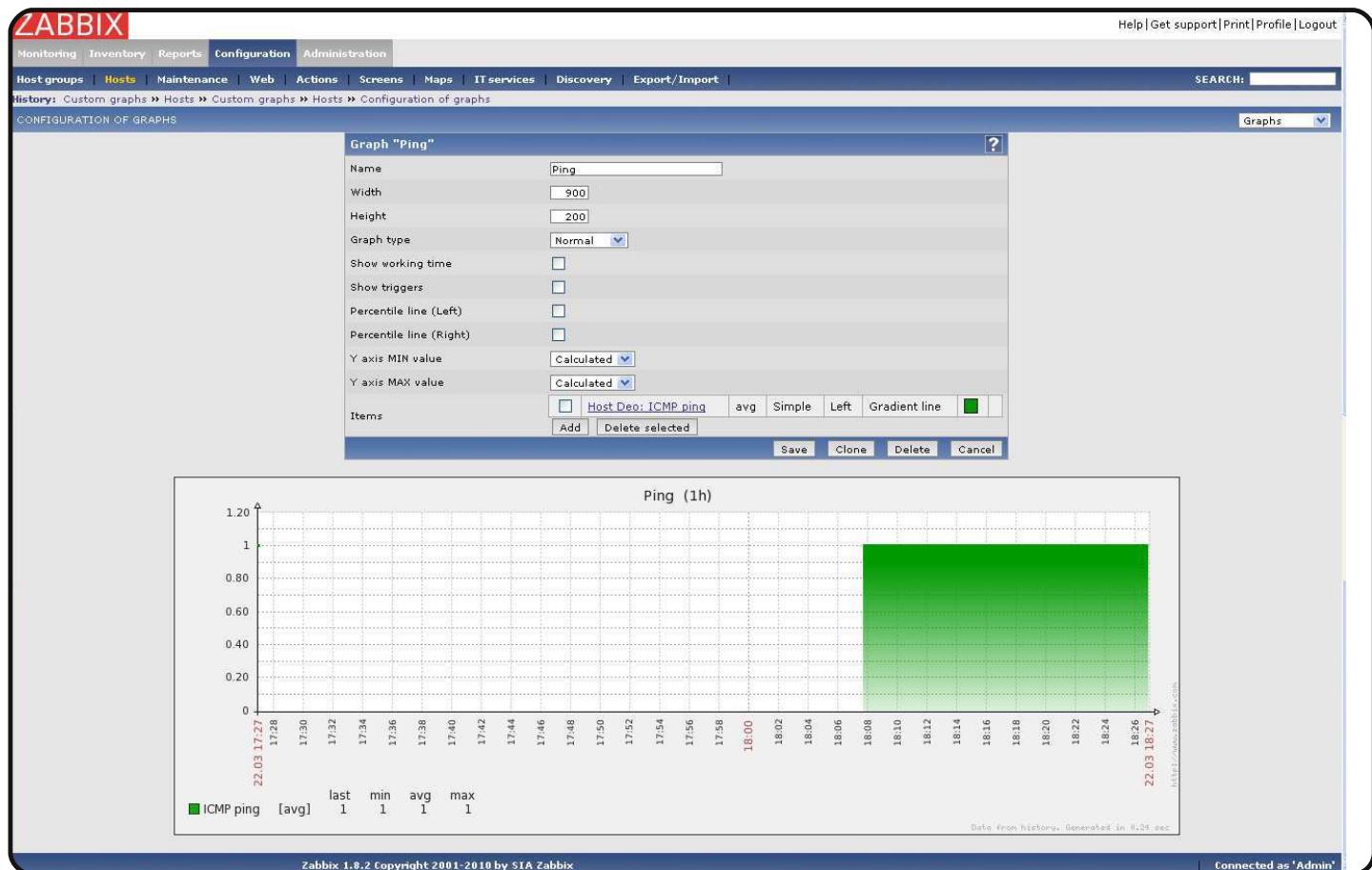


Figura 6 - Criando um gráfico para monitoramento de um host com Simple Check

This screenshot shows the Zabbix configuration interface for creating a new item. The top navigation bar and menu are identical to Figure 6. The current page is 'CONFIGURATION OF ITEMS'.

A modal window titled 'Item 'Host Deo:ICMP ping ms'' is open, containing the following configuration details:

- Host: Host Deo (selected)
- Description: ICMP ping ms
- Type: Simple check
- Key: icmppingsec (selected)
- Type of information: Numeric (float)
- Units: (empty)
- Use multiplier: Custom multiplier
- Custom multiplier: 1000
- Update interval (in sec): 30
- Flexible intervals (sec): No flexible intervals
- New flexible interval: Delay 50 Period 1-7:00:00-23:59 (Add button)
- Keep history (in days): 90 (Clear history button)
- Keep trends (in days): 365
- Status: Active
- Store value: As is
- New application: -None-
- Applications: (empty dropdown)
- Group: Discovered Hosts

Buttons at the bottom of the modal include 'Save', 'Clone', 'Delete', and 'Cancel'.

Figura 7 - Criando um item

Description: ICMP ping ms

Key: icmpingsec

Type of information: Numeric (float)

Use multiplier: Custom multiplier

Custom multiplier: 1000

Clique no botão **Save (Salvar)**. A figura 7 mostra a configuração final do item.

Precisamos alterar o Custom multiplier para 1000, pois o fping responde em milissegundos e o icmpingsec, como o próprio nome já diz, responde em segundos, por isso precisamos multiplicar por 1000, para recebermos o valor correto nos gráficos.

Agora basta você criar um gráfico com este novo item. A figura 8 mostra um exemplo do gráfico de monitoramento da resposta do ping em milissegundos.

Considerações finais

Neste artigo conhecemos a função do componente agente, vimos os tipos de agentes suportados pelo Zabbix, ensinamos a instalá-los, cadastramos no Zabbix os hosts que fazem uso do agente Zabbix, SNMP e das checagens simples e criamos os primeiros gráficos de monitoramento.

Nos próximos artigos mostraremos detalhes da interface web do Zabbix e como monitorar alguns equipamentos e serviços.

Até a próxima!



Referências

[1] DEO, André e PIRES, Aécio. **Gerência de Redes com Zabbix**. Revista Espírito Livre Ed. 18 págs. 69 a 73. Disponível em: <http://www.revista.espiritolivre.org/?p=693> Acessado em: 15 de outubro de 2010.

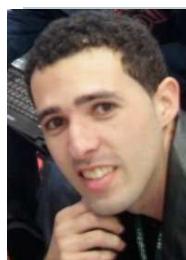
[2] **Lista de Discussão da comunidade Zabbix Brasil**. Disponível em: <http://br.groups.yahoo.com/group/zabbix-brasil/> Acessado em: 15 de outubro de 2010.

[3] **Wiki da comunidade Zabbix Brasil**. Disponível em: <http://zabbixbrasil.org/wiki/> Acessado em: 15 de outubro de 2010.

[4] **Simple Checks Manul do Zabbix**. Disponível em: http://www.zabbix.com/documentation/1.8/complete#simple_checks Acessado em: 15 de outubro de 2010.



ANDRÉ DÉO é bacharel em Sistemas de Informação, com Especialização em Redes de Computadores, atualmente é Administrador de Redes no Gabinete do Reitor da Unicamp e Professor Universitário na Faculdade Policamp, usuário de Linux desde 2002 (Slackware e CentOS). Email: andredeo@gmail.com | <http://andredeo.blogspot.com>.

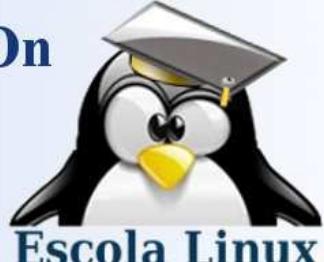


AÉCIO PIRES é Tecnólogo em Redes de Computadores pelo IFPB, está se especializando em Segurança da Informação na Faculdade iDEZ e trabalha como Administrador de Sistemas na Dynavídeo. Email: aeciopires@gmail.com | <http://aeciopires.com>.

Escola Linux
A melhor opção em Treinamentos Hands-On

Eficiência e Praticidade em cursos de curta duração

www.escolalinux.com.br - Tel: (21) 2526-7262





E por falar em segurança...

Por William Stauffer Telles

Já se vão alguns anos desde que se começou a falar em Segurança em Processamento de Dados. Dias após o início do processo de downsize da tecnologia da informação, profissionais de informática buscaram extrair o máximo dos recursos computacionais para garantir aos usuários de TI disponibilidade, integridade e confidencialidade para suas informações.

Lembro bem que, no final dos anos 1980, para compilar e rodar meus programas em COBOL lá no Ministério da Aeronáutica, era necessário perfurar diversos cartões - um para cada linha de programa -, torcer com todas as forças pra não tropeçar em nada na hora de levá-los para a leitora, e lá colocá-los para leitura e compilação. Por mais engraçado que possa parecer, meu maior medo era tropeçar e cair com aquela maçaroca de cartões perfurados, pois, se isso acontecesse, é possível que fosse mais fácil eu refazer todo o processo que tentar reordenar os fatídicos cartões.

O que eu quero com essa história é mostrar que a Segurança da Informação é um PROCESSO, e não um fato, como alguns teimam em achar. E um processo que precisa contemplar todo o escopo de operação, envolvendo desde hardware, software, processos e PESSOAS.

Por mais que se tenha falado bastante nas normas da família ISO 27000, como a ISO 27001, por exemplo, tem-se difundido muito pouco sobre o assunto nas micro e pequenas empresas. Info-Sec não pode ser apenas uma sigla aplicável às grandes corporações.

Em todo treinamento que ministro sobre Segurança da Informação, recebo a mesma pergunta: como posso tornar a área de informática lá da empresa mais segura? Pois é.... É aí mesmo em que reside o problema. Quem foi que disse que segurança da informação é uma questão que tem de ser resolvida somente pela TI? Quem, na empresa, é responsável pelo estabelecimento dos processos de negócio? Quem, na empresa, realiza as contratações de pessoal? Quem, na empresa, opera os programas de computador disponibilizados pelos "patinhos feios" lá da TI? Compreendeu agora?

De acordo com a ISO 27001, em seu item A.5.1.1, temos o seguinte: "Um documento de política de segurança da informação deve ser aprovado pela **direção**, publicado e comunicado para **todos os funcionários** e partes externas relevantes" (negritos por minha conta). A não ser que eu esteja enganado, esse texto deixa claro que segurança da informação é uma questão de responsabilidade GLOBAL dentro da organização!

Só para exemplificar: se um operador de caixa de supermercado deixa de registrar, propositadamente, determinado produto de um cliente, ele é culpado pelo crime de furto/roubo, mas também é o grande responsável pela inconsistência de dados que acabam de ser gerados no controle de estoque, fato que irá repercutir no controle financeiro, que, por sua vez, irá afetar a receita operacional disponibilizada e orçada para efetuar o pagamento do tal funcionário!

“ “ Não podemos criar processos e sermos responsáveis pelo seu cumprimento. ” ”

William Stauffer Telles

Meus caros, se segurança fosse uma questão exclusiva da TI, o que nós teríamos é o cachorro tomando conta da linguiça! Não podemos criar processos e sermos responsáveis pelo seu cumprimento. Novamente, temos a ISO 27001 nos apoiando em seu ponto A.6.1.2: "As atividades de segurança da informação devem ser coordenadas por representantes de diferentes partes da organização, com funções e papéis relevantes".

Pensar em um ambiente seguro para as informações pessoais ou organizacionais é muito bom, mas pensamento sem ação não produz nem nunca produziu resultado. É preciso mais AÇÃO, e basta boa vontade pra começar a implementar pequenas e boas práticas de segurança, como instalar e manter atualizado um antivírus em seu computador. Por falar nisso, já atualizou seu antivírus hoje? Viu o log do firewall? Conferiu os acessos não autorizados no proxy? Instalou patches de atualização crítica de segurança? Verificou se houve tentativa de acesso não autorizado nos AP's? Ufa... por falar em segurança, o bluetooth do seu celular está ligado agora??? 🤦



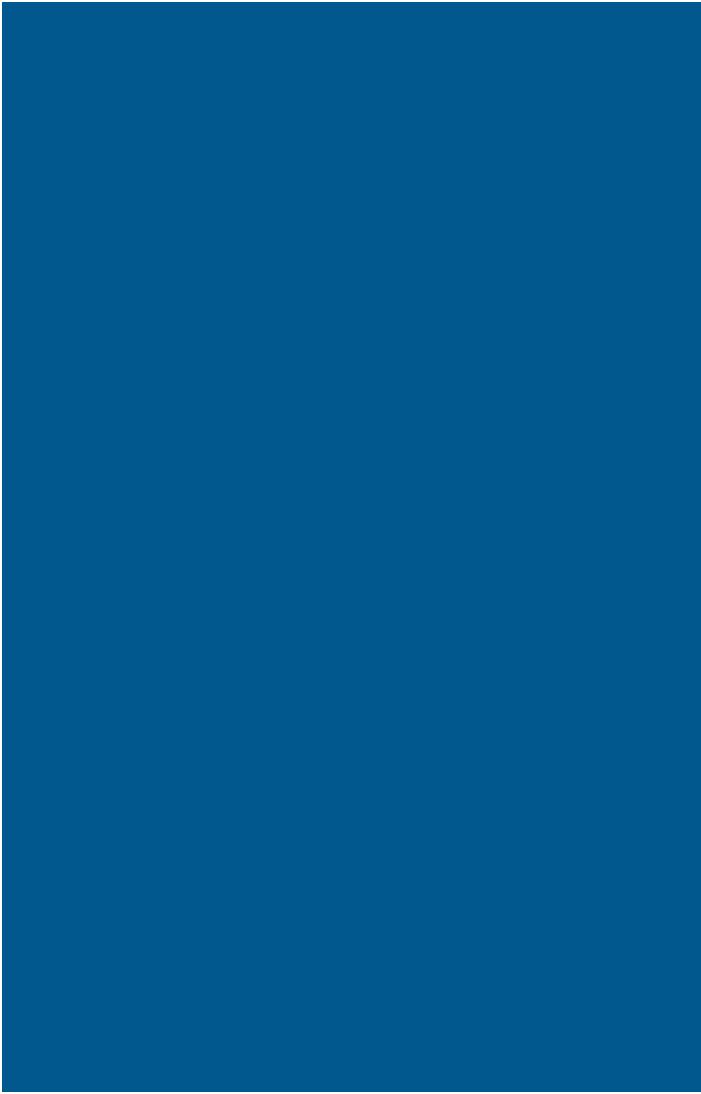
WILLIAM STAUFFER TELES é engenheiro da computação, especialista em Ciência da Computação Forense. Mais de 20 anos atuando em TI. Membro da HTCIA. Membro do Comitê Gestor CB21/CE27 de Segurança da Informação da ABNT. Diretor Técnico da NID Forensics, criadora e mantenedora da Certificação Certified Digital Forensic Investigator - CDFI.



LibreDWG

GNU LibreDWG: libertando arquivos CAD

Por Rodrigo Rodrigues da Silva e Felipe Corrêa da Silva Sanches



Todo engenheiro ou arquiteto usuário de software livre já deve ter reclamado da falta de opções de softwares livres para CAD ou, ainda, do estágio prematuro da maioria das opções existentes. Para quem não sabe do que estamos falando, a Wikipedia pode ajudar: "Computer-Aided Design (CAD) (em inglês), ou desenho assistido por computador, é o nome genérico de sistemas computacionais utilizados pela engenharia, geologia, arquitetura, e design para facilitar o projeto e desenho técnicos. No caso do design, este pode estar ligado especificamente a todas as suas vertentes (produtos como vestuário, eletroeletrônicos, automobilísticos, etc.), de modo que os jargões de cada especialidade são incorporados na interface de cada programa."

Sabendo dessa deficiência e no intuito de evitar que um escritório de engenharia recém convertido ao software livre voltasse a instalar softwares proprietários procurando suprir suas necessidades de CAD, iniciamos um projeto de pesquisa para mapear as principais soluções livres existentes nessa área, identificar as deficiências que impedem que usuários CAD migrem para elas e, finalmente, atuarativamente para que essas deficiências deixem de existir, seja

apenas relatando bugs e feature requests junto às comunidades, ou por meio da implementação de novos recursos.

A busca

Nossa pesquisa apresentou um resultado muito claro: de todas as ferramentas analisadas, cerca de duas dezenas, nenhuma suportava o formato DWG. DWG é um formato de arquivos criado na década de 70 usado por padrão para o armazenamento de dados do AutoCAD, a principal suíte CAD (proprietária) do mercado. Devido à popularidade do AutoCAD, a grande maioria dos arquivos CAD que são distribuídos e compartilhados estão nesse formato e, consequentemente, até pouco tempo, eram totalmente inacessíveis sem o uso de algum software proprietário.

Considerando o lock-in [0] causado pelo DWG como uma barreira à sua entrada no mercado CAD, em 1998 alguns concorrentes da Autodesk, com o intuito de viabilizar a migração de usuários para suas próprias ferramentas - todas elas proprietárias -, formaram um consórcio chamado Open Design Alliance [1], que tinha como objetivo realizar um processo de engenharia reversa do formato DWG. Um dos resultados desse consórcio foi a publicação de uma especificação não-oficial do formato [2]. Trata-se de um documento de cerca de 180 páginas que contém os detalhes técnicos sobre como a informação de um projeto, composto por desenhos, partes, vistas, sólidos, definições, etc, é armazenada dentro de um arquivo DWG.

Além da especificação, publicada em seu website, a ODA desenvolveu uma biblioteca, na época chamada de OpenDWG, que implementava o formato. O termo open, nesse caso, leva os

“ Todo engenheiro ou arquiteto usuário de software livre já deve ter reclamado da falta de opções de softwares livres para CAD ou, ainda, do estágio prematuro da maioria das opções existentes.”

Rodrigo Rodrigues e
Felipe Sanches

desavisados a um tremendo equívoco: a biblioteca não pode ser considerada livre nem open source. Apesar de inicialmente distribuída gratuitamente - o que, por sua vez, impeliu vários desenvolvedores de programas CAD livres a utilizarem-na em seus projetos - hoje ela está disponível apenas para membros do consórcio, cujo grau de associação mínimo (usuário final) demanda uma taxa anual de US\$1,500.00. Não queremos aqui condenar o fato de a biblioteca ser paga, afinal, software livre não quer dizer necessariamente software gratuito; mas sim alertar os leitores sobre as possíveis armadilhas do software proprietário e gratuito, em geral conhecido como freeware.



REVISTA
espírito
livre

LIBERDADE E INFORMAÇÃO

<http://www.revista.espiritolivre.org/>

Resultados

Depois de algum tempo procurando por bibliotecas livres para manipulação de arquivos no formato DWG, chegamos à LibDWG [3], uma biblioteca coincidentemente escrita por um brasileiro e que suportava apenas cerca de 20% da especificação OpenDWG. Porém essa biblioteca possuía uma característica muito peculiar, que, para a maioria dos possíveis colaboradores, seria um entrave: seu autor, como bom esperantista, escrevera toda a documentação, nomes de variáveis e comentários do código em Esperanto, a pretensa língua internacional - apenas as palavras reservadas do C em inglês.

Sem julgar o mérito do Esperanto, consideramos que a dificuldade em aprender uma nova língua antes de começar a programar seria uma barreira à evolução de um software livre, e, usufruindo dos direitos proporcionados pela licença GNU GPLv3 [4], em 15 minutos fizemos um fork do projeto e começamos a traduzi-lo para o inglês, a lingua franca no meio hacker.

Após algumas aulas on-line de Esperanto e umas duas semanas de tradução, praticamente todo o código já estava traduzido para o inglês e devidamente publicado no Google Code. A partir daí passamos a implementar os pontos faltantes da especificação, como os objetos gráficos do DWG, e suporte a outras versões além da R2000, até então a única suportada - a cada duas ou três versões do AutoCAD a Autodesk cria uma nova versão do formato, potencialmente incompatível com e substancialmente diferente, nos aspectos internos, das versões anteriores. Nascia, assim, a LibreDWG [5].

LibreDWG e o Projeto GNU

A Free Software Foundation mantém uma lista de projetos considerados prioritários para o Software Livre [6]. Tendo já trabalhado por alguns dias na LibreDWG, descobrimos que um destes projetos era exatamente a implementação de uma biblioteca livre que substituisse a biblioteca proprietária da Open Design Alliance. A

libDWG, assim como outras iniciativas que também pretendiam implementar o formato mas ainda não o haviam feito, como a VectorSection [7], era apenas citada como possível projeto. Como já tínhamos alguma proximidade com a Free Software Foundation e o Projeto GNU, resolvemos atender à solicitação feita pelo próprio Richard Stallman, com quem havíamos conversado em uma recente passagem pelo Brasil, e inscrever a LibreDWG como candidata a se tornar um pacote GNU.

Um pacote GNU é um subprojeto relativamente independente do Projeto GNU, que implementa alguma funcionalidade específica do sistema GNU. Devido à relevância do projeto e ao fato de ele estar na lista de projetos prioritários da FSF, e após atendermos a algumas sugestões feitas pelo avaliador designado para nossa proposta, o projeto foi aprovado. Um detalhe curioso é que uma das condições para ser aprovado como pacote GNU é que o código seja escrito em inglês.

Como contribuir

Para contribuir com a LibreDWG não é necessário ser um especialista em programação. O código é todo feito na linguagem C - nada de outro mundo como o código do dropdown da GTK! Mesmo quem não programa pode contribuir escrevendo documentação, testando a LibreDWG em seus arquivos (temos um conversor experimental de DWG para SVG) ou ainda fornecendo arquivos DWG para nossa suíte de testes. Em nosso wiki [8] há um guia passo a passo sobre como instalar e utilizar a LibreDWG, além dos nossos canais de contato. Estamos sempre abertos a sugestões e a auxiliar contribuidores e possíveis usuários interessados. Compile a LibreDWG e tente converter um dos seus arquivos DWG para SVG. Caso a conversão não fique boa, por favor mande-nos um e-mail pois seu arquivo pode nos ajudar a achar falhas na biblioteca.

Universidade e software livre

Todo o processo que levou à criação da LibreDWG, desde o levantamento da necessidade de suporte a DWG até o início do desenvolvimento, ocorreu dentro do PoliGNU - Grupo de Estudos de Software Livre da Poli/USP [9]. Acreditamos que a atividade em grupo tenha sido essencial para o levantamento das deficiências dos CADs livres e à identificação de um item prioritário.

Caso o leitor tenha interesse em criar (ou já tenha criado) um grupo parecido em sua universidade, entre em contato para trocarmos experiências. Gostaríamos de replicar o processo de fomento a grupos de estudos de software livre por meio do desenvolvimento de outros itens estratégicos, como os listados pela FSF.

Estado atual e perspectivas

No momento em que escrevemos essa matéria, o projeto conta com cerca de 5 contribuidores mais ou menos (in)constantes. Já cobrimos cerca de 99% da especificação OpenDWG para as versões R13, R14, R2000 e R2004. O suporte à escrita foi desenvolvido recentemente com o apoio financeiro do programa Google Summer of Code [10], e está próximo de ser lançado. Já temos bindings para outras linguagens de programação como Python e Perl no forno.

A biblioteca está próxima do lançamento de uma versão alpha, e já temos em vista a sua inclusão no repositório do Debian e seu uso em alguns softwares CAD livres, como o FreeCAD. O GRASS [11], um poderoso software livre de análise geográfica, já possui um plugin (quase pronto) que substitui o antigo plugin dependente de software proprietário. Caso você esteja envolvido com o desenvolvimento de algum software que necessite suporte DWG, contate-nos e contribua!

Happy hacking! 

Referências

- [0] http://pt.wikipedia.org/wiki/Aprisionamento_tecnológico
- [1] <http://opendesign.com>
- [2] <http://opendesign.com/files/questdownloads/DwgFormatSpec13-2007.rtf>
- [3] <http://libdwg.sourceforge.net>
- [4] <http://www.gnu.org/licenses/gpl.html>
- [5] <http://gnu.org/software/libredwg>
- [6] <http://www.fsf.org/campaigns/priority-projects/>
- [7] <http://vectorsection.org/>
- [8] <http://groups.fsf.org/wiki/LibreDWG>
- [9] <http://polignu.org>
- [10] <http://code.google.com/soc>
- [11] <http://grass.osgeo.org>

© 2010 Rodrigo Rodrigues da Silva e Felipe Corrêa da Silva Sanches
Este texto é disponibilizado nos termos da licença Creative Commons
Atribuição Compartilhamento pela mesma licença,
<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/br>



RODRIGO RODRIGUES DA SILVA
(pitanga@members.fsf.org) é engenheiro de computação e mestrandando pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. É membro do projeto GNU e contribui para o desenvolvimento de CAD's livres. Membro fundador do Grupo de Estudos de Software Livre da Poli/USP (PoliGNU) e mantenedor da biblioteca livre GNU LibreDWG.



FELIPE CORRÊA DA SILVA SANCHES
(juca@members.fsf.org) é desenvolvedor e evangelista do software livre, e contribui com projetos como Inkscape, Universal Subtitles e GNU. Membro fundador do Grupo de Estudos de Software Livre da Poli/USP (PoliGNU) e mantenedor da biblioteca livre GNU LibreDWG.

PARABÉNS A TUX-ES



Por Albino Biasutti Neto

Nós da Comunidade de Software Livre do Espírito Santo, Tux-ES, temos o prazer de anunciar a todos, o nosso primeiro ano de vida! É muito satisfatório, principalmente para mim, que criei a comunidade, ver o grande envolvimento de todos.

Me iniciei no Linux praticamente na mesma época em que criei a Tux-ES, com o objetivo de ajudar, divulgar, promover eventos com o Software Livre e, principalmente, movimentar o Software Livre no Espírito Santo. Com a ajuda da Tux-CE (Comunidade Cearense), com o Marcelo Cavalcante, demorou apenas um pequeno período para que a ideia saísse do papel e se transformasse no portal.

Passado pouco tempo da criação da comunidade, conheci João Fernando, da Revista Espírito Livre, e juntos realizamos alguns eventos, como por exemplo O Dia da Liberdade dos Documentos (DFD - Document Freedom Day) e o FLISOL (Festival Latino Americano de Instalação de Software Livre). Eventos estes que foram ótimos para a comunidade, pois tivemos grandes palestrantes e participantes muito interessados, o que nos rendeu visibilidade, novos membros e artigos na revista.

Com o intuito de manter a "interatividade" dentro da comunidade, criamos o Liberdade Inte-

rativa, um evento baseado nos eventos "Day", que acontece a cada dois meses e, atualmente, conta com duas Palestras/Workshops por evento. Nele, as pessoas podem trocar ideias, compartilhar conhecimento e, porque não, fazer um bom networking.

Como toda comunidade, tudo o que a Tux-ES faz é em conjunto. Todas as ideias são discutidas. Opiniões, críticas e sugestões são ouvidas e assim conseguimos atingir nossos objetivos e realizar nossos eventos. Quero agradecer a todos que ajudam nesses processos, mesmo de longe, apenas com palavras, e também a todos que ajudam diretamente, se esforçando na medida do possível. Esperamos que a cada ano que passe mais e mais eventos sejam realizados, e mais e mais pessoas fiquem satisfeitas com o nosso trabalho. 



ALBINO BIASUTTI NETO é graduando em Sistema de Informação, membro da comunidade Tux-ES. Trabalha com Redes, Servidores Linux e Windows, e programação em C. Integrante do movimento Software Livre e Linux.



GNUTéco: nosso ponto de encontro para comunidades de Software Livre

Por Noellen Samara

Dez realmente é um número mais do que especial, é a soma dos quatro primeiros números, tornando-se conhecido como Tetrakty Pitagórica ($1+2+3+4=10$). Simboliza o sentido da totalidade e de uma conclusão. Representa a porta aberta para a eternidade, já que sua energia é guiada pelo princípio da mudança, afirmando que nada é permanente na vida.

Dez é também a nova versão do Ubuntu, 10.10, lançado no dia 10/10/2010. Com tanto significado e filosofias presentes, somente o Ubuntu poderia realmente ser a inspiração para tantas comemorações pela comunidade de Software Livre. Dentre essas comemorações nesse dia memorável, temos mais um orgulho a apresentar: O GNUTéco.

O GNUTéco veio para reforçar ainda mais os laços e interações com encontros entre comunidades que propõem e incentivam o uso do Software Livre. Nosso objetivo é aproximar cada vez mais, visando a troca de experiências e a difusão da informação. E nossa primeira edição foi um sucesso!!!

Inspirados pelo lançamento do Ubuntu, concretizamos nossa iniciativa comemorando e confraternizando com pessoas interessadas em levar essa ideia adiante. De uma forma despojada, divertida e aconchegante, nos encontramos na pizzaria República Pizza Bar, em Campinas, para um bate papo amistoso e cordial sobre Software Livre.

O Edson Lima fez uma breve apresentação sobre os motivos que o levaram a defender o Software Livre, e principalmente o Ubuntu. Ouvimos o relato de uma jovem usuária que migou a pouco tempo, e decidiu que outros Sistemas Operacionais definitivamente são águas passadas. A Ursinha esclareceu algumas dúvidas e principalmente estendeu o convite para novos participantes. Dessa forma simples, mas cativante, observamos que realmente uma comunidade é mais do que apenas ter interesses em comum, é participar, partilhar expectativas e valores, contribuindo com o enriquecimento de todos. Esse dia foi realmente um "10 perfeito".

Muito obrigada a todos que compareceram e aos que ajudaram a divulgar: a comunidade de Indaiatuba [1] ou [2], a comunidade de Campinas [3] e a todos que, a partir de agora, se propuseram a apoiar cada vez mais o nosso grupo e a difusão do Software Livre em nossa região, foi um prazer e uma satisfação conhecer a todos, e desde já, vamos nos programar para o próximo ;-)

Fiquem atentos ao nosso próximo encontro, basta acompanhar pelo site do GNUTeco [4] nossa programação. 

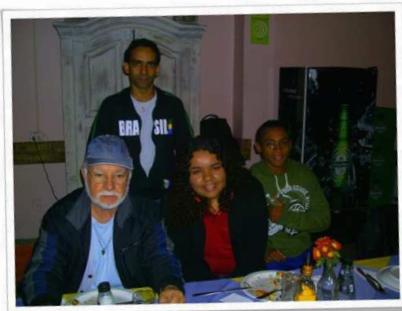
[1] <http://comunidadadelinuxindaiatuba.com.br/forum/>

[2] <http://comunidadadelinuxindaiatuba.blogspot.com/>

[3] <http://www.ubuntucampinas.org/>

[4] <http://www.gnuteco.org/>

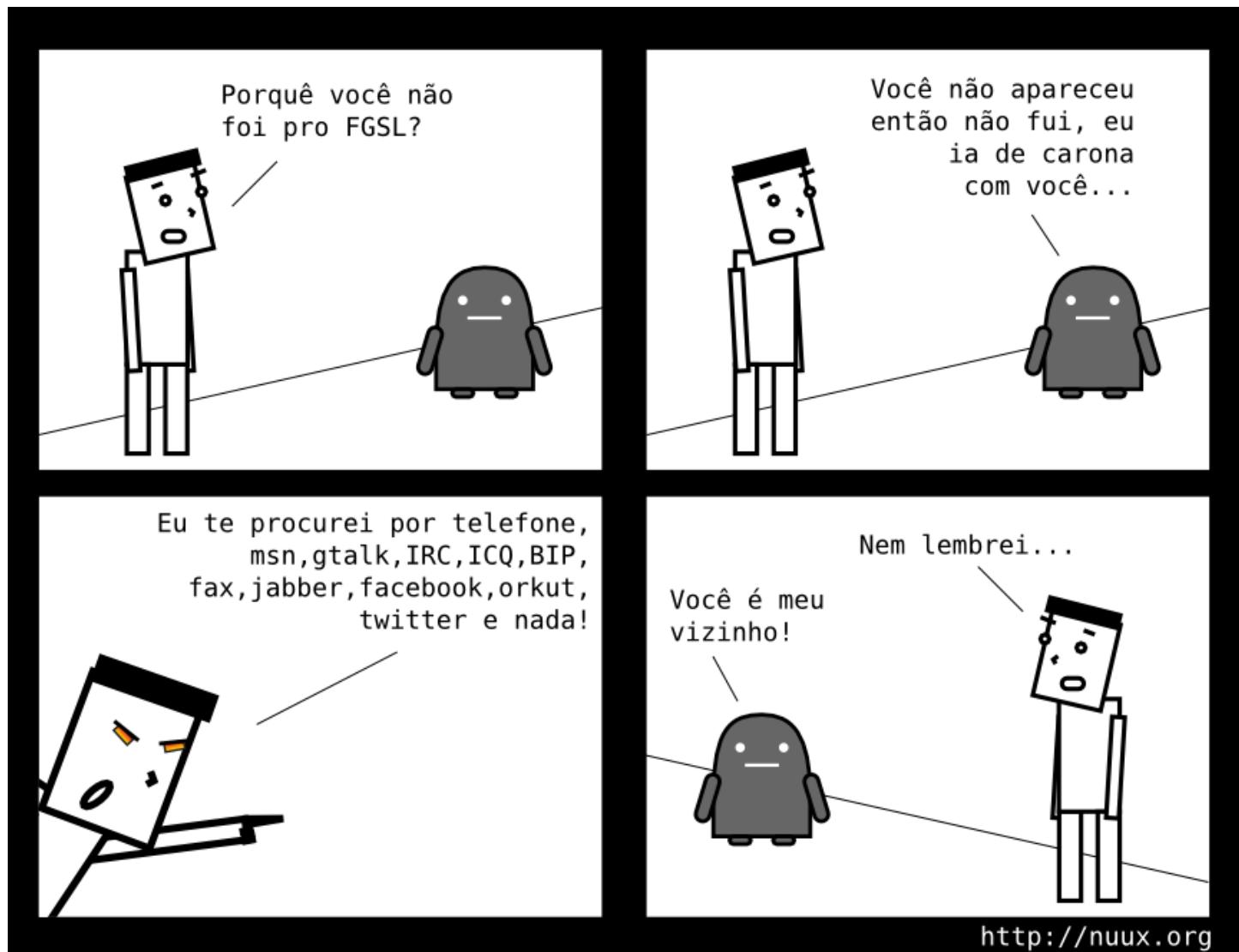
EVENTO · RELATO DO EVENTO: GNUTECO - CAMPINAS/SP



NOELLEN SAMARA É Estudante de Informática para Gestão de Negócios na FATEC de Jundiaí, apaixonada por Software Livre e sua filosofia. Trabalha com desenvolvimento e customização de sistemas ERP e às vezes divaga no blog <http://www.tecnologialivre.acesso.blogspot.com>.

QUADRINHOS

Por João Felipe Soares Silva Neto e José James Figueira Teixeira



DEPARTAMENTO TÉCNICO



REVISTA

espírito livre

LIBERDADE E
INFORMAÇÃO

MANTENHA-SE
INFORMADO!

<http://revista.espiritolivre.org>

AGENDA

DEZEMBRO/2010

Evento: Pensando TI

Data: 01/12/2010

Local: Rio de Janeiro/RJ

Evento: 3º Simpósio

Hipertexto e Tec. na Educação

Data: 02 e 03/12/2010

Local: Recife/PE

Evento: 15º EDTED

Data: 04/12/2010

Local: Recife/PE

Evento: Seminário 2010

Tchelinux

Data: 04/12/2010

Local: Porto Alegre/RS

Evento: Seminário Gerenciamento de Help-

Desk/Service Desk

Data: 07/12/2010

Local: São Paulo/SP

Evento: Palestra técnica do CISL - Apresentação Aplicações Críticas

Data: 07/12/2010

Local: Rio de Janeiro/RJ

Evento: 7º FGSL

Data: 10 e 11/12/2010

Local: Goiânia/GO

Evento: II Forum de Software Livre

Data: 11/12/2010

Local: Duque de Caxias/RJ

Evento: Palestra Técnica do CISL - Videoconferência Web com o OpenMeetings

Data: 16/12/2010

Local: Fortaleza/CE

JANEIRO/2011

Evento: Palestra Técnica do CISL - Software Livre - uma visão de futuro

Data: 13/01/2011

Local: Recife/PE

Evento: Campus Party 2011

Data: 17 a 23/01/2011

Local: São Paulo/SP

Evento: Palestra Técnica do CISL - Python em sistemas corporativos

Data: 26/01/2011

Local: São Paulo/SP

ENTRE ASPAS · CITAÇÕES E OUTRAS FRASES CÉLEBRES

“ “

O homem é livre; mas ele encontra a lei na sua própria liberdade.

” ”

Simone de Beauvoir - Filósofa, ensaísta e escritora francesa

Fonte: Wikiquote